



DANDO A
LETRA

FERNANDA RIBEIRO
QUEIROZ DE OLIVEIRA

EDITORA



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA

REITORA

Luciana Miyoko Massukado

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Veruska Ribeiro Machado

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA

Paulo Henrique Sales Wanderley

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Giovanna Megumi Ishida
Tedesco

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Rodrigo Maia Dias Ledo

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

José Anderson de Freitas Silva

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

Mariana Carolina Barbosa Rêgo

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Sandra Maria Branchine

EDITORA



Reitoria - SGAN Qd 610, módulos D, E, F, G
CEP: 70860-100 Brasília-DF
www.ifb.edu.br
Fone: +55 (61) 2103-2108
editora@ifb.edu.br

O48 Oliveira, Fernanda Ribeiro Queiroz de
Dando a letra. / Fernanda Ribeiro Queiroz de
Oliveira. - Brasília: Editora IFB, 2021.
161 p. : il. color.
Edição digital.
ISBN: 978-85-64124-80-6
1. Língua portuguesa. 2. Estudo e ensino. 3. Ensino
Médio. 4. Professores. 5. Formação. I. Oliveira,
Fernanda Ribeiro Queiroz de. II. Instituto Federal
de Brasília. III. Título.

CDU 806.90-07



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos
nos capítulos são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora IFB.
É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que
citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.

Apresentação	5
Cartas à língua brasileira	9
À procura da linguagem perdida	9
A autoria no sujeito inexistente	14
E o Seo Português, vai bem?	17
O meu português é índio	20
Arquitetura das frases	22
Teu corpo, palavra.....	26
A escola das imagens, a arma das imagens, a nulidade do olhar.....	28
A maestria do simples	30
Respirar ensinamento	32
O mercado da leitura	34
O ódio contra os professores.....	38
Ser no outro	40
Mãe não é madrasta	42
O jumento da opinião	44
Nós, os maus.....	46
Facebook e a rebelião da vacina.....	48
Ouroboros.....	50
Tem um mimimi no seu blablá - ou de quando as pessoas deixaram de ouvir e desaparede-ram o falar	52
O malefício do cancelamento.....	55
O casal primordial.....	58
Gramatiquitas	62
Verbo.....	62
Pronome relativo.....	63

Passando pela sala	64
Ciclo 1.....	65
Ciclo 2.....	70
Ciclo 3.....	74
Ciclo 4.....	79
Ciclo 5.....	82
Ciclo 6.....	85
Ciclo 7.....	91
Ciclo 8.....	94
Ciclo 9.....	98
Ciclo 10	102
Ciclo 11.....	105
Ciclo 12.....	108
Ciclo 13.....	110
Ciclo 14.....	114
Ciclo 15.....	121
Ciclo 16.....	125
Ensino e gênero nos textos das pessoas.....	128
O discurso da vergonha	128
A causa do nascimento.....	130
E fez-se o verbo do mundo.....	133
A cultura do estupro.....	136
EU SOU A ESCRITORA	138
Conclusão.....	156
Referências	157

APRESENTAÇÃO

Professor, em sua essência, é aquele que ama o conhecimento. Ama mesmo. Sem exageros. Afinal, esse é o meio e o fim de sua atividade. Os outros, aquelas aves sazonais que enfiam o bico na educação por falta de “coisa melhor”, são infiltrados apenas. Descobrir, estabelecer novas conexões, novos processos, ver emergir, daquele lodo primordial, ideias vivas, tortas, certas, mancas, imensas, infinitesimais, todas importantes, faz da sala de aula um ambiente tão propício ao conhecimento quanto a ignorância ao fanatismo.

Infelizmente, há o profissional que se esquece de que o ambiente da sala de aula deve ser fundado na concepção de que os alunos são seres pensantes, inteligentes, capazes de produzir e não só receber. E ele se apega à ilusão de que ele deve transmitir o máximo de sua sabedoria a aquele público vazio de informação. Esquece-se do que seria essencial e tudo ganha imensas proporções. O professor é um vaidoso. Sente-se injustiçado por aqueles que não dão a mínima para tudo o que ele sabe. É onde o perigo e o erro se abraçam. Conhecer não vem pela “transmissão”, pela “bagagem”, pelo “passar o que sabe”. Conhecer é amarrotado, não-linear, inconclusivo, participativo. Na maioria das vezes, os alunos “sabem que existe”, mas não interagem com isso. Não estabelecem conexões, não desafiam o paradigma na tentativa de apresentar outro. Por quê?

Há uma sociedade que se aterroriza com o conhecimento, com informação e com toda a carga de inconformismo que ela pode gerar? Sim. Há esse Brasil rançoso, ressentido da atividade intelectual, que, esquizofrênico, diz que só a educação salva, mas rejeita o professor e qualquer atividade intelectual como trabalho? Céus! E como! Deve ser por isso que todos se atrevem a ensinar o profissional da educação o que fazer. Achem que não dá trabalho estudar. Trocadilho dos pesadelos. Apesar de todo esse sufocamento, o professor vai cruzar os braços e se transformar no não-ressuscitado? Há que se inconformar. Porque o conhecimento só pode ser inconformista.

Todavia, o que ninguém conta é que esse profissional que resiste adoece. Imensamente. Depressão, esgotamento, exaustão. A luta é contra toda uma desvalorização e desrespeito sistêmicos, em que, não raro, os próprios gestores escolares menosprezam a massiva tarefa que é estar em sala de aula. Os heróis não surgem bem alimentados por certo. Ainda está nas mãos do professor a sua sala de aula. Ainda dá para burlar o sistema que já decidiu quais alunos serão chefes e quais serão os subalternos. Primeiro, então, deve-se combater a arquitetura de crenças construídas nos alunos antes mesmo de que nascessem.

Não há aluno burro, não há predestinação intelectual, não há quem não nasceu pra “isso”, não há pai que saiba qual profissão seu filho deseje (nem o filho sabe direito). Aprender é bom. Aprender é o máximo. Ser espectador é que não é atraente. Convencer o estudante de que ele deve se dedicar aos estudos como se dedica a tutoriais de jogos ou a mídias sociais não passa pela luta do fútil contra o importante, nem do professor se transformar em um palhaço atraindo o aluno para si e não para o que ensina. Tem a ver com a autoestima dos dois – do aluno se sentindo relevante, do professor se sentindo importante.

E está relacionado com o “excesso” de autoestima do educador também, que acredita que cada detalhe é extremamente relevante, que o aluno deve se “virar” para acompanhar essa genialidade do quadro branco e *datashow*, que planejamento didático é uma humilhação para quem sabe tanto. Tem desses aí. E muitos. E muitos desses muitos nem estudam tanto. Verdades sejam ditas. E questionadas. É nessa agonia que se deve encarar uma missão de pesquisador. Do que eu ensino, qual o miolo? Quais os elementos motrizes de onde os outros são gerados ou inferidos? O que é perna e o que é unha do que eu trago para sala de aula? Retirar o foco do conteúdo por ele mesmo e como caminho para a nota do bimestre.

Na área de língua portuguesa, por exemplo, é relevante o aluno decorar as regras de uso da vírgula ou aprender a observar a linguagem e depreender essas regras, transformá-las racionalmente em algo intuitivo? O que leva ao conhecer? Falar muito, trazer muito, acaba retirando o ensino da sala. Ler o texto e já explicar ao aluno, usá-lo de pretexto com uma temática polêmica para a aula parecer legal, traduzir tudo para agilizar a entrega do diário, colocar os tempos de cada um dentro de um único relógio, não ensi-

na português. Nem brasileiro. Nem gente nenhuma. Ter paciência. Paciência para o aluno que ainda está juntando sílabas no ensino médio, paciência para não cair na afobação de dar logo a resposta, paciência para ficar calado enquanto eles pensam, paciência para aquele que se acha esperto, paciência para si inclusive, que queria ensinar mas ainda está rebolando para ensinar a diferença de sala de aula e quarto de casa.

Esse momento autoriza um palavrão. É foda!

Entretanto, o professor raiz é o que valoriza o conhecimento acordando no outro. Todos somos conhecedores de algo. A escola só não existe para validar o que se tem e pronto. A escola existe para criar seres tão confiantes que conseguirão entender que aprender é processo para gerar autonomia e que o conhecimento que sustenta seus pés estará sempre a um passo de ruir e novas construções serão feitas. Cartesianamente, alcançar que o que se sabe é um barracãozinho provisório que toda hora se desmancha. Para isso, pragmaticamente, o que fazer? Não se tem receita. Algumas sugestões apenas: 1. Separar o que o aluno realmente precisa saber daquilo que é interessante se der tempo. 2. Sem didática, o conhecimento do professor é inútil para a sala de aula. 3. Professor, ao mesmo tempo, que deve atentar para o exercício de humanidade que é sua carreira, deve retirar, na medida do possível, o enfoque pessoal. Nem tudo é contra ele, nem tudo depende dele, nem tudo é possível, nem todos os alunos começarão a caminhar.

Professor, para sobreviver, precisa encontrar o equilíbrio entre compreender a sua importância e a sua impotência ao mesmo tempo. É uma carreira mais dolorosa que a de médicos de UTI. Os “clientes” não morrem definitivamente, mas, presenciam muitas mortes que se desejam temporárias, de sonhos, de fuga, de melhora social e familiar, potencialidades que escapam pelos dedos. Conhecer liberta, mas arranca pedaços. É assim que a ignorância seduz, cria uma mentira onde se pode morar por tempo indeterminado.

E ser professor das “propedêuticas” em escolas de ensino técnico como os Institutos Federais? Duplo trabalho em ser reconhecido como relevante por muitos colegas de profissão e pelos alunos. É uma missão desumana de apresentar as licenciaturas como áreas de pesquisa “válidas” e de retirar o “só” da expressão de “só dar aulas”. Não seríamos todos professores nesse ambiente? Fica a provocação. É um desafio. Como ensinar

sem se transformar em um observador crítico da própria prática? Sem fazer pesquisa de ensino enquanto se ensina? Qual a qualidade das aulas ao se repetirem os mesmos slides e estratégias semestre após semestre? Trabalhar criativamente demanda muito mais. Eu mesma crio meu material. Escrevo. Produzo. Mudo o processo. Vou me adaptando ao que a turma precisa e pode oferecer. “É preciso estar atento e forte” já dizia a música de Caetano.

Este livro é um processo de ensino de língua portuguesa tanto em ensino médio quanto em cursos técnicos. Uma proposta prática e reflexiva para o profissional e o aluno que se interessam por linguagens e a luta por mantê-las vivas enquanto são dissecadas. Os ciclos de aula não são sequenciais para manter essa proposta de projetos modulares. Podem ser destacados entre si inclusive.

CARTAS À LÍNGUA BRASILEIRA

À procura da linguagem perdida

A língua portuguesa é um universo complexo, de regras produtivas, uma vez que as exceções acontecem em uma quantidade imensamente menor em relação aos fatos linguísticos contemplados. Sim, tem lógica. E uma rede intrincada de usos, ambientes, histórias e identidades. Pode-se estudar essa língua apenas em relação à sua estrutura, estabelecendo a redução da semântica em seus “limites”. É uma área fascinante e um rico projeto de pesquisa.

Em sala de aula, o mais produtivo é não alienar a construção discursiva de seus processos estruturais e de sentidos até o possível. Os alunos estão coroados pelas urgentes necessidades de “usos” da língua. Depois de um processo de estudo sério e fluente nessas águas, pode-se “profissionalizar” o estudioso e fazê-lo adentrar pela porta drummondiana no poema “Aula de português (Já esqueci a língua em que comia,/em que pedia para ir lá fora,/em que levava e dava pontapé,/a língua, breve língua entrecortada/do namoro com a priminha./ O português são dois; o outro, mistério.)”

A aprendizagem de linguagem nasce no ser humano. É inata. Não há um indivíduo que tenha maior capacidade ou “dom” do que outros. Antes mesmo de estrear no mundo externo, há os sons da mãe conversando com seu filho, sua ponte com o mundo externo. Assim que a luz é dada à criança, sua identidade começa a se formar pelo uso da palavra e do ambiente: “é menino”, “é menina”, “será chamado de”, “qual o nome do pai”, “qual o nome da mãe”, “é branquinho”, “é moreninho”, “pesa ...”, “mede ...”, “na cidade...”, “no hospital”. As narrativas dos seus ascendentes incorporam-se à história daquela criança antes mesmo que ela exista. É a história dessas pessoas entranhadas na história da língua portuguesa.

A aprendizagem se dá pela região, pela comunidade em que se mora, pela rua e pela casa. As variações linguísticas marcam-se aí, os “sotaques”, as

palavras regionais, os jargões de família, os preconceitos, as crenças, os padrões éticos. Ninguém ensina a criança de propósito, ela aprende pela convivência, pela exposição à linguagem e os sentidos que fazem em seu ambiente. A lógica da linguagem pela criança se faz alvo de riso pelos adultos. Conjugam os verbos pelas normas da língua e não pelas seus desvios. “Fazi” em lugar de “fiz”, “batei” em lugar de “bati” não são erros engraçadinhos, apenas o conhecimento de que o radical se mantém enquanto as variações de tempo, pessoa são acrescentadas.

O falante não nasce com o que foi produzido pela ação humana - a colocação de nomenclatura, apresentação de processos, determinação de qual variedade será considerada padrão e, portanto, mais elitista e detentora de poder. Os processos de leitura e escrita dos códigos linguísticos necessitam de mediação, da escola, do adulto que já foi ensinado. Não é dado somente pela vivência da linguagem. Nesses espaços, impõe-se uma condição política, o esvaziamento da linguagem da criança, preenchida dos seus lugares no mundo dos seus afetos, e a obrigatoriedade de outros padrões. Ao invés de enriquecê-la com novas possibilidades, a diminuem, a afastam de si pela vergonha, pela humilhação. Institui-se a visão de que “quem fala errado” é um ser humano errado e pensa menos. A linguagem é nossa apresentação ao mundo, um mundo cheio de hierarquias, possíveis inclusões e excesso de exclusão.

A noção de erro baseia-se em um confronto construído contra todas as variedades linguísticas em favor do padrão escolhido. O latim, a mãe do português, francês, italiano e espanhol, era dividido em clássico, utilizado por uma autodenominada elite intelectual, e o falado pelo povo, o vulgar. Qual deles é vivo, falado, utilizado em todos os campos da vida humana? O vulgar, responsável pela evolução da língua pelos tempos, pela sua manutenção como elemento ativo da apresentação da cultura de um povo. Enquanto o clássico, o padrão, se apega ao encapsulamento, à não-mudança, o vulgar é a língua acontecendo.

É ponto pacífico de que todo falante conhece e sabe dos fatos da própria língua. Nenhum utilizaria “feira maçã comprei na eu”, porque possui internamente as regras da língua dizendo que “eu comprei maçã na feira” é o válido, porque a ordem básica é sujeito-verbo-objeto-complementos. Não saber nomenclatura não é o mesmo que “não saber nada de português”. O que existe é, dentro de um imenso universo da língua, um recorte chamado de língua-padrão, frente a qual tudo é desvio.

A língua padrão é um muro a ser demolido? Não! Ela torna possível uma comunicação efetiva dentro das muitas variações possíveis. Por ela, os documentos que regem a vida de um cidadão são escritos. Deve-se aprendê-la até para garantir a própria cidadania. O que é errado é não entendê-la como um objetivo da escolaridade em enriquecer o conhecimento que cada aluno possui e que é fundamental para a compreensão dos processos de escrita, leitura e argumentações orais. É soma, não morte do aluno anterior à escola.

Colocar a língua de um povo dentro do conceito de que é algo que não lhe pertence, que não entende e que é errado é um ato político de exclusão, é retirar o direito, um bem cultural, uma existência. Intimida, oprime, impede a aprendizagem, estabelece geograficamente dentro das salas de aula os que têm “facilidade” e os que “não conseguem”. Coloque o branco classe média no universo do menino roceiro e ver-se-á quem é mais conhecedor. Tudo são ambientes.

E tudo é ideologia. Perca-se a ojeriza recentemente criada por essa palavra. O ser humano é ideológico por natureza, uma vez que nasce em um mundo particular de regras, observação do mundo e do outro, do seu lugar na sociedade, o que é aceitável e o que não é. Se a mulher certa é considerada uma boa esposa, sem experiências sexuais anteriores ao casamento, destinada a ter filhos mesmo que trabalhe fora de casa, é um processo ideológico vigente. Se os homossexuais são considerados como uma escolha por um caminho sem-vergonha e sem-caráter, isso é ideológico. Se a mulher decide que não terá filhos, nem será monogâmica, isso é ideológico. Se a igreja discrimina essas pessoas, isso é ideológico.

Todavia, a linguagem não é culpada ou inocente, são as pessoas que a utilizam. Ideologia, apesar de seu significado literal, foi tomada pela sociedade como um fator econômico, um fator de julgamento, um fator de desvio. Retirou-se a palavra ideologia do dicionário e está lançado seu novo jogo. Se os seres humanos são dimensionados pela linguagem e um sistema de ideias, a ética também é um fato a ser incorporado pelos usos. Se fere o espaço de ser e falar do outro, é um trajeto tortuoso de se construir uma sociedade justa. Dessa forma, os pensamentos e padrões não devem permanecer em um circuito fechado, mas abertos à dinâmica do conhecimento e da mudança ou compreensão mais profunda do próprio conjunto de crenças e modos de existir.

Expressões como “preto, se não caga na entrada, caga na saída”, “não sou tuas nêga”, “pela cor dá pra ver que daria nisso”, “cabelo bom”, “beijudo”, “fala que nem homem”, “vá lavar uma louça”, “estava pedindo”, “não se dá o respeito”, “puta”, “piranha”, “já comi”, “já peguei”, “é para casar”, “viado!”, “isso é coisa de veado”, “ré no quibe”, “essa coca é fanta”, “filho meu não será...”, “já é preto e ainda faz isso”, “o que estava fazendo a essa hora na rua”, “já aguenta”, “que isso, novinha”, “vou beber até cair”, “maconheiro”, “Deus ama o pecador, não o pecado”, “essa gorda”, “come igual a uma porca”, “embarangou, ficou gorda, feia”, “veia não sabe seu lugar”, “se não tem em casa, procura na rua” - todas identificam seus falantes em seu sistema de valores. Assim como o núcleo cômico das novelas estar nas favelas, nos subúrbios, nas variedades nordestinas, goianas. O que está fora do sudeste, é risível. As piadas sobre problemas físicos, falta de dentes em um país onde a saúde não é bem de todos e a miséria é um defeito pessoal e não social são tristes.

Soará controverso, mas assim como a língua é um bem de todos, seu uso argumentativo e algo a ser alcançado. Enquanto se fica no “não sei, só sei que foi assim”, sem resgatar a curiosidade insaciável que um dia tivemos em nossa infância, o discurso pode se esvaziar de informação e reflexão. Separam-se aqui os mecanismos de navegação social cotidianos. Na era do textão, da escrita em redes sociais de alcance imponderável, há um contrato em que ideias exaustivamente repetidas, palavrado técnico sem fundamentação, são um fato absoluto em que se muda apenas o vocabulário (às vezes, nem isso). “Fascista”, “comunista” são termos que se desgastaram pelo uso sem que se soubesse o que significam e seus desdobramentos históricos. Argumentar é mais do que o senso comum irrefletido, demanda estudo, reflexão, conhecimento ampliando-se da informação, fluência, clareza e abertura para a divergência. Ainda aprendendo com Drummond em “À procura da poesia”: “Chega mais perto e contempla as palavras./Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra/ e te pergunta, sem interesse pela resposta,/ pobre ou terrível, que lheres:/Trouxeste a chave?”.

É um ato voluntário, de propósito, humilde na clave de não se entender como conhecedor incontestável. Nenhum falante isolado tem a totalidade da própria língua, é na soma de todos, não na retirada de alguns.

A exposição à língua escrita acontece continuamente nos cartazes,

panfletos, propagandas. E aquelas menos frequentes, nos contratos de aluguel, nas leis, nas bulas de remédios, nos formulários. Algumas com sentidos mais acessíveis que outras. Ler o mundo, como afirma Paulo Freire, é indispensável. Ler o mundo pela palavra escrita também, mas exige disposição. Os gibis, as revistas, os jornais, manuais de jogo, a bíblia, autoajuda, são leituras sim. O senso comum de que gostar de ler é atrelado a livros “difíceis”, a Machado de Assis, a tratados de filosofia, deve ser colocado em perspectiva. O leitor, entretanto, pode alcançar níveis mais complexos de compreensão, de intertexto, de construção autônoma. O autor pode aperfeiçoar-se constantemente na construção argumentativa, criativa pelo conhecimento do trabalho de outros autores. A inventividade, a originalidade se dão pelo estudo, pela pesquisa, pela observação. Deve-se abolir a ideia do conhecimento autogerado, nascido no indivíduo isolado e crente apenas de si mesmo.

Não há vida sem linguagem. Não há pensamento sem a exposição a muitas possibilidades de linguagem. A linguagem é parte do ser e sua total apresentação para o mundo.

A autoria no sujeito inexistente

Os modos de discurso estão em constante fluxo entre sua produção e recepção. O gênero textual ancora-se no desejo de apresentação do escritor para o leitor, baseando-se nos ambientes e convivências tacitamente estabelecidas dentro de uma cultura. Escrevendo, o autor da mensagem geralmente se orienta por um leitor universal, sem nome e endereço específicos. Mesmo em textos direcionados, o aspecto genérico, constantemente repetido do discurso, dificilmente deixa marcas de autoria (mensagens de aniversário e elogios nas “redes sociais”).

A língua é a apresentação de um indivíduo para o mundo, desde os símbolos regentes das camadas culturais mais profundas, até os discursos cristalizados e repetidos apenas para demonstrar uma avenida aberta de comunicação, mesmo sem trânsito.

“Olá”, “está quente hoje”, “lindaaa”, “mulherão da porra”, “amada”, “cancelado”, são expressões carregadas por essas enchentes de novas gírias constantemente renovadas quase que mensalmente. De repente, todos estão utilizando as mesmas palavras, os contextos são concretados e a pantomima do diálogo se estabelece, marcada, basicamente, pelo alinhamento de gangues. “Arrasou” diz que estou contigo, “Senta lá” diz que estou contra. Raras vezes algo se acrescenta depois disso. O mesmo texto flutua apenas renovado por algumas palavras. Esse é o mau teatro do diálogo.

Em era de redes sociais, a escrita volta à capa das grandes sensações comunicativas. Apesar de cravarem-se mais na função fática, de apenas mostrar “estou aqui”, estamos nos “falando”, há grandes debates que renovam saberes e perspectivas. Seria bem arrogante e reducionista rotular as redes sociais de espaços de ignorância e alienação. Elas apenas refletem, em um espelho gigantesco, os tratos previamente estabelecidos. Antes delas, “cancelava-se” uma pessoa pelo boca-a-boca, pelos textos impressos, pelas rádios, pela TV. Eram ondas que demoravam a chegar em um número grande de pessoas. Depois delas, um tsunami acontece em poucas horas.

O senso comum, as falas de navegação, sempre estiveram por aí - “é um absurdo”, “que nojo”, “parabéns”, “se fosse meu filho”, “se fosse com sua mãe”. Obviamente, não é possível se colocar no mundo apenas por discursos “relevantes”, eivados de reflexões nutridas por estudos exaustivos. É preciso viver, é preciso interagir. O discurso de reflexão é um discurso

de propósito, baseado nas experiências, nas observações e nas pesquisas. O diploma não é a garantia do pensamento livre e autônomo, assim como as experiências não conferem maior autoridade. É no equilíbrio, na pororoca.

Os modos de discurso condicionam e são regidos pelas organizações sociais. A publicidade, antes assentada na função conativa, explícita de convencimento do receptor (“compre”, “venha”, “não vai perder”, “está acabando”, “os dez primeiros”), buscando criar nele um sentido de urgência de consumo, de manter seu lugar dentro de uma hierarquia. O imperativo vem se deslocando para uma narrativa, pela venda não mais de um produto, mas de uma vida, uma experiência. Não é um batom que se compra, mas um amor. Não é um carro, mas uma capa de super herói em um mundo branco, hétero e misógino. Ou é um vale do arco-íris em que os “simpatizantes” demonstram seu apoio comprando blusas coloridas na C&A. Assim, o mundo gay é pura alegria, diversão, sorrisos e pegação. Não se vende a parte da violência que sofrem. Isso aí tem que ir para os “textões” do *Facebook*, não aqui no mágico reino das coisas a serem consumidas.

Da mesma forma, os textos que deveriam ser argumentativos, deslocam-se para a diminuição da reflexão e da informação para o convencimento a partir de iscas. Joga-se “patriotismo” aqui, “vai para Cuba” ali e formam-se os clubes, as gangues do sentido e da política, se reunindo em torno daquele texto como galinhas à procura de milho. É a publicidade do pensamento. Espera-se de um texto dissertativo fatos, comprovações de dados, reflexões, vínculo vocacionado pela realidade. A intenção seria, em tese, estimular o debate, o diálogo, gerar informação. Contudo, pode-se simplesmente transformar o ato discursivo em uma farsa. A construção, o modo de escrita mantêm-se enquanto que o propósito se subverte. V e -jam-se as correntes de *Whatsapp* centradas nos pontos básicos da dissertação: autoridade da fonte (sempre um pesquisador americano, um capitão da polícia citado com nome e sobrenome), a apresentação dos verbos em terceira pessoa (para excluir a noção de que esse texto é escrito por uma pessoa), o desfilas de “dados” e, ao final, uma solicitação (de não aceitar, de votar contra). Isso vale para os produtos, receitas milagrosas e a dieta da vez. Pode acontecer também dos textos literários serem vistos como realidade objetiva. A literatura é fundada pela realidade, redimensionada pela criatividade do artista, do autor. Entretanto, seu contrato é com a ficção, com a “mentira”, com a invenção. Personagens não são pessoas, espaços não são

geográficos, a narrativa não é história, a poesia não é sentimento biográfico. Um indivíduo pode buscar a literatura para a sustentação de um argumento? Sim. A literatura é, em seu caráter primeiro, um argumento? Não. E então, surge um filme, uma série que são colocados como fatos, fontes de informação real. Misturam-se, de forma perniciosa, girando centoeitentas, manipulando o colocado pelo esperado.

Nenhuma obra, nenhum texto, está salvo de serem silenciados para que outro insira o que ali não está, que tudo seja pretexto para um texto previamente estabelecido. Uma receita pode ensinar a fazer uma salsicha vegana, o comportamento ideal de uma mulher, como não ser confundido com um bandido. E pode ter sua estrutura previamente estabelecida para o sentido literário. As formas dos gêneros textuais podem surgir como cápsula para sentidos desviantes da estrutura. Na língua, nada tem barreiras de contenção, há muito mais desvios, afluições, pequenas barragens que transbordam continuamente. Entretanto, para se entenderem os fluxos, devem-se conhecer os componentes. Como apresentar intersecções, contaminações, sem entender o que cada estrutura possui como identidade própria? Só se cria a partir do estudado. Criatividade não é sobrenatural, é sobretrabalho. Confundir tipos de textos não é o mesmo que conhecê-los. O leitor “universal” está à espera do ritual completo, estruturas e sentidos. Quando atendido, deposita sua fé, sua concepção de que o outro tem autoridade de conhecimento para isso. Daí a manipulação de sentidos obedece, ainda mais, a determinado grupo social. As marcas de autoria não podem se confundir com os seis dias de trabalho de Deus. Não se constrói do nada. É fundamental conhecer o que já foi produzido e construído e inserir a própria criação em uma tradição literária e acadêmica, que é a não-manutenção pura e simples de padrões, mas o estabelecimento de novos. As rupturas nesse campo são nós redirecionando fios, não são tesouras apocalípticas. Mesmo assim, o manejo do ato da escrita, as referências subjetivas vão oferecendo DNA a essas produções. Começa-se a delinear o estilo do autor, seu projeto ético e estético. Reproduzir o que já foi dito não é autoria, não é nem texto, apenas um jpeg utilizado como doc.

E o Seo Português, vai bem?

Como podem exigir que a gente leia e que goste de estudar português? Dá sono e confusão. Decorei uma regra. Obaaa! Não, espera, tem 160 exceções. E exceção? É com “s”, “x”, “ç”, “c”? Afff, nunca serei feliz até saber a diferença dos porquês e onde enfia a crase. SQN.

As línguas são dinâmicas, vivas enquanto houver falantes, reverberando no futuro mesmo depois de mortas. O latim, língua falada pelos romanos, expandiu-se graças às invasões de seus exércitos. Uma língua imposta, muitas línguas assassinadas. Olha as línguas indígenas desaparecendo em uma velocidade cada vez maior. Português, italiano, francês, espanhol nasceram dessa língua-madrasta. Daí as semelhanças que apresentam entre si. Vindos da mesma matriz, foram se distanciando pelas questões históricas, geográficas e culturais, evoluindo pela fala e vivência das comunidades. Como não se pode fugir de parentes, mesmo os indesejáveis, a divisão entre o latim culto (utilizado pelos grandes escritores) e o latim vulgar (falado pelo povo) se manifesta até hoje. Uma informação para embasbacar plateias é de que idiota vem do grego “idiotes” e significa homem do povo. Cata esse bafo!

Aprendemos nas escolas que existe o português “correto” e o português “errado”. Adivinha onde ficam os falantes do certo? Isso. Na ala dos ricos e famosos. A galera da roça e da laje fica prejudicada nessa visão. E, em uma sociedade que nos pressiona contra o chão, falar em desacordo com essa distinção política é ser burro, ignorante, incapaz. E nem vai passar no concurso público. Essa divisão é política, ideológica, uma vez que, para a língua, só interessa saber se houve comunicação. E isso não quer dizer falta de gerência. Há regras que devem ser cumpridas. Você não fala “Chato cara que!” e se alguém falar assim perto de ti, rolam aqueles dois passinhos para trás. De medo, sabe? Todavia, “Que cara chato” é algo que se reconhece como frase da língua portuguesa. Isso é mágica? Possessão? Interferência de Darth Vader? Não. É a aquisição da língua que já chega com o combo completo de estruturas profundas e superficiais quando você ainda estava na barriga de sua mãe. E, claro, aprender a falar é com a gente mesmo, colega. É inato, nasce conosco.

Então, por que, quando chegamos na escola, descobrimos que somos errados porque falamos errado e os coleguinhas riem e a professora

encoraja o deboche e nos aconchegamos no canto dos que “possuem mais dificuldade que os outros?”. Lembra do latim culto? Prazer, ele deixou um filho por aí. O português padrão. É decidir, dentro das muitas faces da língua portuguesa, qual será a única bonita. Ele foi escolhido em um concurso de misses linguísticas em que ganhava mais votos a que possuísse mais grana. E o que a frente rebelde deve fazer? Ignorar a garota endinheirada e ser beem mais esperta. Conhecer a língua em tudo que ela pode ser, popular, clássica, funkeira, valsa da vovó, juridiquenta, acadêmica, feliz, triste, trabalhadora, malandra... Não reduziremos nosso maior patrimônio, verdade? Mentira. Querem que a gente só conheça uma personalidade da língua, querem que a gente entre para o exército dos corretores de plantão, enfiando o dedo em tudo que não tem todos os esses do padrão. Dizem que os cobradores de impostos eram malditos lá nos tempos bíblicos. Acho que deveriam colocar os cobradores de plural também. Querem substituir, não somar.

Veja, istoé, abaixo a **Veja**. Observe que a escola coloca a escrita em um sistema solar e a fala em outro. Como se fossem nora e sogra, entende? E o que poderia ser um fluxo bonito, um rio todo unicórnio, cheio de peixes coloridos, transforma-se em muro, pancada e arame. E aí surgem aqueles resfriados que pegam até em quem tem faculdade, o vírus “falando, eu dou conta, escrever é o problema”. E o que fazer, ó Lord Iluminator? Mudar a escola será ótimo. Entretanto, em verdade, em verdade, vos digo. O sujeito deve tomar posse de seu patrimônio – sua língua materna. Frases como “não sei português” ou “odeio português” (tadinho) apenas reforçam a procuração dos que roubaram sua propriedade.

E o que fazer? O que fazer? Aprenda o padrão. E o coloque junto das suas muitas outras faces de linguagem. Seu contrato de trabalho, de aluguel, sua certidão de nascimento, sua conta no banco, a prova de seleção, o ENEM, o jornal da Globo e da Record, tudo o que comanda sua vida civil está em português padrão. E isso nem é ruim. É bom demais. Ajuda no entendimento de todos esses contratos, haja vista que o baianês fica meio complicado para o goianês em algumas situações, por exemplo. É, a língua tem esses derreamentos regionais que a deixam mais linda ainda. Feio é assumir que o padrão, o formal, invalida todos os outros usos de linguagem. Experimenta bater a canela na quina da cama e exclamar “ó, que dor excruciante”. Acho que a dor nem melhora com essa falta de traquejo social-linguístico. Se estiver na igreja, você não vai dar uma de capetônico e

ir de sunga ou biquini para lá. Bom senso e muitas linguagens, é o tiro certo para ser sucesso (ando influenciada pelas leituras do *Facebook*).

Desculpa acabar com a sua inocência, mas tudo o que sai da nossa boca, fala, beijo e vômito, tem conexão com a nossa cultura, com quem somos, quem pretendemos ser, qual a nossa sociedade e seus preconceitos, a história familiar e pessoal. Mas isso já é assunto para o próximo capítulo... *Ardua ad gloriam via* (O caminho da glória é árduo)... já diria nossa mãe.

O meu português é Índio

Quando algo extremamente poderoso serve a todos sem distinção, os que estão acostumados a manterem o poder em suas mãos realizam “feitiços” para o esconderem da maioria. Roubam o que não lhes pertence. É o que acontece com a língua. Tão enfeitiçada está a maioria, que se sente inapta a utilizar o que lhe é de direito – a sua língua mãe. “Não sei nada”, “é a língua mais difícil do mundo”, “não é para qualquer um”, “tenho dificuldade demais”, “nunca vou aprender”, “é inútil”... A grande varinha mágica que orquestra essa alienação é a escola, é um grupo social que se beneficia dessa insegurança, é ir tornando calados os que poderiam pensar de forma diferente, os que poderiam reivindicar o direito ao discurso e, portanto, ao poder de interferir em sua sociedade.

Um ensino voltado para nomenclaturas e memorização de regras sem perceber-lhes a função ou falta dela, um juiz a cada momento para dizer ao cidadão que ele fala errado, ridicularizando-o, inferiorizando-o, fazendo-o cada vez mais atento à “própria ignorância, oferta ao professor de língua portuguesa um poder quase místico, de evocar palavras incompreensíveis, sabedoria de eleitos, o pensamento mais profundo e o dedo que separa os aptos dos inaptos. Como se decorar tantas regras alheias ao funcionamento da própria língua ampliasse a capacidade de pensar. Se não se exprime com as exatas concordâncias do padrão externo, não se pensa, não há inteligência. E chegam a salas de aula outros alunos amedrontados, apegados ao chicote, à invisibilidade de ser menor, por vezes, afeiçoados à ideia de que “ninguém espera nada deles mesmo”.

O professor que atira para longe o chicote e conclama a pensar, que não fala das regras impossíveis, é alvo de estranhamento, rejeição. E o estudante acha que suas aulas são cheias de nada. “O que há para estudar?”, “Interpretar texto serve para quê?”, “E os macetes para concurso?”, “mas o parágrafo não era para ter só cinco linhas?”, “Meu Deus, essa professora não fala sobre crase hora alguma”. No dia em que a professora cede, fala de orações subordinadas substantivas subjetivas reduzidas de infinitivo, a sensação de alívio percorre a sala, “ela sabe do que está falando afinal”, a admiração chega, é o velho, o conhecido, arrancando-os daquele pavor do desconhecido, onde não se pode agarrar em nada a não ser na construção de um pensamento seu. “E que raio é isso de defender uma ideia?”. Criar é

muito mais perturbador que decorar passivamente. Pensamento é criação. Todos pensam. Poucos se sentem preparados para escrever com a profundidade que já possuem internamente.

O professor de língua portuguesa não ensina a pensar, provoca, tenta evidenciar o quanto se pode passar dias apenas repetindo frases prontas “bom dia”, “político é tudo igual”, “ãhã”, “depois a gente se fala”, “precisava chover”, “tudo puta”, “coisa de homem”, “isso não é de Deus”. E desestabiliza o aluno levando-o a refletir sobre suas convicções, se foram apenas herdadas automaticamente, se correspondem ao que pensam, e porque acredita/pensa assim? “Já leu um pouquinho a respeito? Sabia que...”, “escreva sobre isso”, “o que sustenta essa ideia”, “de onde veio a informação?”. Quem inventou a crase não fui eu, não tenho que pensar ou me responsabilizar por ela, mas pelos meus pensamentos sim. E muitos fogem de arcar com essa responsabilidade, e, justiça seja feita, quebrar esse “feitiço” de que minha língua não me pertence envolve sair da crisálida, perder muitas estruturas que pareciam inquebrantáveis, começar novamente, perceber o quanto é falsa a noção de segurança de um sistema/ensino em que se pode nivelar todos, controlar as respostas já no ato da pergunta.

Quanta ignorância do professor que acredita serem os alunos marionetes. E quanta tristeza quando o aluno não quer se desemaranhar desses fios. Ensinar é caminho, processo, evolução, recuos, mudança de estrada, perder certezas, cultivar outras que também cairão. É na instabilidade que as forças se equilibram. Falar é ser, colocar-se no mundo, tornar real sua vida interna para o outro. A mordada de saber o nome de algo sem entender sua presença deve cair em nome do silêncio da escuta e do som de si mesmo se apresentando. As regras existem, assim como caminhar com um pé depois do outro. Mas eis que surgem os que dançam, saltam, usam as mãos. E nos assombram com tudo o que nos é possível depois de diminuir o medo ao tamanho de nossas certezas. Menos certezas, menos medo.

Maternidades curiosas

PALAVRAS INDÍGENAS	PALAVRAS AFRICANAS	PALAVRAS ÁRABES
Abacaxi (tupi)	Abadá (iorubá)	Acelga
Arapuca (tupi)	Afoxé (iorubá)	Acerola
Arara (tupi)	Axé (iorubá)	Achaque
Babaca (tupi)	Bambambã (quimbundo)	Açoite
Bauru (tupi)	Cacunda (quimbundo)	Afagar
Biboca (tupi)	Cafuné (quimbundo)	Alcaguete
Capivara (tupi)	Cambada (quimbundo)	Alcatra
Caraminguá (guarani)	Capanga (quimbundo)	Algarismo
Carcará (tupi)	Catimba (iorubá)	Algemas
Carioca (tupi)	Cuca (umbundo)	Alquimia
Congonha (tupi-guarani)	Fuzarca (quicongo)	Arroba
Cuia (tupi)	Goró (quicongo)	Arroz
Gabiru (tupi)	Inhame	Banana
Ipanema (tupi-guarani)	Banzo	Barato
Jabá (tupi)	Miçanga	Bofetada
Jerimum (tupi)	Moleque	Cacife
Jiboia (tupi)	Xingar	Ciranda
Jururu (tupi)	Caçula	Garrafa

Arquitetura das frases

As estruturas linguísticas existem e podem ser isoladas para estudo, assim como se nomeiam todos os ossos do corpo humano. Isso é fundamental. Quem não é linguista pode, entretanto, concentrar-se nas regras de uso da língua portuguesa na construção de sua vida civil e sua identidade pessoal. A língua é um organismo que só permanece animado pela existência de cada indivíduo, cuja importância está em compor o coletivo. A morte de um falante não mata a língua. O desaparecimento de uma cultura, sim. Muitas línguas morrem com seus povos dizimados, aculturados, invadidos... E a etnosfera se enfraquece, a multiplicidade de sistemas culturais vai se nivelando, se reduzindo e o mundo adocece.

Cada língua tem um ritmo, um padrão de sílabas, de frases, vocabulário encharcado da vivência, dos subentendidos, dos contratos de fala estabelecidos. É por meio dela que se pensa, que se sente, que se organiza o lado interno, que traz o mundo para dentro e o eu para fora e para si. Não é a totalidade do ser humano, mas sua capacidade de racionalizar. O pensamento pode até ser anterior à linguagem, mas ele só se estabelece mediante um sistema ordenatório que poderá ser alimentado pelos sentidos, pela vivência, pela observação, até que todo um universo ganhe forma e padrões para que ele se desenvolva. O embrião do pensamento está na máquina do cérebro, mas sua presença necessita de alguma linguagem. E aqui se fala especificamente da língua portuguesa. Poderiam ser a dança, as cores, os sons...

A criança finalmente estabelece sua identidade quando reconhece o próprio nome, quando o seu cérebro está internalizando toda a língua que a rodeia mesmo quando ela ainda se vale basicamente de verbos e nomes (“qué” - quero, “agu” - água, “baacha” - bolacha). Por esse estágio já se pode observar as duas classes gramaticais que irão coordenar as outras, as rodovias por onde as ideias atravessam, enquanto as outras sinalizam. Os nomes são uma espécie de remetente e destinatário, pergunta e resposta. O verbo é a ponte entre dois pontos de partida e dois destinos, é a direção, a relação a ser construída entre os nomes de uma frase. “Aramis” e “carro” são dois nomes que apresentam conceito e presença própria (ao contrário do adjetivo, por exemplo, que é um acompanhante). A conexão entre eles virá pelo verbo: “Aramis quebrou o carro”, “Aramis comprou o carro”, “Aramis vendeu o carro”, “Aramis roubou o carro”... Nesse sentido, o pensamento

se ordena também a reconhecer conceitos e estabelecer conexões entre eles. Deve ser criador para não ser apenas uma pantomima do já existente, deve conhecer o senso comum como substrato da criação.

As outras categorias são adjuntos adnominais, por terem sua existência conectada à existência de uma categoria que possua maior peso de sentido. Numerais, artigos, pronomes, adjetivos são importantes na delimitação do aspecto genérico de um conceito, de um nome (“cidade” pode vir em um sintagma “A cidade destruída” e, obviamente, o significado passará pela sinergia das relações entre seus elementos. Das classes gramaticais, podemos derivar a arquitetura das frases, divididas entre sujeito e predicado (mesmo quando a posição do sujeito não está preenchida, ela permanece). Dos nomes e verbos nascem os sujeitos e predicados, ou o contrário, ou ao mesmo tempo. Em “Todo aquele que desrespeitar a lei será punido”, podemos trabalhar com método de associação e dissociação, o que não é sujeito é predicado, ache o verbo e encontrará o sujeito. Assim, “todo aquele que desrespeitar a lei” é o sujeito do predicado “será punido”.

Claro que trabalhando na ordem direta da língua portuguesa, SVO -sujeito-verbo-objeto (ou Sintagma Nominal Verbo Sintagma Nominal), fica fácil encontrar as duas funções. Acontece que, em um texto fluente, a frase pode ter vários verbos e o mesmo sujeito para todos eles, ou vários verbos e vários sujeitos diferentes.

A ordem direta pode ser modificada pelo deslocamento de sintagmas, trechos inteiros (o que deve ser marcado por vírgula) e a interpretação se faz necessária para conectar a informação a seu sujeito. Procurar o verbo é uma boa estratégia para se encontrar a quem ele se refere. Pacientemente, entender o sentido é fundamental. O esqueleto não se dissocia do resto do corpo vivo, assim como o sentido não se descola da estrutura na construção de uma frase.

Quem possui dificuldade de escrita pode praticar com as frases em ordem direta e depois brincar de deslocamentos, interpolações, acréscimos, expansões de sintagmas, mas sempre visando a um sentido, sempre visando a expandir a ideia junto com os sintagmas. E então, dar fluência ao texto pelas preposições, conjunções, pronomes relativos, valer-se do arsenal disponível para que a frase não fique esburacada, quebrada. Uma informação relevante está no fato de que a língua não trabalha com aleatoriedades, os sintagmas (conjunto de palavras conectadas entre si) mantêm suas essências

mesmo deslocados de sua posição oficial.

Se aquele lugar é preenchido por uma função nominal, é só preenchê-lo com um nome, se couber, é nominal. Se uma oração inteira responde a uma pergunta do verbo, toda ela exerce função de objeto, se uma oração inteira pode ser substituída por um adjetivo, ela tem a função adjetiva, se o pronome relativo “que” está na posição que o sujeito ocupa, sua função será de sujeito, se estiver na de objeto, será de objeto. Da mesma forma, os advérbios, que dão o mapa da situação, onde, quando, como, com o quê, quanto e por aí afora. Se está na dúvida se aquela palavra ou expressão é um advérbio, coloque um que você conheça no lugar, se couber, é advérbio.

E faça sentido, é o mais importante. Estabeleça as conexões vindas do exercício criativo de pensar. Leia, releia, reescreva. Uma frase é o enunciado que tem sentido completo. Um argumento é a contribuição ao conhecer.

Falando de sintagma para quem nunca ouviu falar. Observe a parte da frase em destaque:

Os quatro estudantes brasileiros	venceram o campeonato de astronomia.
O campeonato de astronomia	foi vencido pelos quatro estudantes brasileiros.
As mochilas são	dos quatro estudantes brasileiros.
Os vencedores	são os quatro estudantes brasileiros.
Os quatro estudantes brasileiros	foram retidos pela alfândega.
Dos quatro estudantes brasileiros	dois receberam bolsa escolar.
A polícia encontrou	os quatro estudantes brasileiros.

Perceba que o mesmo conjunto pode atuar em várias posições e funções sem que seja modificado. Ele é um sintagma nominal, que pode ser composto por uma ou muitas palavras. Possui o nome como núcleo, que, por sua vez, carrega consigo todos os elementos agregados (artigo, numeral, adjetivo, pronome). Esse processo é possível porque a língua é articulada, permite combinações infinitas entre palavras e sintagmas. Cada frase construída é a ponta de um *iceberg* que deixa camufladas todas as outras infinitas possibilidades de preenchimento das posições sintáticas, que, nem por isso, pode ser feita aleatoriamente e descompromissada com o sentido. Entender os processos da língua evita o decoreba inócuo.

Toda língua pertence aos seus falantes, ao seu povo, às culturas que se aproximam pacificamente dela. Faz parte do que nos constrói como seres humanos, que usamos de forma única e que pode construir e destruir sociedades, relações, autoestimas, qualificações. A palavra nos pertence, mas não é nosso direito pensar que não pertencem também ao outro, que podemos pensar que é permitido falarmos o que bem entendermos, da maneira que quisermos, sem pensar nela como instrumento poderoso que modifica os ambientes em que é usada. Conflitos surgem pelo tom da voz ao dizer uma frase, conciliações tecidas pelas palavras pensadas e pesadas, declarações de amor, de ódio, de insensatez, histórias entrecortadas de mentiras, verdades necessárias e desnecessárias, discursos dos outros reformulados pela nossa ansiedade e insegurança... Dizer de forma dificultada, falar didaticamente, agir com ares superiores ou submissos demais. A posição dos seus ombros se reflete no seu discurso.

Se é a língua tão corriqueira e poderosa ao mesmo tempo, o seu uso se adapta a contexto e interlocutor. “Ser você mesmo” não impede a negociação de espaços discursivos comuns. Além de cumprimentar, agradecer, usar “por favor”, as regrinhas que se aprende no jardim de infância, deve-se ter a inteligência de separar o caráter afetivo e profissional dos usos de linguagem. Sim, extravasa-se, ama-se, desabafa-se, berra-se, murmura-se, range-se na língua que nos pertence. O que nos falta é o uso racional do verbo em ambientes públicos e profissionais. Nem tudo é pessoal, um erro cometido e apontado não é demérito do sujeito, mas de uma atividade que precisa de aperfeiçoamento. Há os assédios verbais, é preciso saber identificá-los, como combatê-los, como sobreviver a eles.

Contudo, em situações que não envolvam atitude criminosa contra o profissional, deve-se ressaltar que o espaço de trabalho pode ser leve, tranquilo, amigável. Mesmo assim, ele não é sua casa, não pertence a sua vida pessoal essencialmente, deve-se obedecer a contratos de fala. Excessos de gírias, excessos de intimidade, posturas ofensivas, gracinhas não consentidas prejudicam a atividade a ser desenvolvida. Perde-se a perspectiva, o foco e os problemas se potencializam. A vida sempre apresenta suas situações de adversidades, não é um dogma a se submeter, obviamente, mas evitar histórias pessoais, desabafos infinitos, sofrência todo dia, expõem a pessoa,

tornam-na um alvo fácil das inimizades. Mandar beijo, emoji, correntes, piadas, memes, ou qualquer coisa do tipo no *e-mail* profissional por exemplo, infantiliza o profissional, desmerece suas qualificações, dá abertura, inclusive, ao prejuízo das promoções, não realizadas por “falta de maturidade do fulano que é tão competente”.

Não é só de docilidades que se faz bom uso do discurso, falar com firmeza, assertividade, objetividade funda as bases da respeitabilidade, do rechaçar atitudes inadequadas, de transmitir segurança ao cliente, ao gestor, ao sócio. Não se deve falar pedindo desculpas por existir. Não se deve falar sem respeitar a premissa de que todo ato de fala implica escuta do outro também. A negligência desse aspecto se revela em textos não interpretados em que os supostos leitores apenas leem o que querem, concluem sem ter refletido a respeito, atacam a partir de determinadas palavras-chave, fecham as vias da comunicação. Um bom discurso deve ser esponjoso, capaz de absorver as interferências e reações dos outros e aceitá-las, reformulá-las ou refutá-las.

Um *e-mail* bem escrito, com o campo do “assunto” preenchido de forma objetiva, saudações e agradecimentos não forçosos (“já agradeço a ajuda”, “certo de contar com sua compreensão”...) parecem fazer pouca diferença, mas certamente se agregam à imagem do profissional (“fulano escreve bem, sabe interagir com os clientes...”). Um orçamento organizado, uma apresentação de produtos e serviços feitos com propriedade e sem menosprezar o cliente, uma circular escrita com clareza, uma exposição de motivos, tudo o que passa pelo universo da língua, depõem a favor ou contra de seu falante. Compensa sempre uma boa revisão de texto e uma boa técnica de respiração para minimizar situações perniciosas, angariar aliados, para construir um currículo implícito, carregado de um falante a outro, de um contratante a outro e que podem anteceder a chegada de seu dono.

A escola das imagens, a arma das imagens, a nulidade do olhar

De tanto ver, não se vê mais. O que é invisível aos olhos é o óbvio, é o senso comum tão importante para nossa sobrevivência. Estamos em uma sociedade em que nossos sentidos estão sendo requisitados sem descanso e em frequências cada vez mais alta, do locutor de casas comerciais, à música alta nas ruas, aos programas na televisão, ao celular, ao computador. Nossos olhos nunca foram tão requisitados pela luz artificial. E de tanto olhar, cegou-se o olho para a interpretação.

A primeira vez que veicularam a imagem embaçada de um assassinado no chão, as pessoas desviaram o rosto, se assombraram, comentaram dias a respeito. De lá para cá, as doses precisam ser cada vez mais fortes para que a mesma comoção se atinja. Vísceras expostas, as imagens estáticas perderam lugar para vídeos, a vida humana transformando-se em um simples enredo de programas de violência, novelas incluídas. O primeiro joelho exibido na grande mídia, o primeiro sutiã, e, hoje, doses cada vez maiores de sexo explícito para que os olhos sejam atraídos. Olhos cansados que perderam o acompanhamento pelo interesse por uma boa história, uma boa imagem, um bom som, um bom texto.

Na sociedade do espetáculo, em que tudo se esvazia, em que tudo se desenraiza, não importa o conteúdo, mas as formas apresentadas, não há profundidade porque não há espaço para reflexão, robotizado e lobotomizado pelas grandes mídias, o consumidor dessas imagens perde o espanto, a capacidade de se chocar. E perde a compaixão. Para agradá-lo, as imagens de adultos em sofrimento já não são fortes o suficiente. E começa a exploração das crianças e os abusos que sofrem expostos em imagens e exploração exaustiva das “partes sórdidas”. Nossa sociedade é um viciado em busca de drogas cada vez mais fortes. E, como todo viciado, anestesiada e com os sentidos embotados.

Não se lê mais um texto, porque as letras grandes da manchete ensinam que são a parte mais importante. Assim como as imagens vazias, contaminou-se a linguagem verbal que está sendo acessada como se acessam desenhos e vídeos, sem espaço para a criação e interferência do consumidor. Nasce daí a dificuldade crescente em escrever um bom texto, ler um texto e interagir com ele. Porque as imagens não estão prontas para o *fast-thinking*,

porque aquilo tem mais de duas linhas, porque se torna fundamental jogar com o conhecimento e experiência prévios que foram negligenciados pelo automatismo dos dias. Em sala de aula, o que fazer? Voltar às bases, colocar o estudante como criador novamente, estimular o pensamento autônomo e ganhar algumas antipatias por isso.

Em uma aula em que se apresentam curtas-metragens, que se valem da imagem como mensagem, a reflexão deverá ser estimulada para a direção dos processos simbólicos, das metáforas que se assentam na mudança do destino original de uma palavra que viaja e se agrega a outros. Será incrível notar que os alunos nunca leram as tirinhas clássicas, porque exigem leitura e interpretação de vários eixos de linguagem e que nunca buscaram filmes ou coisas do gênero em uma época em que se disponibilizam as obras em velocidades absurdas.

Dez, quinze minutos de filme, e discussões que caminham para a vida do estudante, contextualizam-se e retornam ao texto e suas intencionalidades. É um jogo de ir e vir, de leituras feito marés. O que significa aquele aviãozinho? Em seguida, as recorrências que denunciam o fundamental de uma obra, que lhe dão as estruturas de sustentação. Processo que se traduz sem crise para os textos puramente verbais. Identificar pistas, reconhecer padrões, verificar que novas metáforas vão sendo feitas e que apontam para um mesmo horizonte, roupas diferentes no mesmo caminho de pensar. E tem-se um excelente ciclo para criar, pensar, escrever, interpretar e despertar a sensibilidade amortecida. Não é possível ao professor de português ensinar ao aluno se não acordar os seus sentidos para experiências mais profundas de compreensão. Concisão, criatividade e imprevisibilidade com a aula de quadrinhos, despertar do olhar e do simbólico na aula de curtas, contraste com os memes e suas conformações culturais e ideológicas e suas raízes flutuantes. Está aí um ciclo completo de aulas.

A maestria do simples

“Me desculpa, ficou simples”. Não, não ficou. Você ainda não evoluiu a esse nível. Simples é um adjetivo que requer trabalho, estudo, sensibilidade para ser alcançado. É quando o entendimento se fez de forma tão profunda que se tornou algo natural, entranhado criativamente no pensador. Fala e escreve complicado quem não quer ser entendido, quem não entendeu, quem é iniciante no manejo da escrita.

Não se deve confundir sintaxe difícil e imagens truncadas com conhecimento. Claro que há temas difíceis, que requerem experiências de leitura e de vida prévias de quem os enfrenta. Claro que um tratado de metafísica será complicado para quem nunca se aproximou do assunto. Todavia, tema e texto são o mesmo círculo em voltas diferentes. O bom escritor se ocupa de quem lê suas obras, o bom escritor não se contenta com uma frase improdutiva, que não carrega uma carga de informação relevante, que não provoca a controvérsia, a convergência, o esclarecimento.

Quem escreve feito deserto ainda tem que suar muito para dominar a escrita feita rio. De tanto o senso comum insistir na ideia da apreensão difícil como critério de qualidade, o óbvio está ficando cada vez mais encoberto. E cada vez menos pessoas são capazes de percebê-lo. Bombardeadas por imagens gritalhonas, grotescas e violentas, falas berradas, estão anestesiadas. Não veem mais. Olhos cegados por flashes cada vez mais intensos.

A cultura de massa é isso mesmo, contornar tão fundo ao ponto de não se ver o miolo. Uniformizar sensações, sentimentos, modos de pensar, de existir. A colonização do outro, sempre humilhante, o coloca em gravitação, rodeando seu colonizador, faminto por direções, angustiado pela maldição de ter que assumir o livre arbítrio em algum momento. Isso é tão feroz nas aulas língua portuguesa. Os alunos chegam com uma movimentação interna subjetiva soterrada e prestes a explodir. Tão escondida que eles não se dão conta da sua existência.

O professor que insiste na leitura e escrita na concepção mais libertadora que essas palavras podem assumir deixa o aluno desconfortável, solto sem onde se apoiar. Há uma rejeição tremenda no processo de atravessar o decora para o cria, o copia para o pensa. Há que se ter estrutura forte para não sentar no trono de colonizador de linguagens e estimular uma espaço equânime de interação. Daí a necessidade da arte para se desembotar

os sentidos, reavivar olhos e ouvidos, fazer estremecer os muros. Por isso comecei com os quadrinhos em uma sala de aula de curso técnico. A reação é de desconfiar da capacidade da professora que os enrola e perde tempo. Acham fácil. Até serem convocados a entender o dito pela imagem e pela palavra. Interpretação de linguagens. Até serem convidados a produzirem os seus próprios quadrinhos. Vai emergindo a noção de contrariar o esperado, a concisão, o tornar a criação interessante, a interação entre desenho e texto, o uso da falta de habilidade de desenhar como recurso de construção, o contato com aquele lúdico que nos torna massa de manobra dócil da entidade chamada “patrão”.

Aparentemente, charges são arte para preguiçosos, crianças e apressados. A importância de sair do produto e apresentar a produção relativiza o fácil e mostra o quanto o simples é difícil de alcançar. Nessa linha, os memes são estudados, apresentados por Umberto Eco e hoje uma onda cada vez mais forte nas redes sociais. Os “quadrinhos com texto” tão presentes em *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp* estão envolvidos com o engodo de serem informação, espiritualidade, motivação e humor em soma indivisível. São sintomáticos da falsificação do pensar e podem ser estudados e virarem o jogo tornando-se alvo de reflexão. Somados à análise de curtas metragens, um caminho perfeito se coloca para a ressensibilização e para a ludicização fundamentais ao processo criador.

Respirar ensinamento

Ensinar e aprender é fluxo tão natural quanto o inspirar e expirar. Conhecimento chega, conhecimento se compartilha. Se uma das etapas falha, morre o ser. A arrogância de não ter nada que aprender com determinadas pessoas, classificadas como burras, imbecis, analfabetas, pobres, marginais, periféricas, brutas, peoas, mata de asfixia todo o ambiente. Infelizmente, a maioria das salas de aula são áridas, secas, sem viço, sem semente e flor.

Há aqueles profissionais que criam o cordão dos invisíveis em seu trabalho. Perto deles, os que sabem, são rápidos, entendem tudo. Longe, esparramados pelos cantos e nos fundos, os que não merecem estar ali. A distorção é tão grande que não merece estar na escola quem precisa aprender. Todas as escolas, em especial as federais, precisam entender que excelência no ensino não é sinônimo de pegar os “preparados” e prepará-los mais. É ensinar os que estiveram no limbo do sistema educacional, os que estiveram eliminados desde sempre do grupo dos que “têm futuro”, como se a eles o presente não fosse parte de um trajeto de evolução, mas apenas uma morte civil anunciada, a repetição eterna da senzala, de onde não se sai porque não tem força de vontade suficiente para abrir a porta. Se esquecem de que a construíram sem portas ou janelas.

Há professores verdadeiramente asfixiantes. Porque não querem ensinar ou aprender. Dentro dessa profissão, são apenas zumbis que se acham deuses. Não entendem que a sala de aula deve acolher a todos na dinâmica da respiração, os que chegam com tão pequena trajetória escolar não serem considerados entulhos, mas base fundamental para se apresentar o que é ensino com excelência. Dá muito trabalho. Professor gosta sim de conforto, sucesso material e profissional. Não prego uma abnegação que só disfarça o massacre que essa classe sofre. Todavia, não seja professor se não quiser trabalhar com criatividade, respeito humano, aprender com o que ensina, ensinar com o que aprende. Seja outra coisa. Chega de sádicos e perdedores na educação, que ali se aboletam por falta de algo melhor ou porque é uma maneira de se achar realza em meio à ralé. Não quer buscar novas estratégias, novos métodos, quer continuar abraçado aos detalhes que só dizem respeito ao mais específico dos seus estudos, quer ignorar os alunos e se vangloriar de ser temido... compre uma roupa de couro e vá ser feliz no universo sadomasô, persiga seus sonhos “reais”.

Se você odeia ser professor e está aqui é porque fracassou. Seja fracassado em outro lugar. Será útil para a sociedade apenas fazendo isso. Também não há necessidade para o professor bonzinho com sérias avarias na autoestima, vaidoso por ser “amado”, que facilita ao invés de ensinar profundamente, que “deixa pra lá”. Esses são ainda piores, esses também são adeptos do cordão da invisibilidade. Seus alunos se sentem ainda mais prejudicados intimamente porque nem são desafiados, chamados a aprender.

É culpa deles graduados saírem de suas aulas semianalfabetos, de advogados mal conseguirem escrever um texto de três linhas, de um médico que só vê a doença e dane-se o doente, de uma nutricionista que prescreve dietas absurdas a meninas de onze anos, de engenheiros capazes de planejar construções péssimas... Esses alunos podem tanto terem sido vistos e abraçados como inteligentes, e, por isso, ninguém se ocupou em ensiná-los, já que eles se viravam muito bem. Ou podem ter sido parte daquela massa sem nome e, por isso, ensiná-los para quê, se não valem a pena? Professor pode ser sisudo, elegante, extrovertido, fechado, alegre, modernoso, tradicional. Não deve obedecer a estereótipos de eficiência. Deve inspirar e expirar. Saber que o conhecimento vem de todo lugar e que se compartilha. Sou professora há vinte e sete anos e continuo encantada com minha profissão. Já fui ameaçada, levei tapa na cabeça, expulsei aluno da sala, tive que lidar com turmas que “não queriam nada com nada”. Não é o paraíso. Nenhuma profissão é. É a profissão que ESCOLHI desde sempre. Sou muito bem-sucedida, portanto.

O mercado da leitura

O ser humano é movido pela simbolização de sua realidade e não há indivíduo sobre a terra que não se interesse por uma boa história. Da leitura do que existe no mundo para a mediação dessa leitura pelo código da escrita, entranham-se as grandes dificuldades que o sistema contemporâneo de educação enfrenta. Ler a escrita é diferente da escuta das narrativas orais. Para ler e escrever, o cidadão deve ter sido exposto a uma situação formal, mesmo que fora da escola, metalinguística. A criança aprende a falar pela exposição aos códigos e usos de sua comunidade, mas, no manejo da palavra fixada no papel ou na tela de um computador, há que se ter o ensino “de propósito”, é outro exercício, outra dinâmica nas comunicações.

Em um país com uma cicatriz secular de analfabetismo, de exclusão de milhões aos códigos que lhes regem a vida civil, o ato de ler é colocado, dentro do senso comum, como para poucos, para predestinados, para os misteriosos intelectuais. Há que se dessacralizar a figura do leitor, há que se aproximar verdadeiramente a literatura, o universo da escrita dos indivíduos, há que se ofertar um ensino focado nas competências e habilidades a serem ampliadas, desenvolvidas, criadas e distanciado da ideia de que estudar estabelece um muro entre uma elite e o resto. Divulgar que o povo brasileiro não lê, não gosta de ler, é o mesmo que tentar marcar o ponto exato onde começa e termina o círculo, é culpar o assaltado pelo crime de que foi vítima.

A leitura nasce da empatia, do estabelecimento de um diálogo completo entre a experiência do leitor e a da obra, do despertar de desejos e novas perspectivas, do desafio, de uma resposta e muitas perguntas. Como despertarmos o leitor inato de cada sujeito se a apresentação da leitura a eles é colocada na chave do impossível? Se o moleque nem atravessou um conto de fadas, um gibi e já tem que ler Guimarães Rosa só para fazer prova no vestibular? É de quebrar as pernas um salto desse. As “sagradas escrituras”, os livros “difíceis” são colocados como fronteiras para que o cidadão comum se veja impotente, incapaz no exercício de sua língua-mãe.

A sofisticação dos processos de leitura vai sendo construída em uma vida inteira de conversas com diferentes obras, diferentes autores, no angariar de novas possibilidades. Está na hora da biblioteca, da livraria, deixarem de ser ambientes apenas para apreciadores de café e usam blusa amarrada no pescoço. Está na hora dos espaços públicos e comerciais de leitura serem

mais convidativos e menos intimidadores. Para isso, há que se desmistificar a figura da leitura e do leitor. Conheci, em várias cidades em que trabalhei, inclusive Rio Verde, onde morei e trabalhei por oito anos, guardiões de bibliotecas que não emprestavam os livros para a molecada para evitar que se estragassem, ficavam guardados nos plásticos mesmos com que as editoras os enviavam. E o que dizer dos professores que não gostam de ler, que não escrevem eles mesmos textos?

Quando me mudei para Rio Verde, havia acabado de concluir o mestrado e, algum tempo depois, comecei o doutorado, mais precisamente, no ano de 2004. Obviamente, somando-se as minhas aulas em uma licenciatura, a minha demanda profissional e acadêmica por livros era imensa. Havia três livrarias na cidade, mas logo restou apenas uma, que era excelente no processo de se encomendar livros, mas muito tacanha em termos de acervo a pronta entrega e que não durou muito também. Houve a tentativa de se estabelecer outra, mas que também não obteve muito sucesso. Não acredito que a falta de livrarias com endereço físico se dê por falta de clientela ou porque as pessoas de lá não leiam muito. A verdade, como toda boa história, é múltipla. Livros são muito caros no Brasil. O trabalhador salário-mínimo não consegue dispor de quarenta reais para gastar em um único livro por mês. E as bibliotecas são terríveis, com cara de mausoléu, opressoras para os que não se sentem à vontade com o universo “letrado”, e de acervo risível, apesar de que se chora fácil quando se entra em um lugar com poucas opções. Além do mais, há o comércio *on-line*, livrarias imensas com acervos imensos vendendo a prazo, no boleto, no cartão, com frete grátis. Eu mesma compro a maioria dos meus livros pela internet, seja pela comodidade, pelas possibilidades, pelos prazos de entrega. E olha que hoje, morando no Distrito Federal, estou próxima de livrarias grandes. Ainda assim, levo meu filho e minha filha a essas lojas para que eles possam ter a experiência sensorial na escolha de um livro, muito importante na idade deles.

Outro elemento que não se pode negligenciar são as obras “pirateadas” na rede. Com relativa facilidade, encontram-se se pdfs de muitas obras disponíveis na internet, é o mesmo processo do xerocar o livro inteiro, mas elevado à máxima potência. Há *sites* importantes que realizam a divulgação de obras que já pertençam ao domínio público e há as páginas que disponibilizam, gratuitamente, obras caras nas livrarias, protegidas pelos direi-

tos autorais. Apesar da ilegalidade, do crime, não se pode negar o aspecto positivo que denuncia que há leitores para esses livros. Nesse sentido, não se pode medir a “quantidade” de leitores e leituras pelo volume de obras compradas nas lojas.

Além dos pdfs, essa entrada massiva de tablets, celulares chiques, netbooks, notebooks no mercado, favoreceu o consumo dos *e-books*, que serão um ponto forte de vendas nesse comércio da leitura, mas que existirá concomitantemente com as obras no papel, que, acredito eu, sempre terão o seu espaço cativo nas mãos de quem gosta de ler. Estou relendo **Os maias**, de Eça de Queirós, no meu tablet. Todavia, estou traindo a leitura digital com o meu velho livro de papel velho e empoeirado, um material que posso carregar na rua porque ainda não inventaram assaltantes de literatura, que não demanda estar com a bateria carregada e nem me perturba com sua luminosidade. E olha que sou fã de novas velhas mídias. Sou professora de língua portuguesa e literatura e vejo um futuro promissor nas redes sociais, nos *blogs*, nos *sites* de anônimos da televisão. Percebo, ainda, um traço marcante de nossa contemporaneidade que são esses conhecimentos comprimidos, de pílula, metonímicos o suficiente para se acreditar que se pode substituir a leitura da obra inteira por um pedacinho, pedacinho que ainda é torcido para se converter em mensagem de autoajuda. Isso não é ler, é mutilar, mas é um ponto de partida.

O grande desafio é provocar o suficiente para que o sujeito se sinta necessitado de ler a obra inteira, de conhecer melhor “esse negócio”. Como professora de linguagem, não me conformo com migalhas, mas sempre deposito minha esperança no-pouco-que-seja, ansiando por ampliá-lo. E não se pode negar que a internet veio com um potencial enorme de democratização dos acessos ao conhecimento. E os comércios de livros vão ter que se reinventar. Assim como os de outras mídias. Livro não é remédio, não é comida, não é casa, não é rua asfaltada. Livro é passaporte – para aprofundar o conhecimento de si mesmo e do outro, para o entendimento autônomo da realidade, para o afiar do senso crítico, para uma visão menos limitada da vida.

Uma sociedade sem leitores é um curral. Um indivíduo sem leitura é menos cidadão e mais intolerante. Precisamos cultivar esse processo de leitura porque ele nos permite um exercício profundo da individualidade, de fazer andar uma obra em um ritmo pessoal, em um tempo particular, no

exercício precioso da abstração, da criação de conexões, do fortalecimento da identidade. Em nossa cultura, não apreciar e entender o código da escrita é a morte da cidadania. Quem apenas lê frases de efeito e manifestos de duas linhas pende, muito facilmente, à manipulação, esvazia-se da memória de sua cultura e torna-se inconsciente de sua própria força, de sua própria medida. O grande desafio de ler, hoje, é aceitar uma passagem de tempo mais demorada, menos gritante, mais íntima, é encontrar espaço para se perceber sendo.

O ódio contra os professores

Há mais de duas décadas dando aulas a comunidades de menor poder aquisitivo, posso afirmar que o estudo destrói as relações tecidas em ambientes em que ele não é comum. Estudantes perdem família, amigos, vizinhos assim que ocupam essa posição estranha. Em um país em que a cultura popular ainda é menosprezada pelas instituições formais de ensino e muitos dos autoproclamados intelectuais se fecham em um circuito de arrogância e desprezo pela inteligência alheia, aquele indivíduo que frequenta a escola e começa a usar um vocabulário diferente, a comentar de coisas que ninguém sabia que existia, a colocar “s” nas palavras, a não ter tempo para o convívio como antes é transformado em alguém que não pertence mais ao grupo. Tudo o que ele fala é visto como “metido”, “querendo aparecer”, “acha que é melhor que os outros”. Até que escuta a frase “não te conheço mais”, “me acha burro, cai fora”.

Parece absurdo, mas esposas perdem maridos, filhos perdem os pais, pais perdem os filhos, amizades se transformam em guerra porque a escola ainda não é o lugar a que todos vêem naturalmente como direito, ainda é lugar de eleitos, de poucos, espaço em que as pessoas que não entram são vistas como ignorantes e inferiores. Daí a hostilidade à carreira de professor. As pessoas não questionam o advogado, o médico, o funkeiro ganharem muito dinheiro e terem vidas confortáveis. Mas uma professora usar uma bolsa de “marca” é um absurdo. É a raiva arraigada contra os que estão associados ao ensino. Policial psicopata tem orgasmos quando bate em estudante, as pessoas atiram pedra no professorzinho que acha que é alguma coisa. Raiva da intelectualidade. Raiva gerada por um país com a mentalidade de colonizado tão profunda que o sucesso deve ser escondido, o aprendizado deve ser guardado para fora de casa.

É um medo também. Um pavor de pessoas que podem quebrar um estado de coisas, acabar com o conforto de ter outro decidindo o que é melhor para todos, de terem que assumir as próprias escolhas. A mulher “da comunidade” que vai à escola mostra para as outras que elas podem lutar e fazer uma opção. Que maldade, isso as tira do conforto do conhecido e da culpa nunca admitida. E tentam neutralizar a “inimiga” que veio trazer notícias de outro mundo.

Os pais deveriam ir às ruas exigir melhores condições para os pro-

fessores e, por conseguinte, maior qualidade de ensino para seus filhos. Todavia, ficam contra esses profissionais que são babás da galera enquanto os pais trabalham. Se o filho não tem onde ficar por causa da greve, a escola é culpada. E mantém-se o ciclo de pais subempregados que não entendem que melhores escolas oferecem aos seus filhos a chance de quebrarem o ciclo da pobreza e assumirem profissões mais bem remuneradas. Quem pensa assim? Todos estão caminhando feito gado.

A sociedade é contra o professor. Ela é o espelho infeliz dos desejos daqueles que estão no poder e que representam aqueles “intelectuais” que berram que o conhecimento não é para todos, que deve haver o pobre para trabalhar para o rico e que esse é o sentido bíblico das coisas. Ainda tem gente insistindo em ser professor. Deveriam ser aplaudidos e alvo de gratidão. Já chegou o dia em que faltarão pessoas querendo trabalhar nas escolas para pobres. Professor não é profissão fim em nosso país, ela é meio para que as profissões “mais importantes” sigam seu curso. Professor é mata-burro, não é profissional. Professor, se não quiser ser o mordomo da casa grande, apanha no tronco. Pena que pensar seja visto como perigo e não liberdade.

A construção da identidade pressupõe a particularidade como peça basilar do universal. O eterno caminhar do homem entre sua unicidade e caráter insubstituível face a outros seres humanos e seu carregar do coletivo em cada célula e pensar seu constituem as fusões, rupturas, redimensionamentos, retomadas, construções do imaginário, da história, da arte, das pegadas humanas no tempo e na geografia. As artes não possuem o movimento em linha reta, tão peculiar às tecnologias ocidentais. Ela é *ouroboros*, a serpente engolindo o próprio rabo, o movimento infinito circular em que o início e o fim são qualquer ponto.

O estado da arte é o estado da perfeição, somente alcançado porque fundado na humanidade. Todas as marcas históricas, culturais, ideológicas são levadas pelas asas da universalidade e, misturadas ao mito essencial, atualizam-se como múltiplas chaves assim que o leitor de qualquer tempo e sociedade enxergue-se feito espelho, feito narrativa já escrita milenarmente antes dele. O tempo da arte é o presente. E tudo tocado pelo ser humano é imediatamente simbolizado. E o processo de retirar as pétalas do símbolo envolve-lhe em novos véus. Hannah Arendt, em *Condição humana*, reitera o fato de que a universalidade, ou natureza humana, só poderá ser alcançada pela **condição humana**, onde se inserem a precariedade da morte, as diferenças linguísticas, as diversidades do olhar humano. Em **A vida do espírito**, a autora reitera as diferenças do ser, do estar e do pensar, em um ciclo que o ser se coloca na expressão da particular, mas que se reconstrói pela ação do pensamento.

As obras artísticas, em seus projetos, devem conter o necessário de pensar para que todas as fronteiras particularizantes não sejam cordilheiras a impedir o acesso às ideias e imagens, mas vales produtivos em que os homens, que sempre morrem, serão sempre menores às obras, que para sempre vivem. O sujeito hodierno não é um grego da época de Homero para ler/ouvir da mesma forma que leriam/ouviriam. E porque ela continua a ser lida e estudada? Porque possui os sussurros de uma época que se foi, porque ainda reverbera os gritos sempre os mesmos da humanidade. A arte é fundadora da identidade porque coloca em perspectiva de acesso para que o outro enxergue o que não é facilmente visível nem para quem a produz.

Os discursos que atravessam a obra não são previstos, nem controlados por seu artista. O leitor é parte da construção. O ser, estar e pensar do consumidor/receptor da arte é o testemunho de que nela tudo será enunciação, nunca enunciado fechado. As chaves que abrem portas e caminhos em labirintos do infinito estão no altar da linguagem e na língua do receptor, se o seu pensar não se estabelece em bases da racionalidade e da criação, todos os muros estarão erguidos, nenhum mistério será revelado. Seres humanos sempre são, sempre estão, nem sempre se aprofundam no pensar. A literatura é um convite, é a mentira única porta de entrada para verdades nunca ditas, para o invisível sempre evitado.

Esse portal de convergência que é a obra literária, assim como a natureza humana, nunca é esgotado ou alcançado, a natureza da obra literária é a mesma da humana, é a soma das perspectivas, inclusive das ainda não construídas. História, sociologia, teoria literária, psicanálise, linguística, arquitetura, podem ser vislumbradas pela literatura e a literatura, nesse tráfego multilateral, se alimenta de todas elas. Cada leitor colhe uma maçã dessa árvore do conhecimento, cada leitor planta uma nova semente, nenhum leitor tem a visão total, nenhum leitor será bem-sucedido indo sem escala para o universal. O único rio que leva ao único coletivo só é trafegado pelas experiências locais, pequenas, subjetivas, individuais, cheias de uma fauna e flora escondidas, plantadas ali para parecerem pertencer só a aquelas águas, quando, na verdade, são anteriores ao próprio rio. O obra seleciona o leitor. Quem é ele no seu pensar, na sua linguagem, na postura de pergunta, na postura de ouvir, na postura de criar. Ela não é uma casa aberta. É uma casa para quem conseguir girar a maçaneta. E sem a fricção do alimentar-se de referências, sempre haverá mãos escorregadias a olhar a porta e pensar que ela é a casa.

A grande contradição da língua nativa, no nosso caso, o português, é ser espelhada pelo “já sei tudo o que preciso” e “não sei nada disso, é difícil demais”. É a polarização entre a língua da minha vida e a língua da escola que foi construída, instituindo um muro entre o conhecimento do aluno e o conhecimento formal. Como não se estabelece um fluxo entre as duas, estabelece-se um ensino que trata a língua materna como língua estrangeira, revogando toda a complexidade da vivência humana pela linguagem. Nenhum ser humano é dono da totalidade de uma língua, mas é dono da experiência subjetiva com ela. Significa que ninguém poderá se colocar como autoridade irrefutável no conhecimento de todas as possibilidades da língua, dado que são infinitas, mas é capaz de se apropriar da totalidade das experiências com elas, porque são finitas como o é o ser humano.

Todavia, há aqueles que exploram a linguagem de propósito, crescem juntamente com o maior conhecimento que vão produzindo a seu respeito. Há aqueles que buscam aprimorar as experiências intelectuais, subjetivas mediante a desenvoltura no manejo com o português. Vão estudando, ouvindo, observando, lendo, experimentando, criando, assumindo uma postura mais reflexiva e menos reativa. Esses conseguem mais distâncias no espaço infinito da expressão. Imagine a criança ao descobrir que seu choro gera uma reação ao seu redor, que um conjunto de sons ordenados faz aquela mulher sorrir. Ela reage experimentando, dando suas primeiras interferências do seu existir no mundo. Ela cresce, entende o xingamento, o tabu, o elogio, o pedido, a ordem, a súplica, a ofensa. Vai à escola e lhe dizem que tudo o que ela diz e, portanto, tudo o que ela é, já que dizer algo é dizer-se sempre é errado, e aí emudece perante um sistema ideológico dividido entre mandar e obedecer.

Então, as experiências, que não param de chegar, vão se acumulando em um engarrafamento de coisas não-ditas que irão explodir em outros flancos, seja na raiva, na fala sem propósito, no pensamento rancoroso ou deprimido. A escola deveria desafogar esse tráfego para que a movimentação do dizer seja cada vez maior. Mas coloca um sinaleiro sempre em vermelho. Há tantas roupas para se vestir, há tantas variedades à nossa disposição, porque a variedade do documento burocrático é colocada hierarquicamente superior à variedade de nossos amores e memórias?

A escola bem que tem que ofertar o terno, o paletó, a roupa de gala, mas não ao ponto da roupa de trabalhar confundir-se com a pele de quem tenta não só caber como usar essa vestimenta. É preciso estudar, ler, ouvir, interagir, construir? Sempre. O mundo construído pela linguagem é maior que o mundo não narrado, o mundo das coisas. Ele está lá, pulsando, mas há códigos a serem conhecidos, explorados, códigos que não se aprende m pelo contato simplesmente. Há que se ter o mediador, o que entende desses códigos para que a chave seja girada. Pode ser o professor, o líder religioso, o pai, a irmã mais velha. Há regras para serem conhecidas e só assim serem quebradas. O português “já-sei” tem que se misturar com o português “nunca-vou-saber”. Juntos, trabalharemos para que o ser humano, que lhes dá existência, também possa existir. A linguagem, abstrata, expande a intelecção das experiências concretas. A linguagem, mesmo não se entregando inteira a ninguém, é o único caminho para se alcançar a inteireza de ser.

O jumento da opinião

A realidade é uma soma de infinitas perspectivas. É matemático, uma mudança ínfima de posição e o real se modifica. Ao observar alguém em uma sala, cada pessoa presente verá um ângulo diferente. Se os sentidos são esse portal precioso da memória, informação e conhecimento, não deveriam ser imprecisos. Entretanto, o são. Não há possibilidade de um ser finito, histórico e relativo construir o absoluto. De mãos imperfeitas, a obra é sempre única, mas nunca perfeita. Não se pode exigir de nenhuma pessoa que ela, sendo mortal, entenda a imortalidade, que, sendo limitada, alcance claramente o infinito. Tudo é representação, portanto.

O pensamento, colocado concretamente no mundo pela linguagem, seja verbal ou não, nasce de um sujeito que não detém o conhecimento total do mundo e suas eras e é envolto pelos signos e símbolos pequenos o bastante para não alcançarem o status de língua universal e livre de ambiguidades, de subentendidos, de múltiplas possibilidades de produção e recepção. A lógica das letras não é a mesma dos números, assim como a história pessoal construída em útero de histórias coletivas, não é a mesma em nenhum sujeito. As experiências chegam a todos, mas o caldeirão interno ferve em pontos diferentes.

A opinião, nascida de seres imperfeitos, códigos imprecisos e observações parciais, é mesmo algo sério. É um colocar-se no próprio mundo e do outro. E entrar no universo do alheio com opinião não deixa de ser um processo invasivo. Nesse sentido, ela precisa ter substância, informação, diálogo entre dados e construções autorais, próprias. Deve ter a forma adequada ao cumprimento ou quebra dos contratos sociais estabelecidos a julgar pelo contexto da evolução e revolução, sempre necessárias, sempre fundadas na construção e ruptura. Opinião sem linguagem, sem dados, sem a humildade nascida da consciência dos limites e imperfeições que cada um carrega e é, não é opinião, é um engasgo, um vômito de signos temperados no ódio, na ignorância, na involução.

Não se pode, por conseguinte, ter opinião sobre tudo. Seria uma falácia de quem se considera Deus, superior, com poderes extraterrenos. Simplesmente porque ninguém é profundo conhecedor de tudo. E a opinião, a opinião é algo sério. Deve pedir licença para entrar na vida alheia, deve se comportar como um convidado que traz mais uma cadeira para a festa de observação da realidade.

Opinião não é verdade absoluta. O absoluto só existe no mundo da divindade, é mítico e nem ele escapa das teias tão finas e fortes da história. Do outro lado do mundo ocidental, Jesus nem é conhecido. O que não invalida a ética religiosa-política-simbólica de nenhum povo. O que cada sujeito pensa sobre o mundo é extremamente relevante e deve ser comunicado aos outros, mas não em um processo de apagamento dos pensares diferentes, e sim na multiplicação, no costurar da grande colcha que aquece a humanidade em seus dias frios em que o relativo é soterrado.

Palpitar sobre o mundo e seus seres e coisas é um absoluto temporário, é uma verdade de ventos porque a cada ponto da evolução, o indivíduo é outro e outros seus absolutos. Descartes dizia que deveríamos usar a moral provisória até chegarmos à verdadeira, como um barracão em que se fica morando enquanto se destrói tudo que se achava saber. Acontece que a verdade é provisória e a moral não mora no barraco, mas na estrada. É uma dama elegante, sedutora e extremamente volúvel, sorri diferente a cada passante que lhe olha.

Não se deve ter opinião quando não se está com as bases fundamentais para sustentá-la. Tenha, antes, o ouvir e ver. Cada ser humano carrega mais opiniões do que seus ombros são capazes de segurar. Não tenha pressa de arranjar mais uma. E saiba que a cada opinião que chega em teu corpo, uma outra desce e descansa na terra.

O mal é os outros, o mal está nos outros. Quem irá admitir, nesse mundo de injustiças, que é capaz de fazer exatamente o que acusa como errado? Deveríamos todos. A maioria das acusações atiradas ao alheio está em serem diferentes do que somos. Que pecado, que pecado essa pessoa não seguir os parâmetros que consideramos corretos.

Pelo menos cinco vezes ao dia, somos maus. Pensamos horrores, desejamos tragédias, falamos imbecilidades, cortamos a carne de alguém com alguma atitude cretina. Todavia, os olhos estão voltados para fora na denúncia de todos e para dentro com foco apenas nos méritos que temos por sermos bons. Somos preconceituosos na maioria dos casos em que nos consideramos vítimas. Mulher de short curto na rua? Puta. Cara dançando balé? Veado. Estudante da zona rural? Burro. Mulher no bar com as amigas? “Tá querendo”. Pensar que esses pensamentos são autóctones, que são puramente seus e ancorado na verdade nos afasta do respeito. São atitudes passadas de geração a geração, seja pelos pequenos grupos familiares até a chamada cultura de massa. É o reforço individual da manutenção do poder de certas classes.

A raiz dessa falta de reflexão pode estar no conforto de nunca ter que alterar padrões. Pensar dói, porque exige mudança e até confronto. Exige que saíamos da posição de centro do mundo e aumentarmos nossas perspectivas. Preconceituosos são repetidores e colonizadores. Querem manter o corpo do outro sob exploração e cativo. E retiram o direito à alma desse corpo quando ignoram o fato de que sofrem, e muito, os ataques. É preciso atenção para não ir rápido demais ao tribunal das faltas alheias e gritas “eu acuso”. É fundamental, primeiro, gritar “eu ME acuso”.

De todas as cartelas de valores, crenças e condicionamentos, podemos retirar o que nos parece mais próximo de nós. O direito que não possuímos é ignorar as possibilidades diversas do que escolhemos. Devemos entender que a inteligência é a capacidade de navegação em um contexto. Retirados de nossos contextos familiares aos nossos sentidos, somos todos ignorantes. Quem acredita que se agiganta pela superioridade física e intelectual está em estado de completa negação do estado de verme que pode estar comparado com outro. Há o orgulho de não ter nenhuma parte do meu corpo faltando. Há o orgulho dos sistemas todos funcionarem em seu

corpo. Há uma prática nazi-fascista de se sentir o escolhido por isso. Há um comportamento medíocre em acreditar que estar no “normal” é uma vantagem. Que ser homem-hétero-branco é uma dádiva divina.

É a anacronia da ignorância. É gabar-se de estar no topo de uma montanha de injustiças. É falta de pensamento. É comportamento de gado. É comportamento de feitor. Ninguém é puro e perfeito. Todos cometemos nossos atentados particulares porque é difícil sentar-se em lugares diferentes para mudarmos a perspectiva e, por isso, a empatia é uma das maiores formas de manifestação da inteligência. Não a força, porque nisso qualquer ser humano perde para qualquer animal, incluindo a minúscula aranha e seu veneno letal. Não o que veio pronto. O construído.

Vivemos a contradição de Hermes, que revela e que esconde o mistério. Estamos cercados de meios de informação, mas poucos se apropriam. E esses que acessam o conhecimento o acessam em tal profundidade que não se sentem os escolhidos. Sentem-se apequenados pelo muito que falta para que os arquivos de todos se expandam o suficiente ao ponto de alcançarem, não a iluminação, mas o caminho. É preciso desconstruir a chegada. Ninguém chegou, a evolução humana está na estrada.

Comunicação é atrito, é contato, é berlinda para quem se envolve nesse comércio. Só o fato de existir nesse mundo já é manifesto. Emanamos informações e julgamentos dos outros e de nós mesmos ininterruptamente. E a tecnologia, que, a meu ver, é a expansão de nossos sentidos, está aí para movimentar e dar novas possibilidades a esse processo. Entre elas, a falta do RG de quem fala. Nesse ambiente virtual, todo o processo comunicativo pode ser criado ao redor da mentira, da foto falsa, da falta de origem definida da informação.

Essa expansão traz consigo as potências positivas da mesma forma que amplia as negativas. A difamação e o assédio, que sempre existiram, alcançam proporções absurdas, assim como pessoas se mobilizam em torno de um bem comum. O grande problema está na falta da face no *Facebook*. Essa invasão de quadrinhos pré-fabricados, a proliferação de páginas com temas suspeitos, dão voz a preconceitos, massacres e distorções. Nesse nosso ranço de país analfabeto, em que o que está escrito vira lei e é verdade, só o fato de estar registrado na rede já serve como verdade para a maioria. E, em um instante, a rebelião contra a vacina começa, rapidamente, vozes radicais, livres de terem que encarar um interlocutor concreto, se levantam. A maioria é apenas isso, um coro que entoa raiva por alguns instantes e depois arranja outra coisa para odiar. Todavia, há sempre aqueles que resolvem agir, que resolvem vandalizar e tornar concreto o ódio semeado por meio de ações, surras, assassinatos, perseguições.

A primeira pergunta que todo usuário dessa rede deveria se fazer é “Essa informação é confiável”, “De onde partiu?”, e a primeira ação é verificar esse conteúdo em outras fontes. ESTUDAR. O problema é que são raros os que pretendem construir reflexões, raciocínios nesse *fast-superficial-reading* que é o *Facebook*. Nada contra. Uso muito, interajo com amigos, caio na onda da terapia grupal, divulgo eventos, assino petições, participo de campanhas. Procuo, entretanto, nunca desligar meu radar, nunca desativar meu senso crítico, sempre tentar me proteger de trolls que invadem o sistema para catalisar venenos.

As fotos divulgadas, as imagens de crianças mortas, lesionadas, os corpos empilhados pelas tragédias, as piadas preconceituosas pipocam pela rede cobertas por uma moralidade tão falsa e irritantemente hipócrita que

deveria provocar náuseas em quem as consome e divulga. Dizem para respeitar os mortos enquanto se devassa a sua imagem, dizem que negro é lindo enquanto divulgam vídeos “da nêga do suvaco cabeludo”. A mídia potencializa apenas o que já existe, ela amplifica o que está dado.

Um exemplo forte dessa preguiça odiosa se deu a respeito do deputado Jean Willis. Independente se ele é um bom profissional, se o cidadão é favor ou contra as suas ações, antes de sair compartilhando todos os quadrinhos que alguns grupos colocam, deveriam verificar a veracidade disso, deveriam buscar as fontes primárias. A questão é que há tanta gente disposta a odiar, a projetar suas frustrações em algum outro, que logo todos estão indignados com a heresia e apologia aos pedófilos atribuídos ao deputado. Ele não disse isso, não que exista algum registro concreto e de várias fontes minimamente confiáveis.

Facilmente se cria UMA ONDA (veja o filme **The Wave**), facilmente se cria uma histeria coletiva. E amparada em nada. Apenas no boato, apenas na aposta de que as pessoas não querem se deslocar do seu autocentrismo doentio e enxergar novas possibilidades de existir. Tristemente, há uma movimentação muito maior em negar o outro que afirmar a si mesmo. Parece paradoxal, mas não é.

Podemos divulgar fé, a ausência dela, divulgar ideologias, posições políticas, podemos afirmar tudo isso. O que se percebe, em uma frequência desoladora, é que não se prega o protestantismo, mas uma cruzada contra os que acreditam em Nossa Senhora, não se coloca a discussão da fé, mas uma batalha que ridiculariza os que a possuem, não se colocam convicções, mas raivas. Estranhamente, confundiu-se o negar algo como forma de afirmação.

Estranho, estranho, estranho, mas enquanto os olhos e ouvidos estiverem fechados para a conversa, para a comunicação respeitosa e cuidadosa, é melhor me trancar em casa. Tenho uma Nossa Senhora tatuada nas costas, acredito que toda forma de religião que visa a evolução para o amor e o bem são boas, não acredito que seja da minha conta a vida sexual-afetiva de ninguém a não ser que uma das partes seja incapaz ou esteja coagida, acredito que as mulheres têm o direito a se esterilizar mesmo sendo solteiras e sem filhos, defendo que as meninas devem crescer sendo educadas para estudar, trabalhar e garantir seu próprio sustento. Defendo meus sins em um mundo contaminado por gente feita de não.

As artes não possuem o movimento em linha reta, tão peculiar às tecnologias ocidentais. Ela é ouroboros, a serpente engolindo o próprio rabo, o movimento infinito circular em que o início e o fim são qualquer ponto. O estado da arte é o estado da perfeição, somente alcançado porque fundado na humanidade. Todas as marcas históricas, culturais, ideológicas são levadas pelas asas da universalidade e, misturadas ao mito essencial, atualizam-se como múltiplas chaves assim que o leitor de qualquer tempo e sociedade enxergue-se feito espelho, feito narrativa já escrita milenarmente antes dele. O tempo da arte é o presente. E tudo tocado pelo ser humano é imediatamente simbolizado. E o processo de retirar as pétalas do símbolo envolve-lhe em novos véus.

Hannah Arendt, em *Condição humana*, reitera o fato de que a universalidade, ou natureza humana, só poderá ser alcançada pela condição humana, onde se inserem a precariedade da morte, as diferenças linguísticas, as diversidades do olhar humano. Em *A vida do espírito*, a autora reitera as diferenças do ser, do estar e do pensar, em um ciclo que o ser se coloca na expressão da particular, mas que se reconstrói pela ação do pensamento. As obras artísticas, em seus projetos, devem conter o necessário de pensar para que todas as fronteiras particularizantes não sejam cordilheiras a impedir o acesso às ideias e imagens, mas vales produtivos em que os homens, que sempre morrem, serão sempre menores às obras, que para sempre vivem. O sujeito hodierno não é um grego da época de Homero para ler/ouvir da mesma forma que leriam/ouviriam. E porque ela continua a ser lida e estudada? Porque possui os sussurros de uma época que se foi, porque ainda reverbera os gritos sempre os mesmos da humanidade.

A arte é fundadora da identidade porque coloca em perspectiva de acesso para que o outro enxergue o que não é facilmente visível nem para quem a produz. Os discursos que atravessam a obra não são previstos, nem controlados por seu artista. O leitor é parte da construção. O ser, estar e pensar do consumidor/receptor da arte é o testemunho de que nela tudo será enunciação, nunca enunciado fechado. As chaves que abrem portas e caminhos em labirintos do infinito estão no altar da linguagem e na língua do receptor, se o seu pensar não se estabelece em bases da racionalidade e da criação, todos os muros estarão erguidos, nenhum mistério será revelado.

Seres humanos sempre são, sempre estão, nem sempre se aprofundam no pensar. A literatura é um convite, é a mentira única porta de entrada para verdades nunca ditas, para o invisível sempre evitado.

Esse portal de convergência que é a obra literária, assim como a natureza humana, nunca é esgotado ou alcançado, a natureza da obra literária é a mesma da humana, é a soma das perspectivas, inclusive das ainda não construídas. História, sociologia, teoria literária, psicanálise, linguística, arquitetura, podem ser vislumbradas pela literatura e a literatura, nesse tráfego multilateral, se alimenta de todas elas. Cada leitor colhe uma maçã dessa árvore do conhecimento, cada leitor planta uma nova semente, nenhum leitor tem a visão total, nenhum leitor será bem-sucedido indo sem escala para o universal. O único rio que leva ao único coletivo só é trafegado pelas experiências locais, pequenas, subjetivas, individuais, cheias de uma fauna e flora escondidas, plantadas ali para parecerem pertencer só a aquelas águas, quando, na verdade, são anteriores ao próprio rio.

A obra seleciona o leitor. Quem é ele no seu pensar, na sua linguagem, na postura de pergunta, na postura de ouvir, na postura de criar. Ela não é uma casa aberta. É uma casa para quem conseguir girar a maçaneta. E sem a fricção do alimentar-se de referências, sempre haverá mãos escorregadias, a olhar a porta e pensar que ela é a casa.

Tem um mimimi no seu blablá ou de quando as pessoas deixaram de ouvir e desaprenderam o falar

“Mimimi”, “blablablá”, “me poupe, se poupe, nos poupe”, “minha opinião”, “tenho dito”, “aff”, “sem mais”, “fanáticos”, “fascistas”, “petralhas”, “vai estudar”... expressões que comecem a serem consideradas argumentos completos. Basta utilizar algumas dessas e não importam o tema, fundamentos, encerra-se a questão, oferece superioridade a quem utilizou e fere “mortalmente” quem as recebe. Todos enclausurados em textos cristalizados, repetidos à exaustão independentemente de seus autores nunca terem se encontrado.

A escrita de um discurso em pedra é uma das primeiras ações para se obter o controle das mentes alheias, destituídas de qualquer criatividade e, portanto, de divergência ao que foi entalhado. Precisamos todos calar a boca, fechar a matraca, zipar os lábios. Para aprender. Um argumento não é algo fácil de se construir. Demanda conhecimento, estudo, afastar-se das ideias já existentes, retirar os pré-conceitos para alcançar algum nível de isenção. É necessário domínio de linguagem para que ele se torne claro ao outro. É fundamental que o indivíduo apresente pensamento próprio que se manifeste, seja pelo modo de escrita, seja pela abordagem. E é assim que se pode passar um dia inteiro, meses, sem se apresentar um argumento sequer.

A maior parte da comunicação cotidiana se dá por estruturas prontas: “bom dia”, “boa noite”, “como vai”, “tudo bem”, “está calor”, “vai chover”, “difícil, viu”, “com certeza”, “combinado”, “graças a Deus”, e a pessoa é considerada proficiente na língua porque consegue navegar dentro do senso comum. E isso não é problema, só se transforma em um quando se confunde essa comunicação com reflexão, com dizer algo em profundidade. Monitorando as redes sociais, encontra-se um nítido exemplo disso. Em diferentes postagens, por diferentes pessoas, o mesmo discurso, com raras variações. A política, hoje o grande vórtex de discórdia, é um campo em que isso se percebe com mais intensidade. A morte do neto de Lula gerou fortes exemplos. “Se a morte de um ser humano te alegra, é porque você já morreu”, “E as crianças que morreram por falta de saúde pública?”, “O PT destruiu o Brasil”, “O PT colocou o filho da empregada fazendo universidade com o filho da patroa”. Uma criança de sete anos morre e

“aqui se faz, aqui se paga”, “sentimento não tem partido” se proliferam nos supostos “debates”. Os que pedem humanidade tentando desvinculá-la do partido começam dizendo “não votei no PT, mas...”. Isso é um sintoma de que não só os discursos esvaziados dominam as redes como há um deslocamento do que seria o centro daquela discussão, fazendo com que tudo tenda às dissensões políticas, nada consegue fugir desse discurso prévio, todos vão sendo encarcerados nessa única bolha. E, com todos obrigados a viverem na mesma jaula, os ódios se inflamam e repetir um discurso é ser aceito por um grupo, fazer parte de um clã.

Não se pode ter opinião sobre tudo. Opinar é algo sério. Primeiro, deve-se questionar se essa opinião é necessária. Depois, se o autor tem conhecimento necessário para construí-la e, por último, se ela será útil. Concordo ou discordo não são opiniões. Sou a favor, sou contra, não são opiniões. Porque não dizem absolutamente nada. Sem fundamentação baseada em pesquisa, em refletir, não existe opinar. Todavia, a partir do momento em que um discurso se torna público, ele estará lá para ser desmontado, questionado, redimensionado, alvo de interferências. E o que o senso comum quer é dizer algo e blindá-lo logo em seguida com algo do tipo “é minha opinião”. E ao questionar o discurso alheio, fechar o muro com “mimimi”, “sem mais”. Que baboseira.

Nada disso inicia, desenvolve, ou encerra uma discussão. E questionar um argumento se torna questionar o indivíduo e as paixões irrompem, ignorantes, cegas e surdas. Não há mais conversa, apenas o desejo de calar a boca do outro, nem que seja necessário ofender, gritar, fazer tanto barulho até que a voz dissonante desapareça. E assim, o conhecimento não é produzido, a sociedade involui, a solidariedade desaparece e o outro só existe como ameaça e só será bem-vindo se sua garganta fizer os mesmos sons, se ele for a minha sombra sem alma. Somos a sociedade do textão, das palavras de ordem, da problematização dissociada de ações, da militância digital. Rápidos em disseminar quadrinhos, *prints* de escritas que nos agradam. Usar efetivamente a linguagem, isso ficaremos devendo. O pior pode emergir a partir de textos que desviam a compaixão para as injustiças políticas, para eleger um candidato, para justificar uma crueldade.

Esse vazio dos discursos nasce de pessoas esvaziadas? Difícil resposta. Acredita-se que pode haver um abismo entre o que se repete e o que se é. É possível que o odioso da internet seja um bom pai. Ou não. Temos

muito pouco para conhecer o dono dos dedos que movimentam os teclados, quase nada. E não se pode interromper os dejetos dos julgamentos julgando. É necessário algum silêncio para interromper a histeria. Não o silêncio de ser inerte à realidade ao redor. O silêncio necessário para ouvir, estudar, pensar. Se não se interromper a existência dos discursos petrificados como fast-solution para as diferenças, toda a sociedade irá morrer por ter se transformado em água parada.

O malefício do cancelamento

“Dar as costas” há algum tempo era se afastar de quem nos contrariou, ignorar, “fingir que não existiu”. A comunidade possuía sua dose venenosa de marginalizar quem estava fora do padrão ou fosse acusado de ser contraventor. Entram aí desde as divorciadas até assassinos. O alcance dessa fogueira, no entanto, era restrito em seu alcance quando se compara a possibilidade de uma imagem percorrer o mundo em menos de cinco minutos. E o que se observa é que essa extraordinária maneira de se expandir conhecimentos, interações é também eivada de destruição, muitas, vezes, provocada pelo tribunal dos “bons”.

Ficam à disposição milhares de músicas, acessíveis para todos os que possuem celular, computador e acesso à internet. Artigos, livros, documentários, filmes tornaram-se acessíveis. Estamos vivendo a era da informação, já que estamos cercados pelas avalanches de possibilidades? Há que se questionar essa utopia. Milhares de músicas à disposição e, provavelmente, o consumidor ainda ficará apegado a um grupo familiar a seus ouvidos, filmes à disposição seja pelos serviços de *streaming*, seja pelos downloads pirateados. Documentários feitos pelos celulares cada vez mais aparelhados com recursos de imagens, um sonho de democratização.

Todavia, as bolhas apenas se disfarçaram, ficaram mais requintadas. O engodo está em fazer parecer escolha o que já foi direcionado. A série da moda vira a conversa do momento (vide **Game of Thrones, Dark, Black Mirror**). Os diálogos se uniformizam ao invés de saltarem de um núcleo e apresentarem possibilidades em que uns e outros se alimentam de novas perspectivas. Uma nova polêmica agrega a sociedade que se importa com ela durante uma semana ou até a próxima surgir.

As redes sociais se transformaram em um potente regulador de padrões, conceitos, éticas, ao mesmo tempo que os memes e figurinhas invadem as comunicações. A complexidade dessa temática está justamente em não cair na polarização do bem e do mal, da guerra santa travada pela luz da tela. A base da ciência não é a ética, porque ética é um organismo vivo habitante de pessoas. A mesma droga que diminui dores pode gerar um colapso de tráfico e destruição de vidas. Caminha-se das válvulas de escape dos vídeos de gatinhos, paródias, números de humor até a pantomima de militância que embaça, que se valida pela luta contra desigualdades e injustiças.

E vai a maioria flutuar feito poeira. Se uma pessoa denuncia o racismo, por exemplo, logo chega a isca fazendo um comentário esdrúxulo que desvia o foco da conversa e se encontram mais respostas ao “idiota” que à postagem original.

Há certos elementos que não se relativizam. Preconceito contra etnia, cor, gênero, orientação sexual não são justificáveis. Nunca. Liberdade de expressão funda-se, principalmente, em não silenciar o outro e diminuí-lo. É não invadir o espaço de existir do outro. Entretanto, muita auréola anda virando lâmina ultimamente. Um humorista, recentemente, quis fazer uma homenagem às empregadas domésticas, profissão que a mãe dele exercia. Foi apedrejado porque não se deve usar a expressão “empregada doméstica” por retomar padrões coloniais, que se deve usar “secretária”, “funcionária”. Foi enxovalhado.

A linguagem realmente é um universo que reforça uma realidade e que deve ser modificada para que a realidade evolua para o bem comum. Chamar alguém de “macaco”, “negrinho”, “cabelo de bombрил” nunca deverá passar. Mas há de se convir que as mudanças discursivas estão chegando ao grande público de forma muito recente e aprender é algo possível sempre, a todo ser humano. Trazer a discussão para esclarecer, é fundamental. “Cancelar” a pessoa por essa desinformação é cruel, é tão hegemônico quanto o lado que se quer combater. Há aqueles que querem evoluir, mas estão perdidos nas palavras e isso se resolveria ao perguntar ao outro sobre sua dúvida, a não pisar em ovos em uma indecisão que não levar a lugar algum. Apropriar-se do discurso para fazê-lo operar.

As pessoas não são absolutamente coerentes no que fazem. Comportamentos oscilam, o contexto e o interlocutor interferem e um recorte de cinco minutos em um *reality show*, por exemplo, não alcança a existência de alguém. Em uma situação intimidante, a pessoa pode se calar quando ouve princípios com os quais não compartilha, maldizer coisas no sentido de se expressar de formas ambíguas. Contudo, a rede do cancelamento é acionada e, em pouco tempo, “a fada sensata”, incensada por seus fãs, converte-se em um ser humano desprezível, e os que antes elogiavam agora chicoteiam.

Paripasso a esses cancelamentos, estão os vídeos chorosos de pedidos de desculpas, um alimentando o outro. De novo, o mundo não cabe em um cesto. Não há, aqui, defesa à injúria, ao deboche em relação à dor alheia. Mas que há comportamentos sufocantes, há. Preta Gil é admirada por se “assumir” uma mulher gorda, feliz, cheia de autoestima. Os seguidores a elogiam aos mi-

lhares de comentários e rebatem os gordofóbicos que se imiscuem ali. Ela decide emagrecer, por saúde, por desejo, por questões que só lhe dizem respeito, é cancelada. “Traiu” o movimento, foi falsa, manipulou o mercado e aqueles que a defendiam abrem a porteira para o ódio.

Preta Rara, uma rapper, historiadora, ativista, escritora, desabafou uma vez em sua conta no *Instagram* que lhe cobram “posicionamento” sobre todos os eventos preconceituosos notificados, que essa seja a sua vida, um projeto para as expectativas alheias. Há uma mulher, um ser humano, que também precisa de paz, de cuidados, que também precisa cuidar da própria sanidade mental. Se ela não emitir um comentário, será criticada por não se envolver no movimento contra o racismo. A totalidade do ser humano termina reduzida ao próximo evento. Não basta uma vida inteira de batalhas, um comunicado que não se faz, cancela-se a autorização daquela pessoa de ter voz.

Os assassinos de George Floyd devem ser presos, pagarem por seus crimes, terem sua posição privilegiada “cancelada”. Os estupradores devem ser condenados, cancelados do convívio social. Esse é o cancelamento que muda o mundo. Todos conjugam o verbo “errar”, inclusive no futuro. Ser cancelado nessa direção emperra a mudança. O homofóbico pode desconstruir o preconceito, o machista pode modificar seu olhar, o ignorante pode aprender sobre autismo. Não se prega aqui a teologia da libertação absoluta, dar a outra face para bater. Não se combate a resistência contra o sistema que gerou essas pessoas e às pessoas que aprofundam ainda mais o racismo, a violência, o desrespeito.

Sempre houve cancelamento dos indígenas, quilombolas, das minorias de direito, silenciadas, sem poderem falar por si mesmas. Cancelar não é um ato recente, está exponenciado e com pouca memória. O “vidas negras importam” virou a *hashtag* de uma semana, a onda de alguns dias. Muitos “bem intencionados” cancelaram pessoas que consideravam racistas, que não se pronunciaram, não surfaram na onda. Passada a força da água, ninguém mais mergulha no assunto. Cancelaram as pessoas, mas não as práticas criticadas. A prática, a mudança de si mesmo e de seus espaços de convivência não perduram. Afinal, já fizeram a sua parte. Já cancelaram, fizeram vídeos, escreveram textos, é hora de dormir enquanto a peleja do outro continua. Os canceladores de ontem seriam os cancelados de hoje.

O casal primordial

Tudo estava quieto, silencioso
Dentro do infinito, nada possuía espaço próprio
Tudo era junto, misturado e ao mesmo tempo
Não havia privacidade porque ninguém se destacava um do outro

O infinito pegou um baita tédio
Não havia nenhum jogo, brinquedo
Ele apenas era, e assim, resolveu quebrar a unidade total de tudo isso
Era até egoísta, porque ele, com medo de perder o traquejo
Enfiou, antes de tudo, um magnetismo nas coisas que criava
Assim, nenhum pedaço escaparia do desejo de ser infinito

Estariam se buscando tentando transformar todas as peças em únicos desenhos
Foi meio maldade isso aí, quebrar o infinito em vários finitos
Quebrando a lógica matemática de que finito mais finito não dá eternidade
Mas a perfeição é monótona, chatinha
E foi assim que a união absoluta se desfez, acordaram-se os pontinhos
E as fronteiras começaram a se formar no quebra-quebra da unidade

Que os jogos comecem, esfregou as mãos o eterno
Que, vaidoso, disse, eu sou o Verbo.
Ao homem, confuso, sem saber onde estava, cabia
Colocar uma identidade para cada forma, viva ou não
O que as formas fariam, entretanto, só o verbo diria
Uma reserva de mercado para controlar as ações

O primeiro casal, engana-se você, não foi Adão e Eva
Chaos e Nix, Apsu e Tiamat, Shiva e Parvati, Oxalá e Nanã
O casal original era o Verbo e o Nome
Porque o infinito era vaidoso e disse: Eu sou o que é.
Meio enigma brega, a gente sabe, mas o casamento se fez
E o verbo, cansado de ser o dono de todas as ações, dessa desfaçatez

Fazer toda a costura em que um nome fazia com outro nome
Decidiu que o substantivo, estático que era, deveria trabalhar mais

Eu sou o verbo, colega, estou cansado de fazer ponte
Você, portanto, vai jogar em posições diferentes
Trabalhar mais do que eu, demonstrar serviço
E lá se foi o substantivo, se dividir em mais lugares que o verbo

Trabalhando o tempo inteiro, se cansando da falta de direitos trabalhistas
O nome chamou o verbo, já que quem deveria andar era ele,
E reclamou: ou consigo ajudantes ou faço greve
E você vira ponte que não leva a lugar nenhum
O verbo sabia que não era patrão, que sozinho nada chegava a lugar algum,
Perdido, sem saber o que fazer, quase virando um verbo de ligação,
O substantivo gerou uma série de companheiros

Os filhos do Nome, que serviam apenas a ele
Foram batizados de adjuntos do nome, ou adjuntos adnominais
O Nome reclamava do verbo
Mas era ainda mais vaidoso
Criou um monte de satélites para que ele fosse o planeta
Adjetivos, pronomes, numerais, artigos
Que só adquiriam vida perto desse picareta
Se o infinito era controlador,
O nome também era chegado a bancar de senhor

Até que o nome merece um desconto
Atuando em tantas funções diferentes,
Objetos, complementos, sujeitos, que se expandiam no mesmo lugar
E, apesar de crescidos, tudo ainda era nominal porque do nome nasceu
E a frase caminhava mais elegante, o verbo admitia,
Com todos os filhos que o nome se deu, com significados de acompanhantes
Mas significativos sempre que o nome os requeria

A casa em que se casavam todos os elementos da língua
Se chama frase, como uma entidade maior,

Que ao ter todo mundo dentro de si, redistribuía funções
Estabelecia os contatos, dava o trabalho certo para cada um dos hóspedes
Frase não é bagunça, onde ela colocar determinada palavra, só cabe ali dentro, família
Nada de suruba, de nome trocar de quarto com adjunto adnominal, verbo entrar em lugar de preposição
Mesmo assim, a putaria ainda achou uma brecha e o pronome pessoal acabou entrando na posição de sujeito
Os oblíquos, masoquistas, se transformam em objeto.
Tudo ainda é lugar do nome, mas, às vezes, manda substitutos

A frase gosta muito de tudo no lugar certo
Sujeito-verbo-objeto
Depois de tudo certo, chegam os complementos,
Há uma história bem pornô aí nessa relação
O verbo, rejeitado pelos adjuntos adnominais.
Trouxe para seu casamento, o adjunto adverbial, profissão do advérbio
O nome já entrega tudo, mas o verbo é um cara discreto, não gosta de muita exposição,
Dessa forma, o adjunto adverbial pode ficar em qualquer lugar na frase
Com a condição de ser carimbado pela vírgula quando estiver em lugar trocado
A frase aceita pequenos pecados, mas tudo tem um preço.
O nome, que adora pular muro, chama o advérbio de vez em quando para dar mais intensidade

A frase do português é afilhada do infinito
Pode crescer, engravidar, inchar, até o padrinho
Mas isso não é possível
Ela está presa pela pequena compreensão humana
E está cercada pela maiúscula e o ponto final.

Todo verbo é uma oração
Já diria o testamento do infinito
A frase respeita a reza, mas nem sempre segue o ritual
Mas se quer ter o seu período, verbo deve ter,

Se ela carrega cinco verbos, cinco orações deve ter
Porque esse mediador é carola e não atua se ele não for rezado

Verbo compartilha sujeito e até objeto
Ele só não é obrigado a isso
Chama muitas outras funções nominais para a festa
E enche a cara de nomes até o amanhecer

O verbo, às vezes, sente inveja do nome,
E fica cansado de ser sempre o cara que carrega
E desdobra-se em mais de uma palavra para dividir funções
Um verbinho carrega a marca do tempo e outro o significado
Dava para fazer em um só, mas é bom ter companhia
Locução verbal é o verbo se fazendo em dois
Tentando colocar sentido e tempo em lugares diferentes

O verbo é o legado
Presente, futuro, passado
De forma decidida ou incerta
É o maestro dos tempos e intenções realizadas e não-satisfeitas
Ele pode ser até nominal
Quando a ação fica lá sem marca de tempo ou de pessoa
Gerúndio, particípio, infinitivo
São verbos em decadência, quase expulsos por não trabalharem em total
força
Às vezes descansam sendo nomes, advérbios e adjetivos

Os verbos se coordenam, os nomes se coordenam,
Marcam espaços por vírgulas e conjunções
Mas sobrevivem solitários se quiserem
Alguns verbos ou nomes tomam o poder do irmão
E aí temos um objeto direto que possui verbo
Um sujeito com oração dentro
Um complemento que também reza
É aquela história de rezador
A função é nominal

PRONOME RELATIVO

Assume a função do termo que substitui.
 O termo substituído é antecedente ao pronome.
 Elemento de conexão e elegância da frase.
 Evita repetições.
 Nem todo que é pronome relativo.
 Atuam como pronomes relativos: o que, quem, o qual, a qual, os quais, as quais, onde, cujo, cuja, cujos, cujas.

Pronome relativo exercendo a função de sujeito

Os homens são misóginos

Os homens assediam as mulheres.

Os homens que assediam as mulheres são misóginos
 (restritivo, apenas parte da população masculina)

Os homens, que assediam as mulheres, são misóginos.
 (explicativo, toda a população masculina)

Pronome relativo exercendo a função de objeto indireto

Precisamos de compaixão. (objeto indireto)

A compaixão é fundamental para o desenvolvimento da sociedade. (sujeito)

Precisamos de compaixão, que é fundamental para o desenvolvimento da sociedade.

Pronome relativo exercendo a função de objeto direto

Encontramos as mulheres.

As mulheres haviam desaparecido.

Encontramos as mulheres que haviam desaparecido.

Pronome relativo exercendo a função de complemento nominal

Todos precisam lutar pelos direitos das mulheres

As mulheres sofrem cada vez mais violência.

Todos precisam lutar pelos direitos das mulheres, que sofrem cada vez mais violência

Pronome relativo exercendo a função de adjunto adnominal

- Cujo é pronome possessivo, flexiona em gênero e número e, por isso, atuará como adjunto adnominal.
 - Nunca se coloca artigo depois de cujo.
NÃO EXISTE cujo os

Essa é a autora dos livros.

Os livros foram campeões de vendas.

Essa é a autora cujos livros são campeões de venda.

Pronome relativo exercendo a função de adjunto adverbial

- ONDE só se refere à ideia de LUGAR. Pode ser substituído por EM QUE.
 - Também podem vir nessa categoria de pronomes relativos as palavras TANTO, COMO, QUANTO, QUANDO.

Os sonhos se realizam no IFB.

Eu estudo no IFB.

Eu estudo no IFB, onde os sonhos se realizam.

Pronome relativo exercendo a função de voz da passiva (locução verbal – verbo +verbo nominal)

São verbos nominais: infinitivo (r), gerúndio (ndo), particípio (da/do)

Esse é o livro que publiquei.

Fiquei conhecida por esse livro

Esse é o livro pelo qual fiquei conhecida.

Esse é o livro por que/ pelo qual fiquei conhecida.

Regra de concordância com os pronomes relativos QUE e QUEM

QUE sempre concorda com o termo antecedente:
 Sou que pago minhas contas.
 Eles que tiveram as contas rejeitadas.
 Os meus filhos e eu que resolvemos quem jogaria primeiro.

QUEM pode concordar com o termo antecedente ou ficar em terceira pessoa (ele, ela):
 Sou eu quem paga as minhas contas.
 Sou eu quem pago minhas contas.

PASSEANDO PELA SALA

Mas a oração cabe lá dentro

O que acontece lá dentro

É que o verbo subordina as funções nominais

Quando carregam dentro de si

Os verbos sequestrados

Mesmo em cativo nominal,

Verbos chamam funções que carregam verbos

Que carregam funções que carregam verbos

É a replicação ao infinito

É a transformação do universo em planetas e satélites

Todos espelhos da entidade maior

A solidão do infinito não se resolveu

Porque quebrando-se a si, impediu que os finitos

Conseguissem alcançá-lo novamente

Fica como estrela-guia

Do sonho do significado perfeito

Que nunca nascerá do que é incompleto

Coisas do tempo e das coisas

Que sabem tão pouco de si.

Ciclo 1

Ciclo de oito aulas com duração de 50 minutos cada

Texto, para não ser pretexto, deve ser explorado ao máximo em sala de aula – desde o tema central até as interpretações de frases e escolhas e construções linguísticas. O gênero textual é uma força geradora tanto de processos de escrita quanto de recepção, por isso torna-se interessante colocá-lo como elemento essencial de qualquer aula, faz refletir sobre uma escrita de propósito, para esclarecer, defender uma ideia e não apenas para entregar ao professor. Foram lidos os dois textos, o meu e o do Fritjof Capra. Primeiro, levantamos as características de cada produção, as intenções expressas e implícitas, depois da leitura geral, fomos trecho a trecho. É importante conseguir trazer ao aluno de curso técnico o máximo de aproveitamento de suas experiências empíricas para a abordagem interpretativa de um texto. Levantar situações cotidianas em que se aplicam ou se refutam os conceitos, trazer constantemente a “primeira pessoa” nos passos iniciais de leitura.

Os espaços no corpo, na arquitetura, na alma

Não gosto de ficar trancada. Não gosto de prédios sem janelas, de espaços apertados, de casa cheia de mobília. Não gosto de lugar em que as pessoas se apertam, de onde não vem brisa, de onde só se vê concreto. E descobri, nessa busca ininterrupta por me equacionar, que isso se estende a pessoas e a meus espaços internos. Gente que me limita, gente que me segue, gente que me sufoca, gente que é da intriga. Tenho claustrofobia de gente pequena, de horizonte reduzido, de curiosidade mínima, de respeito sem janelas.

Tornei pública minha luta por um espaço de trabalho que me desse horizonte, que não fosse apenas uma massa de concreto tocada a eletricidade, de onde não se vê sol nem estrelas. Descobri, no processo, que seres humanos também podem se constituir em fronteiras opressoras, que nos arrancam o ar e a criatividade. São muralhas imensas que, quanto mais escaladas, mais intransponíveis ficam. Há mausoléus se locomovendo feito gente e se colocando, sempre que podem, a nossa frente. E há gente que é puro campo, vento, amplidão, estrela, cor, que nos expandem junto com elas, que desamarram os laços que comprimem nosso coração, que retiram as pedras a pesar sobre nossas cabeças.

Talvez isso seja fruto da minha adoração pelo silêncio, por estar só, por ficar em um tempo que só um relógio meu marca. E encontro espaços que se movem dentro de mim. Alguns, rápido demais, muitos outros, mais lentamente do que gostaríamos. Existe essa dinâmica arquitetônica aqui dentro que manda para o fundo pessoas e fatos que apenas passaram em paralelas por nossas vidas, habilidades que se perdem ou se transmutam, memórias que vão sendo redesenhadas, histórias que eram lindas e que se perdem pelo embaçamento da rotina. Sinto uma tristeza grande quando perco minha própria história nessas movências, que vejo desaparecendo nomes, acontecimentos deixando de existir, pessoas queridas sumindo nesse nevoeiro. E aí percebo que nem eu mesma conheço minha existência, ela some de mim e vai me restando o presente. Mas as estradas se modificam, os mapas se reescrevem sozinhos e novas construções começam a surgir. Algumas, de propósito, outras, prontas antes mesmo que eu as perceba. E é possível ficar claustrofóbico de si, encarcerar-se, trancar-se, aprisionar-se dentro do próprio corpo. Isso acontece, principalmente, quando voltamos nosso olhar para o agrado alheio, e quando voltamos esse olhar para a metonímia que somos dentro da humanidade. Ando me libertando da claustrofobia de mim, integrando-me na percepção da jornada coletiva que me permite transversais, cruzamentos e paralelas, porque também não sou obrigada a assinar o contrato de existência que o outro me apresenta. Ando colocando minhas digitais apenas no que me dá janelas e portas abertas. Tudo o que me corta a respiração jogo para trás de mim, onde eu não veja mesmo sendo vista.

Estou me livrando dos cubículos familiares e construindo uma mansão imensa para os humanos que exponenciam meu afeto. Cada corrente de sangue, tenho quebrado, ora nos dentes, ora no mar das lágrimas, ora nos lagos de suposto esquecimento. E escrevo a minha ascendência, descendência e coexistência pelo amor. Eu abraço a minha família em mim. Ainda há tanto peso a retirar, tantos fios embaraçados, tantos túmulos sobrepostos, mas em todos esses espaços em dinâmica, já achei um lugarzinho onde colocar os pés. Como a Jangada de Pedra de Saramago, ou A Terceira Margem do Rio de Rosa, o movimento também é estar quieto.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 25 a 29.

Para entender nossa multifacetada crise cultural, precisamos adotar uma perspectiva extremamente ampla e ver a nossa situação no contexto

da evolução cultural humana. Temos que transferir nossa perspectiva do final do século XX para um período de tempo que abrange milhares de anos; substituir a noção de estruturas sociais estáticas por uma percepção de padrões dinâmicos de mudança. Vista desse ângulo, a crise apresenta-se como um aspecto de transformação. Os chineses, que sempre tiveram uma visão inteiramente dinâmica do mundo e uma percepção aguda da história, parecem estar bem cientes dessa profunda conexão entre crise e mudança. O termo que eles usam para “crise”, *wei-ji*, é composto dos caracteres: “perigo” e “oportunidade”.

Os sociólogos ocidentais confirmaram essa intuição antiga. Estudos de períodos de transformação cultural em várias sociedades mostraram que essas transformações são tipicamente precedidas por uma variedade de indicadores sociais, muitos deles idênticos aos sintomas de nossa crise atual. Incluem uma sensação de alienação e um aumento de doenças mentais, crimes violentos e desintegração social, assim como um interesse maior na prática religiosa; tudo isso também foi observado em nossa sociedade na década passada. Em tempos de mudança cultural histórica, esses indicadores tendem a manifestar-se de uma a três décadas antes da transformação central, aumentando em frequência e intensidade à medida que a transformação se avizinha, e novamente declinando após sua ocorrência.

As transformações culturais desse gênero são etapas essenciais ao desenvolvimento das civilizações. As forças subjacentes a esse desenvolvimento são complexas, e os historiadores estão longe de elaborar uma teoria abrangente da dinâmica cultural; mas parece que todas as civilizações passam por processos cíclicos semelhantes de gênese, crescimento, colapso e desintegração. (...)

Entre os mais notáveis, ainda que mais hipotéticos, estudos dessas curvas de ascensão e queda de civilizações, cumpre citar a importante obra *A study of history*, de Arnold Toynbee. Segundo Toynbee, a gênese de uma civilização consiste na transição de uma condição estática para a atividade dinâmica. Essa transição pode ocorrer espontaneamente, através de alguma civilização já existente, ou através da desintegração de uma ou mais civilizações de uma geração mais antiga. Toynbee vê o padrão básico na gênese das civilizações como um padrão de interação a que chama “desafio e resposta”. Um desafio do ambiente natural ou social provoca uma resposta criativa numa sociedade, ou num grupo social, a qual induz essa sociedade a entrar no processo de civilização.

A civilização humana continua a crescer quando sua resposta bem-sucedida ao desafio inicial gera um ímpeto cultural que leva a sociedade para além de um estado de equilíbrio, que então se rompe e se apresenta como um novo desafio. Desse modo, o padrão inicial de desafio e resposta é repetido em sucessivas fases de crescimento, pois cada resposta bem-sucedida produz um desequilíbrio que requer novos ajustes criativos. (...)

Depois de atingirem o apogeu de vitalidade, as civilizações tendem a perder seu vigor cultural e declinam. Um elemento essencial nesse colapso cultural, segundo Toynbee, é a perda de flexibilidade. Quanto estruturas sociais e padrões de comportamento se tornam tão rígidos que a sociedade não pode mais adaptar-se a situações cambiantes, ela é incapaz de levar avante o processo criativo de evolução cultural. Entra em colapso e, finalmente, desintegra-se. Enquanto as civilizações em crescimento exibem uma variedade e uma versatilidade sem limites, as que estão em processo de desintegração mostram uniformidade e ausência de inventividade. A perda de flexibilidade numa sociedade em desintegração é acompanhada de uma perda geral de harmonia entre seus elementos, o que inevitavelmente leva ao desencadeamento de discórdias e à ruptura social. (...)

Entre essas transições existem três que abalarão os alicerces de nossas vidas e afetarão profundamente o nosso sistema social, econômico e político.

A primeira transição, e talvez a mais profunda, deve-se ao lento, relutante, mas inevitável declínio do patriarcado. (...)

A segunda transição, que terá um profundo impacto sobre nossa vida, nos é imposta pelo declínio da era do combustível fóssil. (...)

A terceira transição também está relacionada com valores culturais. Envolve o que hoje é frequentemente chamado de “mudança de paradigma” - uma mudança profunda no pensamento, percepção e valores que formam uma determinada visão da realidade.

O texto de Capra, por ser bem mais referencial e menos subjetivo que o meu, foi mais explorado em termos de técnicas interpretativas. Solicitei aos alunos que destacassem um dos parágrafos do texto e fizessem paráfrase. Colocar em discurso próprio as ideias de outra pessoa é uma das atividades mais poderosas que aliam escrita e interpretação de texto. Os alunos precisaram demorar-se no texto e no excerto que selecionaram. Algo que advogo constantemente. Leitura de verdade não pode ser apressada, “passar por cima” apenas para se detectar do que se está falando. É meticulosa. Menos quantidade de textos em sala de aula e mais tempo em cada um é fundamental para o efetivo ensino de usos da linguagem e seus recursos estruturais. Deve-se ler as produções dos alunos e solicitar a eles que sejam refeitas várias vezes. Se, desde o início das aulas, ficar claro para os estudantes que o processo de aprender é fincado no processo da evolução do trabalho por meio da correção e reescrita, ninguém sai traumatizado e passa a apreciar as sugestões do professor.

A seguir, observamos as frases tendo como referência a estruturação básica e direta de sujeito-predicado-objeto para entendermos os processos de interpolação, mudança de posições e uso do pronome relativo e concordância verbal e nominal. É um processo meio “chatinho” que exige muito quadro e pincel, mas produtivo, desde que conduzido com calma e clareza. Frases foram selecionadas aleatoriamente para análise e todos os pronomes relativos foram mapeados no texto. As anáforas são elementos estruturais extremamente conectados com a produção de sentidos. Interpretação de texto só se dá, verdadeiramente, quando buscamos os contratos internos de cada frase e parágrafo.

Melhorando a argumentação

Uma boa argumentação precisa ser didática, objetiva, trabalhar com dados e reflexões que não sejam fundadas em clichês. A dificuldade apresentada pode se dar por ser um tema específico a um grupo (um tratado de química, um manual de mecânica, um ensaio sobre fenomenologia) e que demanda um conhecimento prévio a respeito do assunto. O modo de escrita não deve ser o culpado da dificuldade de um texto. Pelo contrário, um bom autor não menospreza o leitor, quer ser entendido e não reverenciado (ou rejeitado) por ser “difícil”.

Algumas estratégias podem auxiliar a dar peso e propósito para um texto:

1. Escrever por escrever, sem objetivo definido, sem pesquisa, sem uma tese a ser defendida deixará o texto frouxo, superficial.

2. Quando se escreve, o destinatário são os leitores todos que acessarem o texto, não é “escrever para o professor”. Pressuponha sempre que o texto se descola de quem escreveu e vai andar em lugares bem distantes e o autor não vai estar junto para resolver uma frase sem sujeito, confusa. “O que você quis dizer” é algo que deve ser evitado ao máximo.

3. É possível escrever livros sem dizer coisa alguma. Não seja esse autor.

4. Não seja arrogante, não queira mostrar uma erudição desnecessária ao tema que está desenvolvendo. Utilize o seu conhecimento, seus estudos e suas pesquisas para que contribuam à discussão e não para se pavonear de ter gastado horas na *Wikipedia*.

5. Releia, reescreva, várias, muitas vezes seu texto, não se apegue, edite, corte, refaça, apague. Não tenha ideia de estimação.

6. Pressuponha o seu leitor e as falhas que ele poderia apontar em seu texto. Resolva antes mesmo de ser questionado. Seja um advogado eficiente de seus pensamentos.

7. Evite excesso de adjetivos em seu texto. “Interessante”, “pessimista”, “muito bom”, “eficiente” são palavras que, sozinhas, não seguram um argumento. Na frase, “Brasil é um país corrupto”, observa-se um clichê, uma frase repetida à exaustão e se encerrando em si mesma, não oferece

nada ao avanço do conhecimento. Um bom argumento pergunta “O quê? Por quê? Quando? Como chegou a esse ponto? Qual a história? Quais as estatísticas? Quais as fontes? São confiáveis? Em “O Brasil é um país corrupto, uma sociedade que trata os políticos como soberanos, ainda apoiada na ideia preguiçosa de que o único papel político do povo é votar”, há mais informação, mais criticidade, há uma proposta de se entender além de simplesmente reproduzir o que todo mundo diz.

8. Nesse sentido, argumentar não é só fazer frases. E também não precisa ser um tratado esotérico sobre o sentido da vida. É pensar. E pensar é quase o oposto de ter uma opinião. Implica pesquisa, estudo, ouvir o que contraria, até se chegar a uma conclusão provisória. Toda ideia tratada como definitiva se cristaliza e vira clichê. Ter uma opinião deve ser substituído por CONSTRUIR uma opinião.

9. Está confuso com o que escrever? Elabore frases curtas. Em seguida, vá fazendo perguntas a elas e acrescentando novas frases curtas. Até que o labirinto da escrita aponte uma rota. Ao final, volte ao número cinco.

10. Evite frases cheias de interpolações. Observe a frase: “O ato de escrever é bem complicado, pois como já dizia o ditado popular, “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” e persistir é o caminho para o sucesso em uma sociedade, que precisa de pessoas que pensem com autonomia, como é o caso de países desenvolvidos, em que o nível da educação é muito alto”. Uma enchente de informações, um desvio de assunto e uma frase inchada que implora por uma divisão. Só faça isso quanto tiver controle suficiente para escrever frases mais complexas.

Há palavras com mais carga de informação que outras justamente por serem mais específicas. O substantivo “rua” guarda uma série de informações que o tornam menos genérico. “Suja” pode ser utilizada junto com “rua”, mas também junto com “saia”, “camisa”, “panela”, “boca”, “cortina”, “comida”... Quanto mais se pode utilizar a palavra em diferentes associações, mais genérica é e menos carga particular de informação possui. Lembre-se da briga entre vizinhos. Quando a baixaria chega, só ficam os adjetivos. Os argumentos (“Você é um filho da puta porque jogou todo o lixo da sua casa na minha porta”) se distanciam para dar lugar à ofensa express. Na argumentação, há sempre um jogo racional, uma busca pela sustentação o mais lógica possível, que faça sentido mesmo para os que discordem.

Pense sempre no porquê de reproduzir uma ideia. Não deve ser por ser bonita, porque fulano disse. Você realmente concorda? Ou apenas herdou de seu grupo, de sua família sem nunca ter se questionado a respeito? O bom argumento também nasce da desconfiança contra ele mesmo. Sem clareza para quem escreve, sem clareza para quem lê. A formação básica de frase “Sujeito + Predicado” será o farol tanto para o sentido quanto para o uso produtivo das estruturas linguísticas (produtivo porque compreensível). De quem ou quê estou falando? Coloque esse mantra à frente.

Observe as seguintes frases:

Sujeito	Predicado
A escrita	necessita de treino
A escrita e suas técnicas	necessitam de treino
A escrita e seus meandros e possibilidades, dentro de toda a necessidade de entendimento	necessita de treino
A escrita, sendo o elemento fundamental da difusão das culturas	necessita de treino

Sujeito	Predicado
A escrita	necessita de treino e de constante leitura.
A escrita	necessita, dentre todas as possibilidades de aperfeiçoamento, de treino cotidiano e consciente.

Depois de realizar a divisão básica entre sujeito e predicado, pode-se acrescentar informações em sequência e interpolar, acrescentar informação entre os elementos principais da frase e dentro de suas caixinhas. Se fôssemos imortais, poderíamos criar eternamente uma única frase com interpolações que nunca terminariam, porque assim é o português, uma conversa de comadre em que sempre acontece um parêntese para falar “da filha da fulana que casou com o neto do Beltrano, que mora lá para os lados do cafundó, perto da casa da Mãe Joana que é sobrinha bastarda da Sicrana que casou com o Belmiro”.

E também se pode inverter, para enfatizar determinada informação, retirar a interpolação e colocar no começo ou no final.

A escrita, elemento fundamental da difusão das culturas,	necessita, dentre todas as possibilidades de aperfeiçoamento, de treino cotidiano e consciente.
Necessita de treino	a escrita
Necessita, dentre todas as possibilidades de aperfeiçoamento, de treino cotidiano e consciente	a escrita, que é o elemento fundamental da difusão das culturas.
Dentre todas as possibilidades de aperfeiçoamento, sendo o elemento fundamental da difusão das culturas	a escrita necessita de treino cotidiano e consciente.

Baseando-se nas explicações oferecidas, faça esse jogo com as frases a seguir. Lembre-se de utilizar tabelas que evidenciem o sujeito e o predicado e a movimentação das interpolações para o começo ou final das frases. Lembre-se de expandir os sujeitos e predicados das frases sugeridas e depois inverter, interpolar... Serão necessárias, no mínimo, cinco novas construções da mesma frase para que se possa observar a gradação de informações e complexidade de estrutura.

1. A educação salvará o país.
2. A política massacra o povo.
3. A linguagem gera a cultura.
4. Brasileiro precisa de consciência.
5. A mulher brasileira sofre violência doméstica.
6. O dinheiro constrói relações.
7. A cultura nasce do povo.
8. A casa caiu.
9. O abastecimento de água de Brasília diminuiu.
10. Opinião constrói o *Facebook*.

Ciclo de quatro aulas de 50 minutos cada.

Professor não pode se esquivar de temas polêmicos. Ser mulher e falar de gênero e estupro em cursos técnicos que são ocupados majoritariamente por homens demanda preparo intelectual e emocional. A ideia desses debates é ouvir, priorizar argumentos e não os “sempre foi assim” da vida, detectar previamente o que deve ser colocado em perspectiva e o que deve ser rechaçado de imediato. Aceitar pacificamente um homem adulto dizer que “menina de onze anos já aguenta” não é possível, há que contradizer sim. Liberdade de expressão só se efetiva no respeito aos direitos civis.

As aulas de língua portuguesa devem funcionar como esse respiro da função social e democrática dos cursos técnicos, apresentar o mundo cultural que imerge em si também o mundo do trabalho, que não é só usar ferramentas e cálculos, mas conviver com pessoas e discursos e, dentro desse ambiente, aparentemente super técnico, ser um agente de qualidade social positiva, o que proporciona, inclusive, mais rendimento e produtividade.

Uma estratégia importante é não perder o texto. Respeitar o espaço da discussão mas, sempre mirando o discurso e seu processo de construção. Fontes confiáveis, agências reguladoras, o gênero textual reportagem, a ilusão da neutralidade do discurso, a seleção vocabular como agente de direcionamento da leitura são conhecimentos a serem construídos. Seguido a esse trabalho, foi solicitado o resumo do texto. O resumo é algo que deveria ser constantemente trabalhado nas aulas de interpretação de texto, porque ensina a separar as ideias fundamentais das de sustentação ao mesmo tempo em que gera um espaço em que se pratica separar a opinião do leitor do texto lido, que nem sempre são coincidentes. É um exercício de saber o que o outro diz antes de se fazer uma avaliação o que foi dito.

País registra 10 estupros coletivos por dia; notificações dobram em 5 anos

Cláudia Collucci, Folha de São Paulo, 20/08/2017

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1911346-pais-registra-10-estupros-coletivos-por-dia-notificacoes-dobram-em-5-anos.shtml>

“Cala a boca, se alguém ouvir sua voz vai saber que é tu”, grita um. “Tapa o rosto da novinha”, diz o outro. Em vídeo que circulou nas redes sociais, quatro rapazes estupram uma menina de 12 anos em uma comunidade na Baixada Fluminense, no Rio. A 2.400 km dali, em Uruçuí (sul do Piauí), uma grávida de 15 anos foi estuprada por três adolescentes, e o namorado, morto na sua frente. Retirada de sua casa em Presidente Epitácio, no interior paulista, uma mulher de 48 anos foi estuprada por quatro rapazes. Eram seus vizinhos. Em Santo Antônio do Amparo, em Minas Gerais, uma dona de casa de 31 anos foi atacada, estuprada e morta a caminho de casa. Quatro homens confessaram os crimes.

Em cinco anos, mais do que dobrou o número de registros de estupro coletivos no país feitos por hospitais que atenderam as vítimas. Dados inéditos do Ministério da Saúde obtidos pela Folha apontam que as notificações pularam de 1.570 em 2011 para 3.526, em 2016. São em média dez casos de estupro coletivo por dia. Os números são os primeiros a captar a evolução desse tipo de violência sexual no país. Na polícia, os registros do crime praticado por mais de um agressor não são contabilizados em separado dos demais casos de estupro.

Desde 2011, dados sobre violência sexual se tornaram de notificação obrigatória pelos serviços públicos e privados de saúde e são agrupados em um sistema de informações do ministério, o Sinan. Acre, Tocantins e Distrito Federal lideram as taxas de estupro coletivo por cem mil habitantes –com 4,41, 4,31 e 4,23, respectivamente. Esse tipo de crime representa hoje 15% dos casos de estupro atendidos pelos hospitais –total de 22.804 em 2016.

Os números da saúde, contudo, representam só uma parcela dos casos. Primeiro porque a violência sexual é historicamente subnotificada e nem todas as vítimas procuram hospitais ou a polícia e, em segundo lugar, porque 30% dos municípios ainda não fornecem dados ao Sinan. “Infelizmente, é só a ponta do *iceberg*. A violência sexual contra a mulher é um crime invisível, há muito tabu por trás dessa falta de dados. Muitas mulheres estupradas não prestam queixa. Às vezes, nem falam em casa porque existe a cultura de culpá-las mesmo sendo as vítimas”, diz Daniel Cerqueira, pesquisador do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

SUBNOTIFICAÇÃO

Estudos feitos pelo Ipea mostram que apenas 10% do total de estu-

pros são notificados. Considerando que há 50 mil casos registrados por ano (na polícia e nos hospitais), o país teria 450 mil ocorrências ainda “escondidas”. Segundo a socióloga Wânia Pasinato, assessora do USP Mulheres, os dados da saúde sobre estupro coletivo mostram que o problema existe há muito tempo, mas só agora está vindo à tona a partir de casos que ganharam destaque na imprensa nacional. Entre eles está o de uma jovem de 16 anos do Rio, que foi estuprada por um grupo de homens e teve o vídeo do ataque postado em redes sociais, e outro ocorrido em Castelo do Piauí (PI), em que quatro meninas foram estupradas por quatro adolescentes e um adulto. Danielly, 17, uma das vítimas, morreu.

“O estupro coletivo é um problema muito maior e que permanecia invisível. Há uma dificuldade da polícia e da Justiça de responder a essa violência”, diz Wânia. Para a antropóloga Debora Diniz, professora da Universidade de Brasília, o aumento de casos de estupro coletivo é impactante. “É um crime de bando, de um grupo de homens que violenta uma mulher. Essa característica coletiva denuncia o caráter cultural do estupro.”

“É a festa do machismo, de colocar a mulher como objeto. O interesse não é o ato sexual, mas sim ostentar o controle sobre o corpo da mulher”, diz Cerqueira, do Ipea.

O pesquisador é um dos autores de estudo sobre a evolução dos estupros nos registros de saúde. Nele, há breve menção ao crime cometido por dois ou mais homens. Crianças respondiam por 40% das vítimas, 24% eram adolescentes e 36%, adultas. Em setembro de 2016, J.C., 19, de São Paulo, foi abordada por um homem armado em um ponto de ônibus na zona norte da capital.

Levada até uma favela, foi estuprada por cinco homens durante quatro horas. “Eu chorava e pedia pelo amor de Deus que parassem. Eles me batiam e mandavam eu calar a boca. Fizeram o que quiseram e depois me deixaram numa rua deserta”, contou em relato por *e-mail* à Folha. Segundo a psicóloga Daniela Pedroso, do Hospital Pérola Byington (SP), o trauma emocional de uma mulher que sofre estupro coletivo é muito maior, especialmente quando a violência resulta em gravidez —o aborto é legal nessas situações.

“Nesses atos, os criminosos costumam ter práticas concomitantes. O sentimento de vergonha e de humilhação da mulher é muito maior, ela tem dificuldade de falar sobre isso. Às vezes, só relata quando engravida.” Outro fato que tem chamado a atenção em algumas das ocorrências de es-

tupros coletivos é a gravação e a divulgação de imagens do crime. A Folha pesquisou 51 casos noticiados pela imprensa nos últimos três anos. Em pelo menos 14 foram publicados vídeos em redes sociais. O caso da menina de 12 anos estuprada no Rio só foi denunciado à polícia quando a tia recebeu as imagens no celular. A garota foi ameaçada para ficar em silêncio. “É perturbadora essa necessidade que os agressores têm de filmar a violência. É como se fosse um souvenir da conquista”, diz Debora Diniz. Para Wânia, do USP Mulheres, essa prática parece ter caráter ritualístico. “É o estupro sendo mostrado como troféu”, afirma.

Ciclo de quatro aulas de 50 minutos cada

Professor e *entertaineur* não são a mesma coisa. Contudo, trazer referências mais divertidas, mais próximas do cotidiano dos alunos, ou bem distantes, podem renovar o interesse nas aulas, torná-las mais leves, em especial em cursos noturnos. Levei meu aparelho de som para as aulas e ouvimos essas músicas. Na clave de que nenhum discurso é inocente, pudemos observar como um tema pode ser explorado em linguagens de propostas diversas e que o ritmo e musicalidade são muito efetivos em potencializarem o efeito das letras. Paripasso, discutiu-se que não é o tema que dá qualidade a um texto ou gênero, mas como foi trabalhado. E que não há linearidade qualitativa em um autor, não importa sua maestria. Há textos fracos de Chico Buaque de Holanda, Jô Soares e Machado de Assis, por exemplo. Pudemos refletir na divisão entre alta cultura e baixa cultura (proposta por Umberto Eco), na marginalização e reducionismo prévio do que é considerado popular, além de conhecermos o funk que contesta, o rap feminino feito por uma cantora que também canta músicas de pornografia explícita. A proposta, já que se pretende ensinar interpretação de textos e escrita, é apresentar o mundo sem fórmulas e maniqueísmos, nas incoerências e recorrências artísticas, na complexidade que é o mundo da linguagem onde o que é representado nunca é estático. Somente sem interpretações previamente formatadas é que a leitura se efetiva.

Os alunos foram solicitados, após as interações, a escreverem um texto dissertativo cujo tema estava explícito na interação entre as músicas que ouvimos. Foi uma chuva de “não consigo” e “não entendi”, uma vez que pisei um pouco mais fundo na solicitação. Fez-se necessária uma apresentação via esquema no quadro para que pudessem produzir. O medo que grita a todo momento em que são solicitados a escrever e a preguiça de ter que ficar voltando toda hora aos textos criaram uma dificuldade maior do que a real.

Ouvimos e trabalhamos músicas de Karol Conká (Tombei), Mc Carol (100% feminista) e de Preta Rara (Preta sim). Seguem alguns trechos e uma amostra de como os intertextos e de como a arte pode refletir e gerar movimentações sociais.

Observe os trechos a seguir:

Tombei

(Carol Conká)

Se quiser conferir, vem cá, pra ver se aguenta
Miro muito bem, enquanto você tenta
Enquanto mamacita fala, vagabundo senta
Mamacita fala, vagabundo senta/
Depois que o alarme tocar
Não adianta fugir
Vai ter que se misturar
Ou, se bater de frente, periga cair/
Já que é pra tombar
Tombei (bang bang)
Já que é pra tombar
Tombei (bang bang)/
Bau, bau, bauê
Tombar-bar, tombei/
Se é pra entender o recado
Então, bota esse som no talo
Mas vem sem cantar de galo
Que eu não vou admitir/
Faça o que eu falo
E se tiver tão complicado
É porque não tá preparado
Se retire, pode ir/
Causando um tombamento (oh)
Também tô carregada de argumento (oh)
Seu discurso não convence, só lamento (oh)
Segura a onda, senão ficará ao relento (oh, oh, oh)/

100% feminista

(Mc Carol)

Sou mulher destemida, minha marra vem do gueto
Se tavam querendo peso, então toma esse dueto
Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona

Que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona
Me ensinaram que éramos insuficientes
Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser potente/
Eu cresci
(refrão)

Represento Nina, Elza, Dona Celestina
Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina
Tentam nos confundir, distorcem tudo o que eu sei
Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis
A falta de informação enfraquece a mente
Tô no mar crescente porque eu faço diferente
(refrão)
100%, por cento, por cento, por cento feminista

Preta sim

(Preta Rara)
É um esculacho é o que eu acho
Se vou pra fora minha carne tem um preço alto
Se me chamarem de neguinha, assim me anima
Mas se chama de mulata ai arruma briga
Pela pele pelo cabelo tirarão conclusões
A hipocrisia impera no meio dos vilões
Vou falar bem ato pra todo mundo ouvir
Sou fruto dessa terra que a cor predomina sim
Não tenha vergonha do que você é
Se eu não tive orgulho, não estaria de pé
Sou mais uma mulher Negra que relata
Sou muito mais do que uma simples mulata
Negra Sim, Não sou Mulata
Hey! Corrijam suas palavras (Refrão)
Negra Sim, Não sou Mulata
Nós somos negras não importa o que haja

As músicas foram ouvidas em sala de aula e, por possuírem uma ênfase em percussão, animaram a turma. As letras das músicas podem ser avaliadas como textos literários, já que é um tratamento dado à linguagem

que se confunde com a construção poética. A origem do gênero lírico está na música, por isso exige um ritmo de leitura para que seja compreendida. Para alcançar essa relação basta ouvir Ney Matogrosso cantando lindamente **Rosa de Hiroshima**, poema de Vinícius de Moraes. E, por falar em clássicos, a arte deve ser vista como patrimônio de todos e desvencilhar-se do senso comum de que é para poucos eleitos, para os mais capacitados. Quebrando as fronteiras do que é para intelectuais e para o povo, estereótipos são quebrados.

As três artistas são pretas e discutem os conflitos por que passam dentro de uma sociedade racista e machista. A chave que constroem é o empoderamento feminino, apresentar as antecessoras que estão na história de luta e resistência. Há um espaço para se conhecer os nomes apresentados e ampliar o alcance do processo na sala de aula. Conká destoa apenas em que sua música soa como um escape das situações de submissão e colocando-se em posição de comando.

As reações serão sempre até o extremo das disparidades, uma vez que movimentam as bases dos preconceitos. Homens que saem da sala de aula quando se está em um curso técnico, jovens que reagem agressivamente quando estão no ensino médio. Esses conflitos são altamente recomendáveis desde que bem gerenciados. Abre-se o espaço de fala para aquelas que passam por esses ataques diuturnamente, de outros escutarem e poderem identificar o que antes não percebiam em si mesmos. É o momento de aprofundar habilidades de discurso que envolvem ouvir para além de apenas esperar a “vez de falar”, arrazoar os argumentos dos outros, entender que o conhecer obrigatoriamente passa por abandonar conceitos, reestruturar e objetivar outros. Aguardar o turno de falar, praticar a escuta efetiva e empática.

Ciclo de duas aulas de cinquenta minutos

Resenhando e desenhando reflexões

A paráfrase, colocar o discurso alheio no próprio, é um excelente mecanismo de escrita e interpretação de texto. O próximo passo, a resenha, é interagir com um nível de autoria maior, que pressuponha conhecimentos prévios, intertextos, estruturação entrelaçada com a crítica e o objeto em avaliação.

Desde a resenha técnica à acadêmica, o olhar imparcial é uma tentativa. Há subtextos, intenções, jogos, que caminham pelo convencimento. Gostar ou não gostar não são argumentos, mas fazem parte de sua sistematização. A sala de aula é o espaço em que a técnica não se distancia do mundo e deve contribuir para sua evolução. As temáticas sociais não precisam ser apresentadas de forma explícita, podem ser internalizadas em uma atividade orientada para outras habilidades. Ao contrário do senso comum, a percepção de si como ser único e social ativa a compreensão e desenvolvimento de qualquer habilidade, inclusive as técnicas.

Pai, por que me abandonastes? Entregue estou ao fio da escrita.
por Dra. Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira

Ficha técnica

Autora: Chimamanda Ngozi Adichie

Livro: **Hisbisco Roxo**

Editora: Companhia das Letras

Ano: 2003

275 páginas

A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora que consegue aliar a narrativa sensível à criação de cenas fortes, capazes de desarmarem o leitor e estabelecê-lo no raríssimo ponto em que as questões de uma sociedade apresentam-se mais fortes na apresentação individual de cada

personagem. Hibisco Roxo (2003), sua obra de estreia, é um entrelaçar dos conflitos políticos que assolaram a Nigéria na década de 60 e os conflitos de uma família chefiada por um homem sádico, rico, profundamente convencido de que a cultura dos brancos é superior a sua e que se vale do ambiente cristão trazido pelos europeus para dar vazão ao seu sadismo. A narradora, em poucas linhas, assenta a atmosfera central de sua trajetória: “As coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão, Jaja, não recebeu a comunhão, e Papa atirou um pesado missal em cima dele e quebrou as estatuetas da estante. Havíamos acabado de voltar da igreja.” (p. 8)

No cenário maior, a guerra provocada pela “libertação” nigeriana da colonização da Inglaterra provoca instabilidades e perseguições. Jornais são fechados, críticos do sistema precisam se esconder, as tensões se inflamam e, mais uma vez, comprova-se a habilidade da escritora em dar um retrato preciso, de uma cena cruel, em apenas uma frase: “(..)víamos soldados em barreiras montadas próximas ao mercado, andando de um lado para o outro e acariciando suas longas armas. Certa vez, vi um homem ajoelhando na estrada ao lado de seu Peugeot 504, com as mãos erguidas no ar”. (p.80)

Nenhum personagem apresenta-se plano, sem nuances, sem várias camadas que impedem a perfeita vilania ou a bondade inatacável. O mesmo pai abusador é homem caridoso, que doava quantias imensas à igreja e a mensalidades das escolas de várias crianças oriundas de famílias pobres. Pagava tratamentos médicos para quem não os podia pagar, sustentava instituições de caridade e era um homem público que atacava os desmandos militares contra seu país. Há o padre das igrejas luxuosas que fechava os olhos para os ossos quebrados e olhos roxos da família e o missionário que estimulava o raciocínio, a intelectualidade dos fiéis ao seu redor e se constituía em símbolo de acolhimento e cuidado.

Todos esses elementos são apresentados na voz simples de Kambili, que, intimidada pela convivência com um pai agressor e a passividade da mãe, tenta inutilmente conciliar seus esforços em justificar o comportamento paterno e a violência que presencia. Seu irmão, Jaja, conscientiza-se cedo de que esse deus que justifica atos tão violentos não pode ser bom, luta para construir a própria identidade e chama para si a responsabilidade de destituir esse ditador familiar. Mamma é tratada como um objeto sem voz e que não deve, sob nenhuma hipótese, contrariar as expectativas e os comandos do demônio familiar:

Mama estava jogada sobre seu ombro como os sacos de juta cheios de arroz que os empregados da fábrica dele compravam aos montes na fronteira com Benin. Ele abriu a porta da sala de jantar. Ouvimos a porta da frente sendo aberta e o ouvimos dizer algo para o homem que guardava o portão, Adamu.

- Tem sangue no chão – disse Jaja. - Vou pegar a escova no banheiro.

Limpamos o filete de sangue, que fez uma trilha no chão como se alguém houvesse carregado uma jarra furada de tinta vermelha lá para baixo. (p.100)

Apesar das temáticas apresentadas pela autora serem agressivas por sua própria natureza, não há nenhum espaço na obra em que as ações não possuam uma função narrativa distante do panfletário. Não há o grotesco ou apelativo, mas a intensidade dos eventos filtrados pela menina que finalmente descobre o cheiro da liberdade, que percebe a profundidade das violências que sofre, que, em sua luta tímida, abraça-se a sua ancestralidade tão negada e vilipendiada, que tenta a conexão com o seu avô e seus deuses não-cristãos. “Mesmo assim, não me mexi. Ele começou a me chutar. As fivelas de metal de seus chinelos doíam em minha pele como mordidas de mosquitos gigantes. Papa falou sem parar, descontroladamente, misturando igbo com inglês, carne macia com ossos afiados. (p.159).”

Se há beleza na dor, Chimamanda a encontrou em sua escrita, desestabilizando o leitor e provocando-o a refletir sobre relações familiares, as cobranças abusivas de pais contra os filhos, o choro do sádico, a vingança da ovelha mansa. Em tempos de guerras sociais, há aquelas ainda mais dolorosas, as que uma cultura e outra se enfrentam esmagando seus seguidores, o filho que precisa superar o pai para estabelecer uma ordem de paz, a menina se aventurando a falar sem se desculpar, a tia e os primos que sabem se relacionar com amor, sofrendo a miséria da migração provocada pelo governo de seu próprio país... Tantos elementos juntos que poderiam gerar confusão, mas que, magistralmente, se conectam em um único fluxo - sobreviver à própria família e construir-se humano em um mundo desigual.

Ciclo de quatro aulas de cinquenta minutos

Hora de trazer subjetividade às aulas. Avaliar para aprender.

A meritocracia de quem “larga tudo para fazer o que gosta” é branca e masculina

Túlio Custódio

(In: <https://www.geledes.org.br/meritocracia-de-quem-larga-tudo-para-fazer-o-que-gosta-e-branca-e-masculina/> 30/06/2017)

1. Constantemente temos visto artigos e textos falando sobre profissionais (na maioria homens, e na totalidade brancos de classe média alta) que “largam tudo” para fazer algo de que realmente gostam. Geralmente, são indivíduos que estavam em cargos profissionais reconhecidos como altos ou de prestígio, que significa bons salários, estabilidade e, claro, poder. O que nunca se fala nesses artigos é o que significa “chutar o pau da barraca” e qual é a contribuição disso para aprofundar uma falsa percepção de liberdade dentro do mundo do trabalho.

2. A começar precisamos falar um pouco desse universo. O universo do trabalho, no contexto do capitalismo financeiro neoliberal, é um espaço marcado pela lógica da competição e da exclusão. Sim, exclusão. Os critérios que mantêm os indivíduos dentro desses espaços são quase tão obscuros quanto os que mantêm longe dele, e isso tem muito a ver com a forma como o neoliberal adentrou nas diversas esferas dos indivíduos para além do que ele deve ou não executar em seus cargos assalariados.

3. Suas escolhas, movimentos, decisões, o que faz de hobby, cursos, interesses e redes sociais: tudo se torna um elemento que é absorvido e incorporado à lógica que sustenta o curriculum vitae destes indivíduos e os transformam em seres empregáveis. Os critérios de seleção funcionam como um jogo, no qual as regras estão em constante mudança, e a única certeza é de que alguém vai ser expulso em algum momento.

4. Quem disse isso não foi eu, e sim o belo trabalho da socióloga Silvia Viana, “Rituais de Sofrimento”, que compara sofisticadamente a lógica dos realities shows (como Big Brother). Sofrimento é a palavra que marca a es-

sência dessa dinâmica: uma insegurança constante diante das regras cada vez mais abusivas, falta de garantias e direitos, e, para brincar, um discurso de nivelamento perverso mas eficaz: da meritocracia como “critério de existência”. Veja o exemplo do reality show *Masterchef*, para ficarmos em um mais atual. Os chefes gritam o tempo todo, o programa cria rivalidade entre os concorrentes (seja pela dinâmica das provas, seja na edição), e no fim enfatizam que tudo é para o aprendizado e crescimento pessoal. O discurso desse programa e de tantos outros, favorece que no mercado de trabalho comportamentos abusivos sejam naturalizados somados ao discurso de força e mérito do “bom trabalhador”, que é aquele que na verdade resiste às práticas de abuso.

5. A esses rituais de sofrimento podemos somar outras duas características presentes nesse mesmo mercado, consequência direta da ampliação da lógica neoliberal na forma como indivíduos conduzem suas vidas: a emergência do sujeito-empresarial e norma da competitividade como regulador das interações sociais. Quem disse isso também não foi eu, e sim os pesquisadores franceses Pierre Dardot e Christian Laval.

6. Sobre sujeito-empresarial, o nome é quase auto-explicativo: cada indivíduo se vê como uma empresa, e nesse sentido, sua empresa deve conter as marcas diferenciais em relação a outras empresas. Esse diferencial geralmente está voltado aos elementos aglutinados em torno do indivíduo, e se torna a primeira forma de cooptar das outras esferas da vida tudo que pode servir como formas de distinção no mundo do trabalho.

7. Não é sobre como e quanto você pode executar determinada atividade, mas como tal viagem ou uma língua adicional ou mesmo uma meditação (que torna você mais paciente e receptivo em relação às pessoas) te faz um sujeito mais selecionável que outro. A ideia de seleção (que só existe perante o estrutural e constante fantasma da exclusão) também orienta a característica da competitividade como norma das interações. Todos podem ser excluídos, mas você deve assegurar de qualquer maneira que não seja você desta vez. Tudo que pode ser usado contra o outro – desde os comentários, análises de desempenho, táticas de vigilância e controle, ou mesmo a fofoca e os assédios – se tornam ferramentas utilizadas para operação da competição, e dentro dela, para o indivíduo satisfazer sua angústia em garantir que “dessa vez não foi eu quem caiu...”.

8. É muito perverso que todas essas práticas venham se aperfeiçoando conforme se foi tendo acesso a políticas afirmativas para negros.

Exige-se mais de um profissional, e isso está muito mais ligado ao que ele pode oferecer a empresa, do que a empresa pode oferecer a ele. Mesmo que ele seja, de fato, o elo mais fraco nessa relação.

9. O significado diante “largar tudo e seguir seus sonhos”, nesse sentido, conversa diretamente com tais rituais de sofrimento presentes no dia a dia do universo do trabalho. Ele se torna uma aspiração ao indivíduo sofrente, uma forma de apaziguar seus medos e vontade de não fazer mais parte daquele sofrimento de ter que investir sem saber se, mesmo assim, vai cair no próximo jogo. Ao mesmo tempo que se torna uma nova forma e elemento de distinção dentro do próprio jogo:

10. Indivíduo que pode e consegue chutar o balde é aquele que se encontra mais próximo das regras que compõem o jogo, e portanto menos vulnerável (em termos de sensação) às angústias produzidas pelo sofrimento que é estar no mercado de trabalho contemporâneo – muitas vezes porque é o mesmo que encampa e defende severamente a ideia de meritocracia e de seu lugar singular dentro daquele universo. O que, portanto, ninguém fala é que, além de ser para poucos, a lógica do “largar tudo e...” é apenas uma forma de reforma das próprias dinâmicas desse mesmo mercado.

11. Não se trata de abandono, tão pouco de transformação. E olha que nem estou contando com a quantidade dessas pessoas que acabam, depois de fazer sua viagensinha internacional (geralmente para algum exótico e nisso; leia-se: com muitos não-brancos, pois até nas escolhas de viagem existe um ar colonizador), abrindo um negócio [start-up] e novamente ganhando a partir da incorporação daquela “experiência singular”.

12. É sobre reprodução de uma desigualdade presente entre aqueles que vivem os rituais de sofrimento mas os ressignificam dentro de uma lógica do discurso do mérito e do propósito, de modo a se afastar das condições que são materialmente necessárias para manutenção de outro contingente, que também está sujeito às regras dos rituais do sofrimento, no entanto dependem mais dos direitos garantidos dentro daquele jogo, e são vítimas diretas do mesmo discurso sobre mérito e propósito.

13. É preciso alterar os sujeitos e as condições nas quais as regras de sofrimento estão em vigência, para assim conseguir transformar a realidade dessa angústia que acomete a todos, seja os que estão dentro e principalmente o grande contingente que está fora desse mercado – sujeito às inseguranças cruéis do jogo, sem no entanto tomar parte ativa nele.

14. Diante disso, o que significaria, de fato, chutar o pau da barraca? Investir na contratação e absorção de pessoas fora do seu nível social e cultural. Apoiar políticas distributivas e de correção de desigualdades historicamente consolidadas baseadas em raça, gênero, territorialidade e sexualidade. Apoiar legislação segura e justa acerca dos direitos trabalhistas, previdenciários e tributários, considerando as necessidades específicas dentro das questões de pertença de gênero, raça, etnia, territorialidade, habilidades especiais e sexualidade, entre outros.

15. Em suma, chutar o pau da barraca é enterrar por terra a ideia de meritocracia, que está implícita nas empresas que odeiam carteira assinada, que só contratam funcionários que são todos da mesma escola e universidade, que acha que horas extras não devem ser pagas e que se colocam como “fora da norma”, mas não possuem um negro no seu quadro de funcionários, pois inclusive as faxineiras são terceirizadas.

16. É essa meritocracia que impede ascensão e inclusão de sujeitos que são a base da sociedade, um hábito que está da startup a empresa mais tradicional, que temos que largar tudo, e buscar nosso propósito de igualdade e liberdade.

Pode-se afirmar que a tese central do texto é:

a) Todas as relações de trabalho devem se basear no mérito alcançado por cada trabalhador, que não deve se acomodar e se mostrar forte e suportar qualquer pressão, mesmo abusiva, em seu emprego.

b) Os atuais contratos de trabalho estão fundamentados nas recentes leis trabalhistas aprovadas que retiram o direito à hora extra e estabilidade no emprego.

c) O trabalhador brasileiro é um forte, preparado para qualquer relação de trabalho, suporta pressão e condições de trabalho desfavoráveis para se manter empregado e garantir sua subsistência. Uma viagem a outras culturas seria importante para sua qualificação profissional

d) Os homens brancos e ricos não suportam o trabalho pesado e acabam chutando “o pau da barraca” contra regras opressivas de trabalho e constroem, por essa via, um mercado financeiro mais propício a novas ideias e conceitos. A grande mídia, com seus realities, evidencia a qualidade de trabalho em qualquer contexto.

e) A noção de liberdade para se fazer o que realmente gosta como

profissão não é uma escolha possível para todos os trabalhadores, pois depende de uma estabilidade financeira só alcançada por uma elite diminuta no Brasil. A todos os outros, resta a mídia e um imaginário de aquele que suportar mais pressão ou abuso é o melhor trabalhador.

Questão 2

De acordo com o parágrafo 1, podemos afirmar que:

- a) A liberdade dentro do mundo do trabalho só se alcança depois que o trabalhador consegue alta remuneração a partir de seus esforços, de superar a pobreza e alcançar o status de “classe média alta”.
- b) O autor desconstrói a ideia de que a liberdade de mudar os rumos profissionais esteja condicionada ao desejo de qualquer trabalhador.
- c) Há uma série de artigos circulando na sociedade oferecendo dicas de como mudar de profissão e ser feliz, o que reforça a ideia de que tudo depende apenas da força de vontade, uma vez que se valem de exemplos de pessoas que construíram um patrimônio independente de gênero e cor da pele.
- d) O substantivo “falsa” subverte o sentido da expressão “percepção de liberdade dentro do mundo do trabalho”.
- e) Todos os indivíduos que largam tudo para fazer algo são brancos, homens e de qualquer classe social.

Questão 3

A partir da interpretação do parágrafo 12, pode se observar que:

- a) “Mérito” e “propósito” funcionam para todas as classes trabalhadoras.
- b) Há uma divisão entre os trabalhadores que pertencem ao grupo que comanda as relações de trabalho e os que são dependentes dela.
- c) As maiores vítimas desses discursos de “mérito” e “propósito” são os que se acomodam e não buscam novas formas de conhecimento.
- d) Os rituais de sofrimento subjagam os trabalhadores mais pobres e negros e reproduzem a desigualdade que desfavorece os grandes empreendedores.
- e) As condições “materialmente necessárias” contradizem as ilusões de “mérito” e “propósito” já que todos acabam sendo vítimas da lógica de mercado.

Questão 4

A respeito do parágrafo 15, pode-se afirmar que:

- a) Chutar o pau da barraca deveria significar a reconstrução das relações de trabalho primando pela igualdade e respeito a todos os indivíduos.

b) A falta de negros no quadro de funcionários das empresas que defendem a meritocracia se justifica por eles (os negros) terem frequentado universidades diferentes.

c) A falta de pagamento de horas extras e de carteiras de trabalho assinadas se justifica pela crise atual que a economia brasileira vem sofrendo.

d) O pleonasma “enterrar por terra” invalida toda a argumentação do parágrafo.

e) Ao deixar implícito que as negras geralmente são faxineiras, o autor apresenta-se preconceituoso porque, historicamente, os negros assumem cargos de liderança.

Questão 5

De acordo com o parágrafo 7, não se pode afirmar que:

a) Falar uma língua estrangeira, viajar não são importantes pelo conhecimento que trazem e sua interação com a vaga pretendida, mas pelo diferencial que oferecem ao indivíduo nas seleções de emprego.

b) A competitividade, constantemente reforçada, desestimula a interação colaborativa entre os trabalhadores

c) O alívio de que “dessa vez não foi eu quem caiu” é sintoma de relações de trabalho abusivas e que não conferem segurança ao trabalhador.

d) “A ideia de seleção” não reforça as relações de exclusão que sustentam as atuais relações de trabalho no Brasil.

e) O indivíduo que se apresenta maleável e compreensivo se torna mais selecionável por aguentar as pressões e assédios no trabalho.

Questão 6

No parágrafo 3, há quantos pronomes relativos?

a) 4

b) 2

c) 5

d) 3

e) nenhum

Ciclo para três aulas de cinquenta minutos

Não se pode negar a linguagem visual como elemento gerador de discurso. Ela nunca esteve tão presente no cotidiano quanto agora. Seja nas campanhas publicitárias, cinema, TV... Não importa o veículo, tudo será convertido em verbo para se compartilhar as experiências, sensações, reflexões. O fotógrafo escolhe qual realidade apresentará, seja pelo ângulo, seleção, filtros. As imagens também informam e provocam. Nesse sentido, solicitou-se aos alunos que pesquisassem e trouxessem imagens para a realização de um seminário. Cada um teria cinco minutos para apresentar sua análise e mais cinco para a colaboração dos colegas. O estabelecimento de tempo das apresentações é fundamental para que as atividades atinjam seu propósito e para evitar que alguns monopolizem os turnos de fala. Como texto provocador, utilizou-se um trecho do livro de Susan Sontag, *Diante da dor dos outros*.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

Ser um espectador de calamidades ocorridas em outro país é uma experiência moderna essencial, a dádiva acumulada durante mais de um século e meio graças a esses turistas profissionais e especializados conhecidos pelo nome de jornalistas. Agora, guerras são também imagens e sons na sala de estar. As informações sobre o que se passa longe de casa, chamadas de “notícias”, sublinham conflito e violência—“Se tem sangue, vira manchete”, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos de chamadas rápidas na tevê — aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou exaltação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta.

Já no fim do século XIX, discutia-se a questão de como reagir ao incessante crescimento do fluxo de informações sobre as agonias da guerra. Em 1899, Gustave Moynier, primeiro presidente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, escreveu:

Sabemos agora o que acontece todo dia, em todo o mundo [...] as informações transmitidas pelos jornalistas diários poem, por assim dizer, aqueles que sofrem nos campos de batalha diante dos olhos dos leitores, em cujos ouvidos seus gritos ressoam [...]

Moynier pensava no crescente número de baixas entre combatentes de todas as partes em conflito, cujos sofrimentos deviam ser minorados pela Cruz Vermelha, de forma imparcial. O poder letal dos exércitos em guerra havia sido elevado a uma nova magnitude em razão das armas introduzidas pouco depois da Guerra da Criméia (1854-56), como o rifle de municionar pela culatra e a metralhadora. Mas, embora as agonias do campo de batalha houvessem se tornado presentes como nunca antes para aqueles que apenas leriam a respeito do assunto na imprensa, era um óbvio exagero afirmar, em 1899, que as pessoas sabiam o que acontecia “todo dia em todo o mundo”. E, embora hoje os sofrimentos vividos em guerras distantes, de fato, tomem de assalto nossos olhos e ouvidos no instante mesmo em que ocorrem, afirmar tal coisa ainda constitui um exagero. Aquilo que em jargão jornalístico se chama de “mundo”—“dêem-nos 22 minutos e nos lhes daremos o mundo”, repete uma rede de fotos várias vezes por hora — e (ao contrário do mundo) um lugar muito pequeno, tanto geográfica como tematicamente, e o que se julga digno de conhecer a seu respeito deve ser transmitido de forma compacta e enfática.

A consciência do sofrimento que se acumula em um elenco seletivo de guerras travadas em terras distantes é algo construído. Sobretudo na forma como as câmeras registram, o sofrimento explode, é compartilhado por muita gente e depois desaparece de vista. Ao contrário de um relato escrito — que, conforme sua complexidade de pensamento, de referências e de vocabulário, é oferecido a um número maior ou menor de leitores — uma foto só tem uma língua e se destina potencialmente a todos. (...)

Desde então, batalhas e massacres filmados no momento em que se desenrolam tornaram-se um ingrediente rotineiro do fluxo incessante de entretenimento televisivo doméstico. Criar, para determinado conflito, um nicho na consciência de espectadores expostos a dramas de toda parte do mundo demanda uma difusão e redifusão diária de imagens filmadas desse conflito. A compreensão da guerra entre pessoas que não vivenciaram uma guerra e, agora, sobretudo um produto do impacto dessas imagens.

(...) O fluxo incessante de imagens (televisão, vídeo, cinema) constitui o nosso meio circundante, mas, quando se trata de recordar, a fotografia fere mais fundo. A memória congela o quadro; sua unidade básica e a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo.

(...)

A caçada de imagens mais dramáticas (como, muitas vezes, são definidas) orienta o trabalho fotográfico e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor. “A beleza será convulsiva, ou não será”, proclamou Andre Breton. Ele chamou esse ideal estético de “surrealista” mas, numa cultura radicalmente renovada pela ascendência de valores mercantis, pedir que as imagens abalem, clamem, despertem parece antes um realismo elemental além de bom senso para negócios. De que outro modo se pode obter atenção para um produto ou uma obra de arte? De que outro modo deixar uma marca mais funda quando existe uma incessante exposição a imagens e uma excessiva exposição a um punhado de imagens vistas e revistas muitas vezes? A imagem como choque e a imagem como clichê são dois aspectos da mesma presença. (...)

Normalmente, se existe alguma distância com relação tema, aquilo que uma foto “diz” pode ser lido de varias maneiras. Cedo ou tarde, lê-se na foto aquilo que ela deveria estar dizendo.(...)

Ainda nas atividades de linguagem visual, apresentou-se uma atividade que também ensinaria o uso do discurso direto e indireto, utilizando os seguintes tópicos:

1. Questões de identidade e alteridade
2. Descrever as tirinhas incluindo cenário, movimentos, caracterização e diálogos
3. Traduzir os diálogos de português para português, pode inclusive acrescentar traços regionais.

Ciclo de duas aulas de cinquenta minutos

O ensino da gramática encontra-se no entrave entre semântica e estrutura. As regras do português padrão precisam ser ensinadas, mas a estratégia precisa superar a repetição de exercícios e exercícios de memorização. Os mesmos conteúdos se arrastam anos e anos e os estudantes ainda ficam “perplexos” com a dificuldade. Um dos problemas é que não se estimula um comportamento investigativo, que as regras sejam compreendidas pelo contexto e que seja possível “derivar” conceitos mais complexos a partir dos mais básicos, estimular também o pensamento indutivo.

Um texto foi levado para a sala de aula e os alunos foram solicitados a observar onde as vírgulas ocorriam, qual contexto, se era possível encontrar o mesmo uso em frases diferentes. Esse exercício chama para si outros conhecimentos como conhecimento de classes gramaticais, construção sintática da frase. Em um primeiro momento, parecerá tudo “embolado”. Contudo, a partir do manejo da ansiedade provocada sempre que um novo método de estudo é apresentado, as informações começaram a fluir e perceberão que é possível entender sem isolar a regra do contexto.

O material a ser estudado deve conter uma temática atrativa aos alunos. Nessa atividade, foi escolhido o seguinte texto:

Sete coisas que você precisa saber sobre as imagens da escravidão no Brasil.

Do Goethe (<https://www.geledes.org.br/sete-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-as-imagens-da-escravidao-no-brasil/> Acesso em: 29/04/2018

1. A IMAGEM QUE TEMOS DA ESCRAVIDÃO É CONSTRUÍDA

O Brasil foi a última nação a abolir a escravidão na América, permitindo a artistas estrangeiros documentar a história africana no País em desenhos, gravuras, pinturas e fotografias. Esses registros foram divulgados pelo mundo como retratos da trajetória das nações africanas trazidas ao continente. “São elementos que carregam intenções visuais europeias em que artistas reproduzem uma visão colonial passível de ser adaptada a qual-

quer lugar”, afirma Lilia Schwarcz. Repetidas, copiadas e aplicadas a novos contextos, essas imagens revelam a política de dominação ao retratar pessoas escravizadas: africanos fortes, sem sapatos, com poucas roupas, sendo disciplinados, levando cargas pesadas, seguindo e servindo seus mestres bem vestidos.

2. A HISTÓRIA FOI RETRATADA DE FORMA A ANIQUILAR A INDIVIDUALIDADE DOS ESCRAVOS

Essas obras de arte – muitas criadas por nomes notórios, como Debret e Rugendas – guardam detalhes pouco comentados mas fundamentais na compreensão do Brasil. “Não havia espaço para individualidade, rebelião, fugas, quilombos – estes eram raramente retratados”, explica Schwarcz. “São imagens que retratam a invisibilidade e o anonimato”, complementa. Numa ilustração quase maternal da escravidão, revela-se uma relação baseada na violência e afeição, com indivíduos agrupados no anonimato e com “nações reduzidas a blocos biológicos em vez dos vários povos que fazem parte da diáspora”.

3. AS INTERPRETAÇÕES ARTÍSTICAS DA ESCRAVIDÃO PERPETUAVAM A DOMINAÇÃO

Havia um papel didático e que compunha o espetáculo da escravidão. Eram declarações de que a hierarquia existia e poderia ser mantida, “criava uma ordem a ser copiada e naturalizava a dominação violenta de outros povos”, nas palavras de Schwarcz. Assim, essas imagens são e foram responsáveis por ilustrar a visão que os brasileiros tinham e têm do País e da escravidão.

4. A FOTOGRAFIA DEIXOU ESCAPAR A INDIVIDUALIDADE SUFOCADA

Com o surgimento da fotografia, cópias mais fiéis da história começaram a ser divulgadas. Essas imagens retratam a prosperidade de famílias com nome e sobrenome, crianças brancas interagindo com pessoas escravizadas, tratadas como indivíduos sem identidade, fantasmas desumanizados. Mesmo sendo controladas pela elite e pelo fotógrafo, as imagens ofereciam uma convenção visual na qual emergiram detalhes reais da cena idealizada pelos colonizadores. Tornou-se então possível ver outras expressões dessas pessoas, a forma como se vestiam e se comportavam. São manifestações que trazem uma revisão ampla do padrão de comportamento, do trabalho, da diligência e da submissão. Nelas, o desconforto é notável, o constrangimento é visível.

5. A RECONCILIAÇÃO CRIADA COM A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO É UMA FARSA

Com a abolição da escravidão, surgem novos padrões imagéticos, retratando a reconciliação, do ponto de vista branco-europeu: “os escravos mostram gratidão, como se a liberdade não fosse um direito”, diz Schwarcz. Iniciou-se também a denúncia do sistema escravocrata, que identifica o engajamento do artista, em imagens de situações bizarras, de pessoas sendo comercializadas. Por outro lado, persiste uma abordagem condescendente, com negros agradecendo a liberdade. Esse processo nega a história, mesmo no movimento de emancipação, criando uma “amnésia nacional da escravidão”, como afirma Schwarcz.

6. AS IMAGENS DA ESCRAVIDÃO SE REPETEM EM ACONTECIMENTOS ATUAIS

Durante a palestra de Lília Schwarcz, algumas das obras mostradas foram associadas a fatos contemporâneos: a história de um adolescente afrodescendente (nome não revelado por ser menor de 18 anos) amarrado em um poste e açoitado, em 2014, no Rio de Janeiro, como se fazia no pelourinho; uma cena do seriado “Raízes” (de Alex Haley, William Blinn, Ernest Kinoy, M. Charles Cohen, James Lee, 2016), que mostra policiais amarrando um grupo de afro-brasileiros em uma corda em sequência, como se fazia com escravos; uma cena do desenho animado “Casa Grande e Senzala” (adaptação da TV Cultura para o livro de Gilberto Freyre, dos anos 1980), que mostra a babá carregando uma menina nas costas, como se fosse um cavalo, em uma brincadeira que ensina às crianças ser possível mutilar outras pessoas; a adolescente que fez, em 2018, sua festa de debutante em Recife, Pernambuco, com o tema “escravidão”; e o assassinato da vereadora Marielle Franco, também em 2018. Moradora da comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, Marielle teve acesso à universidade pelo sistema de cotas e foi assassinada em um crime ainda sem solução.

7. É PRECISO POLITIZAR AS IMAGENS DA ESCRAVIDÃO

Apesar de velado, o fantasma da escravidão é real no Brasil. “Ao contrário do que é perpetuado, o País não é um caldeirão cultural sem preconceitos. Vivemos em uma democracia racial cercada de racistas por todos os lados”, constatou Lília Schwarcz. O sistema de cotas na universidade mudou este cenário, mas ainda é um começo. Segundo ela, precisamos politizar essas imagens que não vivem no passado, pois a cultura não é consequência ou produto, mas sim uma produção.

Exemplo de análise.

1. A IMAGEM QUE TEMOS DA ESCRAVIDÃO É CONSTRUÍDA

O Brasil foi a última nação a abolir a escravidão na América, permitindo (1) a artistas estrangeiros documentar a história africana no País em desenhos, gravuras, pinturas e fotografias (2). Esses registros foram divulgados pelo mundo como retratos da trajetória das nações africanas trazidas ao continente. “São elementos que carregam intenções visuais europeias em que artistas reproduzem uma visão colonial passível de ser adaptada a qualquer lugar”, afirma Lília Schwarcz (3). Repetidas, copiadas e aplicadas a novos contextos, essas imagens (4) revelam a política de dominação ao retratar pessoas escravizadas: africanos fortes, sem sapatos, com poucas roupas, sendo disciplinados, levando cargas pesadas, seguindo e servindo seus mestres bem-vestidos (5).

Os ambientes em que as vírgulas foram utilizadas nesse parágrafo receberam um número. Sabendo que a vírgula é um elemento divisor, a lógica pede que se avaliem os elementos anteriores e posteriores ao seu aparecimento. No contexto 1, o ambiente marca-se por um substantivo próprio e o uso de verbo em gerúndio. As hipóteses possíveis podem ser:

- a) A vírgula é utilizada para separar um nome próprio de um verbo no gerúndio;
- b) A vírgula é utilizada antes do gerúndio;
- c) A vírgula vem depois de um substantivo próprio.

Agora, verificar essas hipóteses através de avaliação de contextos aproximados. No destaque 5, encontram-se outros verbos no gerúndio, mas não há o substantivo próprio como antecedente, e, portanto, as hipóteses (a) e (b) são descartadas. A alternativa (b) é a que mais se mostra plausível.

A ideia não é “acertar” a regra por completo, mas estimular um pensamento científico baseado em observação, hipótese e verificação. Várias habilidades se desenvolvem e são estimuladas, inclusive as regras sobre o uso de vírgulas. Esse processo pode ser utilizado para várias estruturas linguísticas diferentes. O tempo para a realização dessa atividade é bem mais extenso, alternando momentos individuais e coletivos.

A anticiência

(SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**. A ciência vista como uma vela no escuro. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006)

A velocidade das mudanças na ciência é responsável por parte dos ataques que atrai. Quando por fim compreendemos algo de que os cientistas estão falando, eles nos dizem que aquilo já não é verdade. E, mesmo que fosse, há uma grande quantidade de novos dados - coisas de que nunca ouvimos falar, coisas difíceis de acreditar, coisas com implicações inquietantes - que eles afirmam ter descoberto recentemente. Os cientistas podem ser vistos como criaturas que brincam conosco, que desejam virar tudo de cabeça para baixo, que são socialmente perigosas. (...)

Sem dúvida, a imensa maioria das pessoas sem treinamento científico só pode aceitar os resultados da ciência fiando-se nas declarações de autoridades sobre o assunto. Mas há, obviamente, uma diferença importante entre um sistema aberto que convida todo mundo a se aproximar, estudar os seus métodos e sugerir aperfeiçoamentos e outro que considera o questionamento de suas credenciais um sinal de maldade no coração (...). A ciência racional trata as suas notas de crédito como se fossem sempre resgatáveis quando solicitado, enquanto o autoritarismo não-racional considera o pedido de resgate de suas notas uma desleal falta de fé. (...)

Algo semelhante vale para a ciência. Nós temos vieses; inalamos os preconceitos dominantes em nosso meio como todo mundo. De vez em quando, os cientistas alimentam inúmeras doutrinas nocivas (inclusive a suposta “superioridade” de um grupo étnico ou de um gênero em relação ao outro, com base em medições do tamanho do cérebro, saliências no crânio ou testes de inteligência). Com frequência relutam em ofender os ricos e poderosos. De quando em quando, alguns trapaceiam e roubam. Alguns trabalharam - muitos sem nenhum vestígio de remorso moral - para os nazistas. Os cientistas também apresentam vieses relacionados com os chauvinismos humanos e com as nossas limitações intelectuais.(...)

Os cientistas cometem erros. Por isso, cabe ao cientista reconhecer

as nossas fraquezas, examinar o maior número de opiniões, ser impiedosamente autocrítico. A ciência é um empreendimento coletivo com um mecanismo de correção de erro que frequentemente funciona sem embaraços. Ela tem uma esmagadora vantagem sobre a história, porque na ciência podemos fazer experiências. (...) Quando novas ferramentas são inventadas, podemos executar o experimento de novo e verificar o que resulta de nossa sensibilidade aperfeiçoada.(...)ue todos os outros entendem – que passam a fazer perguntas-chave.(...)

Acho que todo esse turbilhão social e essas fraquezas humanas ajudam o empreendimento da ciência. Há uma estrutura estabelecida na qual qualquer cientista pode provar que o outro está errado, sabendo que tal informação será do conhecimento de todos os demais. Mesmo quando nossos motivos são vis, não deixamos de tropeçar em algo novo.(...) Talvez fosse útil que os cientistas listassem de vez em quando alguns de seus erros. Isso poderia ter o papel instrutivo de iluminar e desmitificar o processo da ciência e de esclarecer os cientistas mais jovens.(...)

A ciência é diferente de muitos outros empreendimentos humanos – evidentemente não pelo fato de seus profissionais sofrerem influência da cultura em que se criaram, nem pelo fato de ora estarem certos, ora errados (o que é comum a toda atividade humana), mas pela sua paixão de formular hipóteses testáveis, pela sua busca de experimentos definitivos que confirmem ou neguem as ideias, pelo vigor de seu debate substantivo e pela sua disposição a abandonar as ideias que foram consideradas deficientes. Porém, se não tivéssemos consciência das nossas limitações, se não procurássemos outros dados, se nos recusássemos a executar experimentos controlados, se não respeitássemos a evidência, teríamos muito pouca força em nossa busca da verdade. Por oportunismo e timidez, poderíamos ser então fustigados por qualquer brisa ideológica, sem nenhum elemento de valor duradouro a que nos agarrar.

A função da ciência acabou sendo jogada no fosso das polaridades dos últimos tempos. A oposição entre religião e ciência funda uma pauta extremamente perniciosa e é construída artificialmente, são observações diferentes do mundo e de sua compreensão. Retoma-se o estereótipo do cientista como maluco, antisocial, demoníaco. Um dos sinais do apocalipse seria o desenvolvimento exacerbado das descobertas científicas (algo que nunca poderia existir “em excesso”). Hefesto, ou Vulcano, é o deus que manipula os metais, cuja marca de maldição é

ser côxo. O senso comum sempre se mostra aterrorizado por aquilo que quebras as bases já assentadas de navegação social. Esquece-se de que a contribuição científica é presença indissolúvel de seu cotidiano, na construção de suas casas, nos remédios que tomam, nos veículos que os transportam, nos meios de comunicação, nas vacinas... Essa última contestada por teorias da conspiração de que são distribuídas como forma de controle biológico (!) da população, que o corpo foi “destreinado” a curar-se. Abandona-se o curso da história e suas epidemias e há um misticismo de que o poder da mente cura tudo, basta apenas se entregar ao “natural” e “divino”.

A cloroquina, por exemplo, foi transformada em uma válvula de escape para os fanatismos que o medo encobre. Paradoxalmente, é um produto de trabalho de cientistas utilizado para negar a própria autoridade das pesquisas. Não há como negar que nada é objetivo o suficiente dentro das forças motrizes das ações humanas. Essa discussão em ambientes escolares é fundamental, uma vez que é a geografia simbólica e concreta em que o conhecimento não é feito de pedra e nem de longe é construído por meio de dogmas inabaláveis. É um exercício de se esforçar ao máximo para obter o mínimo de distanciamento no estudo de algo. Não se comportar como pretexto de validação de pré-conceitos.

A ciência não é ameaçada apenas por fanatismos religiosos, mas por estruturas segregadoras e mantenedoras de desigualdades sociais. Nina Rodrigues, cientista do séc. XIX, preconizava a degeneração mental e moral das miscigenações, advogava que o alcoolismo esta na configuração biológica dos negros, assim como suas características físicas representavam o perfil de criminosos, amparando políticas eugênicas de “higienização social”. Os cientistas não são, eles mesmos, arautos de evoluções sociais. Contudo, negar seus espaços de estudos equivale à imposição do candomblé aos carismáticos, por exemplo. A base de brincar de deus com o destino dos outros é a mesma.

Esse texto do Carl Sagan trabalhado em sala de aula provoca defesas apaixonadas de espaços éticos. E é esse o objetivo, ouvir o outro sem colonizá-lo, construir argumentações objetivas que não sejam apenas negação, que construam o pensamento. Propor a escrita de um texto dissertativo-argumentativo é ideal para que aprendam a sistematização racional solicitada pela escrita. A densidade dos parágrafos, a busca pelas contradições no próprio argumento, seguir o caminhar de levantamento superficial de tópicos, pesquisa, planejamento do tex-

to, escrita, reescrita, reescrita, reescrita... Importante também trabalhar o terror pelo papel/ tela em branco, pelo trauma de ser considerado incapaz de atingir uma capacidade de “eleitos”, a pressa em terminar, a ideia de que reescrever é ter errado, de que quantidade de temas trabalhados auxiliam no processo de evolução argumentativa. Parece, mas não é um ideal darwiniano do ato de escrever. Não é uma evolução das espécies de gêneros textuais e de escritores. É colocar o ser escrevente em sua posição natural de internalizar o mundo e pensá-lo.

Ciclo 10

Ciclo para duas aulas de cinquenta minutos

Mallarmé diz que “Todo pensamento emite um lance de dados”, as mesmas palavras funcionam diferente em outros contextos, as regras sintáticas se repetem, mas nunca as informações, por mais objetivo que um texto seja, nunca se garante a perfeita comunhão entre o que se escreve e o que se lê. Nessa atividade, desmontou-se uma frase de um texto e foram apresentadas as palavras soltas para que os alunos as utilizassem e, somente elas, sem falta nenhuma, uma frase. O tema selecionado traz vocábulos que estão na posse do senso comum e que deixam entrever alguma malícia, o que dá um ar mais leve e lúdico à atividade. Todos leram as frases que formaram e formou-se um ambiente divertido. Em seguida, foi apresentado o texto de onde as palavras se originaram.

que	Quero	Talvez	o
amiga	ser	túmulo	Minha
desejo	inscrita	para	pênis
dos	bruços	história	essa
	e	seu	de
reconheça	me	deva	meu
	consigo	último	enterrada
em	povo	seios	epitáfio
me		Não	torne
Rita Cadillac	expressiu	assim	brasileiro
que		reconhecível	
mais			
eretos	em	pensar	

Triste que a internet esteja sujeita a nos expor aos desígnios de imbecis

A internet dá acesso ao melhor e ao pior da imaginação humana, às informações da maior relevância e às manifestações dos instintos mais desprezíveis.

Corre no lixo que a infesta um vídeo de uma mulher que atribui a mim um alerta sobre supostos perigos das radiações emitidas por ocasião de radiografias dos dentes e das mamografias.

Ela diz que havia assistido a um programa de TV, no qual eu teria feito a malfadada afirmação. Mentira deslavada que atesta o mau-caráter de quem a inventou. Invençônicas como essa aparecem na rede todos os dias, mas algumas se espalham como vírus. Foi este o caso. Quero crer que a disseminação tenha ocorrido porque a autora se apropriou do nome de um médico envolvido com a divulgação de temas de saúde (caso contrário, não o teria feito).

Nas duas últimas semanas, perdi a conta de quantos WhatsApps recebi de amigos preocupados em saber se havia partido de mim tal aleivosia. Ao lado deles, quantos teriam acreditado nessa intervenção criminosa? Digo criminosa não só pela calúnia que envolveu meu nome, mas pelo mal causado aos crédulos que compartilharam a advertência de uma desqualificada que cria boatos prejudiciais à saúde da população.

Há quantos anos os médicos brasileiros se empenham em ressaltar a importância das mamografias no diagnóstico precoce do câncer de mama? Quantas incautas que assistiram ao vídeo ficarão convencidas do contrário? Quem responderá criminalmente pelas mortes que ocorrerem?

É triste constatar que um avanço tecnológico como a internet, que provocou uma revolução sem precedentes nas comunicações humanas, esteja sujeito a nos expor aos desígnios do primeiro imbecil. Como acontece com outras figuras públicas, circulam pela rede vários textos apócrifos atribuídos a mim. Nesse quesito, pelo menos, estou na companhia de gente que admiro: Luiz Fernando Veríssimo, Caetano Veloso, Arnaldo Jabor, Jorge Luis Borges e Carlos Drummond, entre outros.

Num deles, o autor aconselha o pensamento positivo como arma contra a enfermidade. Segundo ele, quem está de bem com a vida não adoece e, na hipótese improvável de cair de cama, levantará lépido e fagueiro. É exatamente o oposto do que penso. Jogar no paciente a culpa do mal que o aflige é crueldade, no mínimo um desrespeito com os que morreram.

Outro aborda o relacionamento amoroso. Reúne uma série de obviedades melosas, alinhadas no estilo dos calendários com pensamentos

seicho-no-ie. A primeira vez que o li, fiquei morto de vergonha do mau juízo que os amigos fariam de minhas pretensões literárias. Você não faz ideia de quantos elogios recebi de pessoas emocionadas com a profundidade filosófico-poética daquelas reflexões.

Agora, nenhum deles chega aos pés da repercussão de uma frase sobre os recursos investidos pela indústria farmacêutica em próteses mamárias e remédios para a disfunção erétil em comparação com aqueles destinados às pesquisas sobre a doença de Alzheimer. A conclusão final de que a perda da memória levaria ao esquecimento da utilidade de seios e ereções é colocada com palavras que não falo sequer no botequim. O sucesso foi retumbante. Surgiu até uma versão em espanhol que me apresentava como Prêmio Nobel em Medicina.

Na semana em que “Estação Carandiru” foi publicado na Inglaterra, recebi um pedido de entrevista da rádio Madrid. Imaginei que o livro tivesse invadido a Europa.

Não era o caso. Fui colocado no ar com um locutor que começou a entrevista com a leitura da famigerada frase. Quando expliquei que não era de minha autoria, ele ficou pasmo. Sem saber o que dizer, perguntou como andava a saúde no Brasil. Dias mais tarde, a produção da Radiodiffusion-télévision française fez o mesmo, porém com o cuidado de me consultar antes sobre o Nobel e a autoria.

Semana passada, recebi um vídeo em que o escritor uruguaio Eduardo Galeano fez a leitura da frase numa conferência. Foi muito aplaudido. Minha amiga Rita Cadillac assim exprimiu seu último desejo: “Quero ser enterrada de bruços para que o povo brasileiro me reconheça”. Talvez em meu túmulo deva ser inscrita essa história dos seios e pênis eretos. Não consigo pensar em epitáfio que me torne mais reconhecível.

Ciclo para duas aulas de cinquenta minutos

Antes da apresentação do texto para análise foram separados os conjuntos de frases em cada parágrafo e o desafio seria reescrevê-las em um único enunciado, valendo-se de conectivos, busca pela sequência mais objetiva. As aulas agora voltaram-se para a fluidez, legibilidade e densidade. A seguir, fizeram a leitura do texto e compararam o que escreveram com o original. É um trabalho individual e que levantará dúvidas produtivas.

Junte cada conjunto de sentenças em uma única frase.

1. A expressão “smart city” vai muito além do desenvolvimento de aplicativos.

Sistemas de informação que ajudam os gestores no dia a dia da administração pública.

Tecnologia ajuda.

Tecnologia não é tudo.

2. A palavra-chave é planejamento.

Planejamento é algo crítico no Brasil.

O plano diretor municipal está ausente em aproximadamente 50% das cidades.

O plano diretor municipal serve de base para as políticas públicas.

3. Lixo é assunto de prefeito.

O Brasil possui mais de 3.000 vazadouros a céu aberto.

Manter lixões em funcionamento não é “smart”.

4. Os consórcios intermunicipais são uma saída inteligente.

Prefeitos unem forças em consórcios intermunicipais para construir um único aterro sanitário e operar em conjunto logística da coleta, transporte e destinação final dos resíduos

O consórcio intermunicipal é utilizado por 35% dos municípios brasileiros.

5. Há hoje no país 350 usinas transformando restos de obras em matéria-prima para a construção civil.

Há hoje no país 350 usinas transformando restos de obras em tijolos, bloquetes, base e sub-base de asfalto.

6. São José do Rio Preto economiza um milhão de reais reciclando entulho. Jundiá processa 200 mil toneladas de entulho por mês.

São José do Rio Preto e Jundiá são exemplos que merecem destaque no estado de São Paulo.

7. Uma tecnologia de baixo custo transforma os excrementos dos animais em biogás há décadas.

A tragédia sanitária da falta de saneamento poderia ser atenuada em municípios menores.

Se fosse replicada uma tecnologia de baixo custo a tragédia da falta de saneamento poderia ser atenuada.

8. A companhia privada de água e esgoto de Petrópolis (RJ) instalou biodigestores em várias comunidades de baixa renda.

A companhia privada de água e esgoto obteve sucesso na remoção de 85% da matéria orgânica.

Os biodigestores removem a matéria orgânica graças à ação das bactérias presentes no próprio esgoto, sem produtos químicos ou energia elétrica.

9. Os próprios moradores zelam pela integridade do sistema de biogás. O biogás é canalizado para escolas ou associações locais.

As soluções existem.

Não há nada mais inteligente na gestão pública do que vontade política.

Planejamento e vontade política são as saídas para resolver os lixões

Velhos problemas urbanos podem ser solucionados com planejamento, algo crítico no Brasil

André Trigueiro (04/03/2018, Folha de São Paulo)

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/andre-trigueiro/2018/03/planejamento-e-vontade-politica-sao-as-saidas-para-resolver-os-lixoes.shtml>

Entendo que a expressão “*smart city*” vai muito além do desenvolvimento de aplicativos e sistemas de informação que ajudam os gestores no dia a dia da administração pública. Tecnologia ajuda, mas não é tudo. A palavra-chave é planejamento, algo crítico no Brasil, onde o plano diretor municipal (que serve de base para as políticas públicas) está ausente em aproximadamente 50% das cidades.

Outras questões importantes: lixo é assunto de prefeito e num país com mais de 3.000 vazadouros a céu aberto, nada menos “smart” do que manter lixões em funcionamento. Uma saída inteligente são os consórcios intermunicipais, quando prefeitos unem forças para construir um único aterro sanitário e operar em conjunto logística da coleta, transporte e destinação final dos resíduos. Mais de 35% dos municípios brasileiros vêm recorrendo a esse mecanismo para tratar seu lixo da forma correta.

Quando o assunto é entulho, a solução é reciclagem. Há hoje no país 350 usinas transformando restos de obras em matéria-prima para a construção civil, como tijolos, bloquetes, base e sub-base de asfalto.

Apenas no estado de São Paulo, merecem destaque os exemplos de São José do Rio Preto (que economiza 1 milhão de reais por ano reciclando entulho) e Jundiaí (que processa 200 mil toneladas por mês). A tragédia sanitária da falta de saneamento poderia ser atenuada, em municípios menores, replicando uma tecnologia de baixo custo que há décadas transforma os excrementos dos animais em biogás.

Em Petrópolis (RJ), a companhia privada de água e esgoto instalou biodigestores em várias comunidades de baixa renda, obtendo sucesso na remoção de até 85% da matéria orgânica graças à ação das bactérias presentes no próprio esgoto, sem produtos químicos ou energia elétrica. O biogás é canalizado para escolas ou associações locais e são os próprios moradores que zelam pela integridade do sistema.

A lista vai longe. As soluções existem. E não há nada mais inteligente na gestão pública do que vontade política.

Desafio

“Traduza” o texto a seguir identificando as funções sintáticas existentes em suas frases a partir dos sufixos apresentados.

Se você prestou atenção, o caminho é rápido.

Se não usar as informações apresentadas em sala de aula, o caminho é longo.

Núcleo do predicado verbal: vras

Sujeito: dre

Objeto direto: tu

Objeto indireto: pac

Complemento nominal: vres

Adjunto Adverbial: pei

Adjunto adnominal: mar

Pronome relativo: bir

*As categorias não contempladas no quadro seguem como estão.

**Se houver mais de uma palavra dentro da categoria, acrescente o sufixo na última palavra.

Exemplo: “Não engula o choro”: campanha quer combater a violência contra crianças.

Nãopei engulavras mar chorotu, campanhadre quer combatervras mar violênciatu contra criançasvres.

(**Crescer**) <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Seguranca/noticia/2018/05/nao-engula-o-choro-campanha-quer-combater-violencia-contracrianças.html>

A Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social do Paraná lançou neste mês de maio a campanha Não engula o choro, com o objetivo de combater a violência contra crianças e adolescentes, inclusive o abuso sexual. Duas animações, que já estão sendo projetadas antes de todas as sessões nos cinemas do estado e também circulam em grupos *Whatsapp*, mostram a importância do choro, como principal forma de as crianças comunicarem que algo está errado, e o papel dos adultos ao validar seus sentimentos e acolhê-las.

Fernanda Richa, secretária estadual da Família, destaca que o silêncio é um dos principais dificultadores no combate à violência contra a criança e o costume de pedir para as elas “engolirem o choro” só agrava essa situação. “É imprescindível sensibilizar família, professores e todos os agentes da rede de proteção. Somente dessa forma tornaremos visíveis essas situações que comprometem o desenvolvimento de meninos e meninas. Esses filmes mostram para a criança que ela pode contar com uma pessoa de confiança para ajudá-la, em caso de violência ou em que algo está errado”, afirma.

A campanha tem a parceria das secretarias estaduais da Saúde, da Educação e da Segurança Pública, que registra e encaminha denúncias de violações de direitos, pelo telefone 181, no Paraná. Dados desse disque-denúncia informam que, de 2016 para 2017, o número de denúncias de violência contra crianças e adolescentes aumentou 37,6%. Dos 1166 casos registrados, 31,52% está relacionado ao abuso sexual e 30,41% à violência física.

Além do choro, outros sinais podem indicar que a criança ou adolescente vem sofrendo algum tipo de violência, como irritabilidade constante (sem causa aparente), olhar indiferente, apatia, distúrbios do sono, dificuldade de socialização e tendência ao isolamento, manifestações precoces de sexualidade, desconfiança extrema, autoflagelação, baixa autoestima, insegurança, extrema agressividade ou passividade, entre outros. “São sinais perceptíveis principalmente por quem convive com a criança ou a vê com frequência, na escola, na igreja ou em outro lugar de convívio social”, destacou Alann Bento, presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Criança do Adolescente (Cedca).

Ciclo 13

Ciclo para três aulas de cinquenta minutos

1. Para cada palavra a seguir, escreva outras dez que você considera conectadas a elas, que surgem em sua memória.

a) Ética: _____

b) Desmatamento: _____

c) Trabalho: _____

2. Conecte as palavras que escreveu em três frases diferentes. Use a seguinte estrutura: Sujeito – Verbo – Complementos.

Ex.:

O humor	reforça	estereótipos	todos os dias	no Brasil
sujeito	verbo	Complemento (O. D.)	Complemento (ADJ. ADV.)	Complemento (ADJ. ADV.)

a) _____

b) _____

c) _____

3. Utilize elementos de conexão entre as frases de cada item.

Ex.: contudo, entretanto, no entanto, por conseguinte, uma vez que, já que, neste sentido, sendo assim, pois, porque, a partir de...

a) _____

b) _____

c) _____

4. Para cada parágrafo que começou a se formar, acrescente mais informações às frases, inverta a ordem das orações, delimite os conceitos. Trabalhe com interpolação.

Ex.:

O humor reforça estereótipos todos os dias no Brasil. Todos os dias no Brasil (INVERSÃO), o humor, considerado uma grande ferramenta política (INTERPOLAÇÃO), reforça estereótipos contra as minorias. (DELIMITAÇÃO)

a) _____

b) _____

c) _____

5. Descreva o seu comportamento em relação à escrita e a exercícios “inesperados” pelas aulas tradicionais a respeito da língua portuguesa.

6. Escolha um dos parágrafos que produziu e reconstrua-o dentro das mesmas estruturas sintáticas do parágrafo a seguir.

“O reconhecimento da diversidade étnica, cultural, linguística e identitária do sujeito é a principal contribuição que as práticas de multiletramento podem dar para a construção de uma visão crítica de mundo. A pedagogia do multiletramento amplia as possibilidades de inserção da pessoa neste mundo da cultura, tornando-o aberto à diversidade e à pluralidade social, étnica e cultural”. (Revista Língua Portuguesa, maio de 2018)

Ciclo para quatro aulas de cinquenta minutos

Assim como se discute se há limites para metodologias e objetivos científicos, problematizam-se aqui as possíveis fronteiras do humor. Em abordagens que se aproximam e se distanciam, o texto de Djamila Ribeiro e de He-loísa Cavalcanti colocam em perspectiva o ‘diga-me do que ris que direi quem tu és’. O conceito de censura é um dos pontos mais sensíveis desse debate e é interessante conjugá-lo com o texto a respeito do cancelamento.

Os temas “perigosos” são basilares, não é possível o ensino de linguagem sem o contraditório e a multiplicidade de perspectivas. É um dos pontos que colocam fluxos diferentes das ciências exatas, por exemplo. A atividade aqui é estabelecer um esquema, uma tabela dos principais argumentos de cada texto e confrontá-los, identificar as contra-argumentações e as aproximações. A leitura vincada pelo material de base para que se pratique a diferenciação entre o texto e as interferências do leitor. Depois, a construção de texto dissertativo-argumentativo apresentando as duas perspectivas e apresentando o posicionamento pessoal. Apesar dos muitos caminhos de leitura, nem tudo cabe no texto em que se lê, ele não é pretexto para se patinar no já existente em crenças pessoais. Crença só assume o lugar da crítica quando se fundamenta em evolução de informações adquiridas.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. RJ: Companhia das Letras, 2018.

“O verdadeiro humor dá um soco no fígado de quem oprime”.

Assim como houve pensadores como Sartre, que criticava a arte pela arte, propondo uma arte engajada, Henfil, grande cartunista brasileiro, foi adepto de um humor engajado politicamente, não o humor pelo humor. Como ele próprio definiu: “Procuro dar meu recado através do humor. Humor pelo humor é sofisticação, é frescura. E nessa eu não estou: meu negócio é pé na cara”.

Visivelmente, o cartunista tinha uma posição de embate ao poder instituído. Não é o que vemos na grande mídia, salvo raras exceções. O que

se vê é um humor rasteiro, legitimador de discursos e práticas opressores, que tenta se esconder por trás do riso. Sendo a sociedade racista, o humor será mais um espaço onde esses discursos são reproduzidos. Não há nada de neutro – ao contrário, há uma posição ideológica muito evidente de se continuar perpetuando as opressões.

Alguns humoristas, quando criticados, dizem estar sendo censurados. É preciso explicar para eles o que é censura. Primeiro, dizem e fazem coisas preconceituosas. Quem se sentiu ofendido, reclama. Onde está a censura nisso? Incomodam-se pelo fato de, cada vez mais, as pessoas denunciarem e gritarem ao ver suas identidades e subjetividades aviltadas; é como se dissessem “nem se pode mais ser racista e machista em paz”.

Atualmente, pululam humoristas com esse viés. Eles acreditam ter uma espécie de poder divino de falar o que querem sem ser responsabilizados. Comportam-se como semideuses: Danilo Gentili chamou de macaco um moço que discordou dele. Marcelo Marrom, infelizmente, é um homem negro que faz piadas vergonhosas ridicularizando a si mesmo e a outras pessoas negras. Age como uma espécie de neocapitão do mato, tentando caçar a dignidade e autoestima que há anos lutamos para ter. Capitão do Mato do humor para entreter a casa-grande. Que a ancestralidade tenha misericórdia dele.

Durante muito tempo, tive receio de passar perto de grupo de adolescentes. Quando criança, fui alvo de piadas e chacotas por ser negra. Era inevitável ouvir alguma gracinha do tipo: “Olha sua mina, aí, não vai me apresentar?”, ao que o garoto que era “alvo” se defendia: “Sai fora!”. Ter uma namorada como eu era algo impensável.

A pretensão criada neles, fruto de um sistema que os privilegia, os cegava para o fato de que eu poderia não os querer. Para eles, eu era só uma “neguinha”, alguém que merecia ser ridicularizada e deixada de lado. Esse receio me acompanhou até o início da fase adulta. Eu preferia atravessar a rua a ter que ouvir essas coisas, porque machucavam. E o que as pessoas me diziam? “Deixa pra lá, é só uma brincadeira”. Toda a sociedade concordava com aqueles meninos: eu não me via na TV, nas revistas, nos livros didáticos, em minhas professoras.

Um dia, quando levava minha filha à escola, um grupo de adolescentes começou a rir dela, que usava uma flor no cabelo solto. Minha filha nem percebeu, mas eu me aproximei deles e disse calmamente: “Estão rindo do quê? O cabelo dela é lindo. Se eu voltar e vocês estiverem aqui, vou pegar

um por um”. Claro que não faria nada daquilo, só queria assustá-los (e conseguiu), mas ouvi críticas do tipo: “Ah, eram só adolescentes brincando”. E eu me pergunto: quem se compadece da menina negra que terá sua autoestima aviltada, que desde cedo é ridicularizada?

Por que se tem compreensão com quem está oprimindo e não com quem está sendo oprimido? A menina negra é que precisa entender que isso é “brincadeira” ou quem faz a “brincadeira” que deve perceber que aquilo é racismo? Até quando utilizarão o humor como desculpa para comentários racistas? Quem olhará pela menina negra que odiará seu cabelo por causa das piadas? Quem lucrará a gente sabe.

Há também aquela conversa de que devemos rir de nós mesmos, de nossos defeitos. Rir de si quando se é distraído ou desastrado é uma coisa, mas por que raios eu deveria rir da minha pele ou do meu cabelo, como se fosse um defeito, em vez de partes lindas que me compõem? Por acaso ser negra é um defeito? No olhar do racista, é. Então, para ser aceita por ele, eu preciso rir daquilo que o incomoda, associar meu cabelo a produtos de limpeza, por exemplo. Mas passa pela cabeça dele associar seu cabelo liso a espaguete. Esse exemplo mostra como o racismo tem um papel preponderante naquilo que as pessoas julgam ou julgarão. Como acontece com os negros, julga-se engraçado ridicularizar pessoas trans, como se a humilhação diária e a recusa à cidadania já não fossem suficientes.

É preciso perceber que o humor não é isento, carregando consigo o discurso do racismo, do machismo, da homofobia, da lesbofobia, da transfobia. Diante de tantos humoristas reprodutores de opressão, legitimadores da ordem, fico com a definição do brilhante Henfil: “O humor que vale para mim é aquele que dá um soco no fígado de quem oprime.

Humor e arte: a censura se traveste de correção política no Brasil? (Por Heloisa Cavalcanti).

<https://gente.ig.com.br/cultura/2017-12-08/humor-censura-correcao-politica.html>

O cenário cultural brasileiro ficou sob os holofotes no final de 2017 levantando diversos debates a respeito de liberdade de expressão e censura

Enquanto a democracia retornava ao Brasil, do outro lado do oceano, um grupo intitulado “Mustache Brothers” desafiou o governo militar da Birmânia utilizando a maior arma que tinham em suas mãos: o humor. Os irmãos, de maneira clandestina, promoviam shows de comédia com piadas

que atacavam diretamente o seu governo, que utilizava da censura uma forma de controle da nação entre 1988 e 2011. O ato de resistência, entretanto, fez com que um dos irmãos chegasse até mesmo a ficar na prisão durante sete anos, por ter ridicularizado o próprio Estado por meio da arte. Mas não é necessário cruzar o oceano para ver que a potência do humor pode transcender o próprio riso.

Desde sempre, o humor se faz como uma forte ferramenta de crítica social que pode agradar a uns, mas também desagradar a outros. Segundo o comediante de Stand Up Robson Nunes, deixar de misturar política com o riso é uma tarefa impossível. “Fazemos piadas com o cotidiano, então a política interfere diretamente dentro de todos nós”, comentou em entrevista ao portal iG. Há anos no ramo da comédia, Nunes realiza diversos espetáculos de stand up comedy, uma performance que migrou dos Estados Unidos para o Brasil há poucos anos mas, como afirma o artista, já se consolidou por aqui.

Com o retorno das discussões a após as recentes polêmicas nas exposições “QueerMuseu” em Porto Alegre e “La Bête” no MAM em São Paulo, a ideia da censura reascendeu no universo da arte, algo que, para Nunes, é preocupante. “Eu acho que você tem o direito de se expressar e a arte causa isso. Não dá para cair no ‘isso é arte ou isso não é’. Quem tem essa sabedoria suprema? Nós temos espaço para todo mundo se expressar”, opina o comediante. “Temos um passado muito recente de liberdade de expressão que é uma conquista da qual não podemos abrir mão”, completa, fazendo referência à ditadura militar brasileira que acabou em 1985.

Naquela época, não eram apenas os artistas plásticos, cênicos ou musicais que sofriam sanções do governo, mas também os próprios comediantes. Um caso é o de Maria Teresa Fróes, que na década de 1970 foi várias vezes censurada por conta de alguns dos seus personagens que produziam fortes críticas sociais. “Censurar seja qualquer tipo de coisa é um passo pra trás”, opina Nunes. Entretanto, nesse universo da comédia muitas controversas ressurgem vez ou outra na mídia, colocando em evidência piadas que não necessariamente rompem com paradigmas, mas reforçam discursos já existentes na sociedade que são frequentemente questionados.

“O comediante é muito atraído para falar das fronteiras, o que pode ser dito e não pode ser dito. Então, ele tem que andar nessa corda bamba”, comenta Gustavo Suzuki, um dos fundadores do grupo de Stand Up Come-

dy Sr. Bumbum. Ao lado de Hell Ravani e Vitor Brandt o trio de roteiristas de televisão se uniu com uma nova proposta para o stand up comedy. “A comédia no Brasil é tomada por um estilo e um jeito de pensar. E a gente pensava diferente”, conta.

Um dos casos mais icônicos no mundo da comédia foi a polêmica envolvendo Rafinha Bastos e a cantora Wanessa Camargo. Em 2011, quando estava ainda no programa da Band “CQC”, o comediante afirmou que “comeria ela e o bebê” logo após uma matéria mostrar a gravidez da cantora. O comentário rendeu ao humorista um processo de indenização movido pela artista no mesmo ano. As piadas problemáticas, entretanto, não pararam por aí. Em 2013 foi a vez de Danilo Gentili ficar sob os holofotes. Na ocasião, o humorista comparou uma doadora de leite pernambucana com um ator pornô. “Em termos de doação de leite, ela está quase alcançando o Kid Bengala”, disse.

Os comentários ascenderam um debate dentro do humor de forma polarizada: de um lado, os que defendiam que as alegações eram reflexo de um discurso de ódio e, do outro, aqueles que acreditavam que coibir esse discurso poderia ser uma forma de censura. Para Nunes, no mundo da comédia, a reação de queixa do público é algo recorrente e esperado. “Quando você aborda assunto polêmico, tem que estar pronto para reação. Alguém se sentiu ofendido por essa ação e quer protestar. Eu acho que uma vez que você faz um texto polêmico você tem que estar pronto para colher críticas positivas e negativas também”, opina.

O comediante ainda ressalta: o limite para fazer uma piada é a própria graça. “Se você faz uma piada que só é crítica, não tem humor nem graça naquilo então eu acho que você errou. A piada tem o seu perdão”, comenta. Nunes revela que, atualmente, é muito comum que o público consiga chegar aos comediantes e contestar aquilo que é falado. Além disso, o humorista ressalta a importância do artista de saber o que está dizendo, para não cair em contradição. “No meu espetáculo abordo muito a questão racial de uma forma divertida, porque tratando de um tema tenso que é o preconceito eu busco coloca-lo de uma maneira engraçada e o legal é que a pessoa ria, mas se ela conseguir refletir sobre aquilo, aí são dois golaços”, explica o humorista, idealizador do AfroBege.

Para Gustavo Suzuki, o tema é complexo e estabelecer regras diante do humor pode ser espinhoso. “Eu acho que por um lado é difícil falar que

existe um limite de liberdade de expressão, mas por outro lado existem coisas que não estão dentro do escopo que a gente considera certo de se dizer. Existe um limite do humor que tem a ver com o que a sociedade quer ouvir e o que você quer dizer”, completa. Apesar das zonas acinzentadas que o humorista pode percorrer, Suzuki vê com bons olhos esse percurso que tem que correr, ressaltando que é necessário que se discuta sobre o que está em torno do que ele chama de corda bamba. “O comediante quando erra, quando cai pro outro lado, atravessou uma linha e quebrou a regra do jogo. Se a sociedade como um todo não gostou do que você falou, é liberdade de expressão da sociedade dizer isso também, ela pode falar de volta. Esse é jogo democrático”, opina.

Diante de situações onde a censura torna-se uma possível ferramenta para “correção política” dos humoristas, Suzuki afirma: “Não queremos nem discurso de ódio e nem censura. O melhor remédio é tentar entender o que as coisas significam, melhorar seu discurso, seu texto e fazer aquilo de um jeito que representa o que você acredita”.

Censura no humor, censura na arte

Apesar de o humor estar distanciado dos holofotes nos debates da censura no mundo das artes, suas polêmicas permeiam os acontecimentos recentes no país. Para o jornalista e cronista João Pereira Coutinho, “se os humoristas se demitirem de remar contra a maré politicamente correta, eles não servem para mais nada”. Segundo ele, que é autor de livros como “Conservadorismo” e “As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários”, “expressões artísticas que não agradam a alguém é, em resumo, a história da arte desde a sua origem. A única forma de não ofendermos ninguém é pela promoção do silêncio e do vazio”. Para ele, a relação entre a produção artística que seja relacionada a um discurso de ódio deve ser tratada como crimes, mas não por meio da censura.

“Esse limite é estabelecido pela lei e pelos tribunais, não pelas ‘massas’, pelas ‘redes sociais’ e por outras manifestações históricas. Se alguém se sente pessoalmente ofendido, pode recorrer para a justiça”, opina o jornalista. “Coisa diferente são grupos que falam em nome de coletividades e que assumem uma única personalidade. Essa é a receita para o totalitarismo”, completa.

Já para a também jornalista e crítica de arte Lisette Lagnado, a democracia e a censura não casam. “Falar de ‘correção política’ já é sinal de

autoritarismo. A sociedade brasileira está vivendo uma atmosfera de rara truculência. Esse furor é amplificado por canais de comunicação que deveriam apresentar análises em vez de repercutir opiniões isoladas e sem fundamento”, opina. “O que falta é educação, orientação, diálogo, faixas etárias indicativas. Um dos papéis das instituições culturais consiste em ter habilidade para transmitir conteúdos considerados mais sensíveis para determinados grupos de visitantes”, completa, fazendo referência às polêmicas nos museus do país.

Assim como o humor, a arte sempre teve um tom provocador, que a jornalista recorda. “Ninguém coloca em questão que o quadro Guernica de Pablo Picasso foi uma denúncia contra os regimes fascistas. A intervenção que eu vejo da vida política brasileira na arte é outra”, comenta a crítica de arte questionando a falta de ética do governo brasileiro. Para ela, faz parte da liberdade de expressão não só expor uma obra, como também refutar sua qualidade e pertinência, mas que o cenário atual não se trata sobre essa dialética. “É uma hipocrisia alardear falsas polêmicas em torno da arte quando sabemos que o acesso à violência pela internet está fora do controle dos pais. A censura e o cerceamento à liberdade são dispositivos que acabam gerando mais preconceito”, comenta.

Questionado sobre a maneira de como enfrentar o atual momento brasileiro, Coutinho é categórico: “O problema do Brasil, e do mundo, foi diagnosticado por Nelson Rodrigues há muitos anos. Dizia ele que, antigamente, ninguém escutava um idiota - e o idiota, coitado, sabia qual era o seu lugar. Acontece que, um dia, o idiota subiu num caixote e começou a discursar. Outros idiotas saíram da clandestinidade e começaram também a pregar”, conta. “O mundo está entregue a idiotas, cheios de ‘som e fúria’. A solução é ignorar os idiotas - e tratá-los à gargalhada”, finaliza o jornalista.

Ciclo para quatro aulas de cinquenta minutos

Leia o seguinte texto:

Onde estamos escondendo o racismo nosso de cada dia?

<https://www.geledes.org.br/onde-estamos-escondendo-o-racismo-nosso-de-cada-dia/> Acesso em 30/01/2020

A Greta tem nome e todos sabem. Por que Vanessa Nakate é apenas uma ativista africana?

Por Andréia Coutinho, do Projeto Colabora/ Greta Thunberg, Vanessa Nakate e outros jovens ativistas durante uma Conferência de Imprensa na COP25, em Madri.

§1 Desde o flagrante da própria Vanessa Nakate diante do apagamento do seu corpo, voz e representatividade negra no Fórum Econômico Mundial, em Davos, militantes, em uma espécie de catarse, se manifestaram em defesa da ativista ugandesa. Mensagens de revolta, ataques violentos à agência de notícias americana Associated Press e infinitos compartilhamentos de notícias, textos e análises. Ao me deparar com a “fogueira” de informações sobre o ocorrido, um questionamento ecoou dentro de mim: onde estamos escondendo nosso racismo?

§2 O caso de Vanessa Nakate veio à tona como um flagrante público da operacionalidade do conceito da raça. Ela estipula como as pessoas são vistas – “ser branco” ou “ser negro” está carregado de uma simbologia de privilégios e de exclusão, respectivamente. Quando a minha cor da pele é associada a uma ancestralidade marginalizada, inferiorizada e excluída, estou diante de uma dimensão social e política, que vai muito além da edição intencional de uma fotografia.

§3 “Má intenção” foi a expressão usada pela Associated Press na tentativa de justificar-se pelo corte fatal feito na imagem da ativista Vanessa Nakate, de Uganda. O racismo, que nada tem a ver com intenções ou com caráter, segue se reinventando com o passar dos anos e dos diferentes contextos geracionais. Um ponto, porém, é unânime: o apagamento literal da população negra.

§4 Apagamos as vozes negras, friamente, cortamos apenas uma representação de ativista negra e jovem do canto esquerdo da veiculação de

uma fotografia, mantendo os cinco jovens brancos. Caro David Ake (diretor de fotografia da AP), por favor, assumo o seu racismo e não se esconda atrás de argumentos sobre “melhor composição da imagem”.

§5 Apagamos as vozes negras quando em uma Conferência das Partes da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UFNCCC), que se diz decisiva, apresenta uma delegação internacional onde majoritariamente prevalece a branquitude. Estive presente na última COP25 e não precisamos de muitas análises para concluir que o apartheid racial é nítido no campo das negociações climáticas. Embora a representação de países do continente africano fosse perceptível, os espaços da cúpula realizada em dezembro de 2019, em Madri, perpetuam uma lógica racista e excludente.

§6 Apagamos as vozes negras quando trazemos a pauta racial para agenda do clima apenas pela ótica das vítimas afetadas, e não temos a mínima preocupação com a pluralidade de atores e protagonistas para participar da linha de frente da tomada de decisão. É só fazer um breve exercício analítico e passear pelas arenas de debate das mudanças climáticas para constatar que a rotatividade de porta-vozes é relativamente baixa, mostrando que essa agenda está inserida num forte campo de disputas político-sociais.

§7 O que aconteceu com a ativista Vanessa Nakate é (mais) um reflexo direto da perversidade do racismo. Em especial, quando a pauta é, especificamente, a trajetória de mulheres negras, não nos faltam similaridades para compartilhar. Todos os dias, no Brasil afora, mulheres negras são silenciadas, apagadas e esvaziadas em suas memórias. Logo, é com muita resistência que caminhamos na contramão das múltiplas opressões, temos driblado os estereótipos de uma sociedade profundamente desigual que nos rouba a dignidade de aparecer em uma foto, de contar nossos percursos e histórias. Nossa negritude incomoda o status quo, vamos seguir em estado incisivo de enfrentamento rumo à construção de políticas, estratégias e práticas antirracistas.

§8 O debate sobre a crise climática traz muitos dados alarmantes e ações emergenciais. O que, porém, é urgente que nos debruçemos é a noção de justiça climática como fator indissociável dessas discussões. É ela que assegura a sobrevivência de populações que são vulneráveis, se reconhecermos a mudança do clima como produto das desigualdades. Logo, trazer representatividade para os campos de diálogo e de decisão da agenda ambiental é imprescindível para que possamos dar passos mais certos rumo

à transformação de um contexto desigual e estruturante no Brasil.

§9 Faço questão de repetir o nome e sobrenome da Vanessa Nakate quantas vezes forem necessárias, pois até nesse detalhe encontramos pontos críticos de atenção. Referir-se a ela como “ativista climática africana” é mais um viés inconsciente que denuncia como o racismo abala processos identitários. Mulheres negras existem, decidem, representam, lutam, agem, transformam, libertam. A compreensão das interseccionalidades por um viés individual e coletivo nos ajuda a visualizar os múltiplos fatores que influem na trajetória da mulher negra, na percepção das limitações, desvantagens e discriminações que nos são impostas em situações cotidianas.

§10 Me identifico com Vanessa Nakate todas as vezes que olho para uma foto de um evento da “bolha climática” e vejo que sou a única mulher negra de um auditório. Há uma parte de mim que é retratada na mídia como vítimas primárias das mudanças climáticas. Outra que busca “representatividade” das novas vozes da luta pelo clima. Ainda estamos distantes de um equilíbrio equitativo e justo, mas estamos caminhando nessa direção. Sou uma e muitas simultaneamente. Sou resistência. Sou luta.

A respeito do parágrafo 1, responda

1) Quem é o sujeito de “se manifestaram em defesa da atividade ugandesa”?

2) Busque deduzir as regras de colocação de vírgula a partir da frase acima.

*Lembre-se de que a ordem direta das frases em português é SVO (sujeito - predicado (verbo e complementos)). Em qualquer inversão dessa ordem, haverá necessidade de vírgulas)

3) Justifique os usos da vírgula nesse parágrafo.

4) Justifique o uso dos dois pontos.

*Lembre-se de que aposto é o acréscimo ou explicação de um elemento da frase. Geralmente é separado por vírgulas, hífen e dois pontos.

A respeito do segundo parágrafo, responda:

5) A quem se refere o termo “ela” presente na segunda frase?

6) Existe aposto nesse trecho? Justifique.

7) Nesse trecho, repetem-se regras de colocação de vírgulas existentes no primeiro trecho?

8) Enumere os adjuntos adnominais presentes no trecho acima.

*Lembre-se de que adjuntos adnominais são classes gramaticais dependentes do nome/substantivo, acrescentando-lhe informações. Atuam como adjuntos adnominais dentro das frases: adjetivos, pronomes, artigos e numerais.

A respeito do terceiro parágrafo, responda:

9) Existe aposto nesse parágrafo? Explique.

10) A quem se refere a palavra “que” presente na segunda frase?

11) Identifique o uso de discurso direto.

*Lembre-se de que os pronomes relativos atuam conectados e substituindo elementos imediatamente anterior a eles. Funcionam como pronomes relativos “que”, “quem”, “o qual”, “a qual”, “os quais”, “as quais”, “onde”, “cujo”, “cuja”, “cujos”, “cujas”. Nunca utilize artigo antes de cujo (a) (s).

*Discurso direto é quando se reproduz fielmente o que foi dito ou escrito por outra pessoa que não o autor do texto.

12) Reescreva este trecho mantendo a mesma estrutura sintática e modificando o sentido.

“Apagamos as vozes negras, friamente, cortamos apenas uma representação de ativista negra e jovem do canto esquerdo da veiculação de uma fotografia, mantendo os cinco jovens brancos. Caro David Ake (diretor de fotografia da AP), por favor, assumo o seu racismo e não se esconda atrás de argumentos sobre “melhor composição da imagem”.”

13) Quantas orações há em “Mulheres negras existem, decidem, representam, lutam, agem, transformam, libertam.”

*Lembre-se que as orações são contadas pela quantidade de verbos na frase e que podem ou não compartilhar o mesmo sujeito.

14) Qual o sujeito da frase “O que aconteceu com a ativista Vanessa Nakate é (mais) um reflexo direto da perversidade do racismo”

15) Quais os sujeitos de “Embora a representação de países do continente africano fosse perceptível, os espaços da cúpula realizada em dezembro de 2019, em Madri, perpetuam uma lógica racista e excludente.” Demonstre as modificações que acontecem em uma frase quando se iniciam por “embora”

Ciclo 16

Ciclo para duas aulas de cinquenta minutos

Os gêneros textuais são um fluxo entre intenções, contextos, interlocutores. O ensino de construção poética em um curso técnico, por exemplo, geralmente é visto como “inútil”, “esdrúxulo”, “perda de tempo”. O senso comum age como se a habilidade em escrever um texto dissertativo só se aplica ao texto dissertativo e não a outros gêneros. O aprender da escrita não se desenvolve em estações restritas. É o caminho todo. A linguagem como objeto de estudo entre o sujeito para si mesmo e para o mundo é fascinante.

Nesse sentido, a escrita criativa também movimentava todos os processos que passam pela construção argumentativa, por exemplo. Na poesia, deslocam-se constantemente os sentidos rotineiros de uma palavra para direções inusitadas. Ainda assim, é fundamental observar a palavra em todos os desdobramentos semânticos que possa ter para que a interpretação encontre seu lugar.

Leia o poema *Das pedras*, de Cora Coralina.

Das pedras
Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.
Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.
Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.
Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos.

Obviamente, o título e a recorrência da palavra “pedra” identificam a direção interpretativa a seguir. A leitura será primeiro de aproximação, primeira impressão. Em seguida, a interpretação básica, a intenção geral do poema. Aprofunda-se esse processo buscando conexões entre situações da vida concreta, em relação a outros textos, experiências pessoais. E os níveis podem ir se aprofundando, buscando a biografia e o contexto histórico de produção do poema, trabalho rítmico. A turma determinará até onde é possível e necessário ir.

Quais são as características da palavra “pedra”? Mineral, dura, seca, inanimada, “tacar pedra”, pedrada... É esse o ponto de partida até o simbólico. É o eu-lírico levou pedradas, juntou-as e formou uma escada... O senso comum até aqui está ativo e efetivo na interpretação. O sentido conotativo de pedra converte-se em incompreensão, ataque, marginalização, situações difíceis, rejeição. Vai emergindo um outro nível. Para que ele se complete, volve-se o olhar para a palavra “flores”, que é o elemento de oposição “delicado”, “perfumado”, “frágil”. Na vizinhança está a palavra “sonho”, algo bom que se deseja, imagina. E com o quê o eu-lírico sonha? “Uma estrada/ um leito/ uma casa/ um companheiro”. Um sonho que não se realiza. A seguir no texto, retoma-se a ideia de construir uma escada com as pedras que lhe atiraram nos versos “quebrando pedras/ plantando flores”, da vida difícil nasce algo delicado como a escrita de poesia.

Observe que há uma sequência de leitura, busca por recorrências, retomadas de sentido, um deslocamento de sentidos que não abstrai totalmente a posição de origem. O pensamento é todo metalinguístico e associativo com a conexão individual de cada aluno. Não é “viajar na maionese”, colocar qualquer coisa ali e fará sentido. Tem método e estímulo vigoroso de processos de linguagem.

No caminho inverso, pode-se solicitar a escrita de um poema a partir de uma palavra escolhida para ser o centro interpretativo. Para acrescentar um pouco mais de informação, apresenta-se a estrutura dos *hai kais*, perfeitos para exercitar densidade e objetividade. Para produzir, terão que interpretar. Seguem exemplos.

1. Pra ser feliz de verdade
É preciso encarar
A realidade.
2. Meu sonho é mixo
Ter a felicidade
Que outros põem no lixo.
3. É meu conforto
Da vida só me tiram
Morto.
4. Eis o meu mal
A vida pra mim
Já não é vital.
5. Com que grandeza
Ele se elevou
Às maiores baixeiras

FERNANDES, **Millôr. Hai-Kais. Porto Alegre:** L&PM Pocket, 1997

(Matsuo Bashô)

1. Quero ainda ver
nas flores do amanhecer
a face de um deus.
2. Vozes das aves
nessas horas, um poeta
não tem mais mundo
3. o brilho da lua
quatro arcos e quatro lições
são apenas uma
4. Finda a primavera
choram pássaros e lágrimas
nos olhos dos peixes

SHMITT-PRYM. **Poemas das trilhas de Bashô.** Editora Bestiário. *e-book*

ENSINO E GÊNERO NOS TEXTOS DAS PESSOAS

Professor de língua portuguesa que não escreve é um hipócrita. Aqui estão textos que produzi como motivador das reflexões em sala de aula. Não é uma postura de intimidação, em que o professor apresenta seu “grande talento”. A intenção é justamente quebrar a ideia de que se é possível alcançar o altar da perfeição. Os estudantes são estimulados a encontrar contradições, problemas de coesão, questionarem a escrita do professor. Isso lhes trará mais confiança em relação ao próprio aprendizado.

O discurso da vergonha

Se você olha descaradamente para o decote, o traseiro, as pernas de suas colegas de trabalho e ainda comenta sobre isso com seus colegas, você é um ignorante. Se a sua justificativa para esse desrespeito é que “olho não tem cerca”, “é ela quem está pedindo”, “porque não se veste feito mulher séria” e, o pior de todos, “eu sou homem”, você é um imbecil. Assim mesmo, sem meias palavras, um imbecil, alguém que não consegue agir com profissionalismo, que se acha melhor pelo único fato de ter nascido com algo que, raramente, ultrapassa quinze centímetros quando “acordado”. Nem mérito isso é. É apenas um acaso genético. As relações humanas são fundadas na linguagem, na comunicação para si e para o outro da dinâmica pessoal e social. O corpo, o verbo, a imagem falam. O teu sorrisinho cínico quando uma colega de trabalho apresenta uma proposta, a tentativa de cortar a fala dela e até de se apropriar das ideias que ela tem são misóginas e desmerecem apenas a você. Se teu discurso inclui frases como “está de tpm”, “é falta de pica”, “é falta de macho”, “lugar de mulher é na cozinha”, “dirigindo mal desse jeito só pode ser mulher”, você não entendeu nada do mundo. E está com medo, medo dessas mulheres que estão chegando com tudo no mercado de trabalho provarem que mérito está na competência e que aquela supremacia que você achava que possuía é mentira.

Em que bases o machista se apoiará quando as mulheres decidirem que ele não decide mais nada sobre elas? No estupro, na agressão verbal, na agressão física e psicológica, na transformação de um local de trabalho em um inferno, até que elas desistam. Algumas desistem, infelizmente, mas, por elas, há outras que enfrentam duas vezes mais barreiras que os homens para alcançarem seus objetivos. E quando conseguem, o colega preconceituoso diz que foi “teste do sofá”. Vaginas sem cérebros, é o que somos? Somos inteiras e não importa a caça contra nossos direitos, não importa a impotência cerebral de homens acuados, venceremos. Nem todo homem é um bebezinho à procura da mamãe que lhe satisfaça os desejos para não dar birra. Esses entendem que homens e mulheres possuem os MESMOS direitos, nem mais nem menos que um ou que a outra.

Esses homens podem contribuir para que o ambiente da empresa seja menos hostil às mulheres não compactuando com piadas machistas, retirando-se da presença do colega que insistir, testemunhar quando uma colega for vítima de assédio, retirar dos critérios de cargos de liderança ser homem. Dividir as tarefas domésticas com suas companheiras como dever e não favor. Nos discursos que tentam impedir o acesso da mulher a cargos de liderança, está o fato de que elas podem ser mães e os filhos vão roubar o tempo da empresa. Percebem o quanto isso é risível? O homem é melhor candidato porque aceita ser escravinho de luxo da corporação? Porque se dedica ao máximo à empresa até que se torne uma coisa dela e não uma pessoa com múltiplos interesses, que é o natural? E ainda utilizam esse argumento para pagar menos às mulheres que exercem a mesma função que os homens, muitas vezes com desempenho superior.

Em um campus bruzundanga, tem professor que é mestre e tem professora com pós-doutorado, com dois filhos que cria sem ajuda de babá e empregada doméstica, que ganha mais do que o marido e é mais nova que o mestre e trabalha desde a adolescência. Qual a desculpa dele? As empresas querem lucrar, querem resultados de excelência, querem estar na liderança, certo? Observe que as empresas que entenderam que não podem desperdiçar talentos já estão flexibilizando horários, construindo creches em suas dependências, colocando mulheres jovens e mais velhas em cargos-chave. Por quê? Porque o foco cada vez mais será no conhecimento e não nos genitais. Querem falar de comunicação empresarial? Então não se pode deixar a discussão sobre gêneros como algo que não tem importância. Deve estar no centro das discussões.

A causa do nascimento

Todos nascemos dentro de uma causa. Sendo o mundo um pântano, um emaranhado e uma correnteza de construções históricas, sociais e ideológicas, já se nasce enredado em uma narrativa prévia de preconceitos em que ninguém escapa de ser réu e algoz. Negro, branco, homem, mulher, brasileiro, chinês, rico pobre, católico, ateu, protestante, cigano, goiano, parto normal, cirúrgico, com pai, sem pai, desejado, não-desejado... Não se acaba o alfabeto que nos conforma a palavra de existir. Não se pode tratar, mais do que poucas sílabas do aspecto interno de cada ser que é, por si só, discurso movente inteiro.

Assim, falarei de mulheres agora. Uma vagina saída de outra em um perpetuar-se de criar e destruir-se. Uma metonímia em que se reduzem as possibilidades. Usará rosa, terá esse nome, será a princesinha, que docinho, que gatinha, o pai vai ter trabalho... Aprendi que, quanto mais se fala profunda e sinceramente de si, mais nos aproximamos dos arquétipos coletivos. Eu, Fernanda, nasci de mãe filha de baianos, em Goiânia, hospital público, 10 de junho, às 23:45. O pai, descendente de portugueses e espanhóis miseráveis, machista, cheio de orgulho de pertencer a uma família de brancos, mesmo que desdentados, semi-analfabetos, em que as mulheres não possuíam o direito de colocar seu sobrenome nos filhos que pariam.

Repare que minha memória está redimensionada pelo meu discurso do que sou no presente: casada, mãe, feminista, acadêmica, bailarina... E há meu ressentimento pela vida que minha mãe teve que suportar e a raiva mal disfarçada do homem que a afundou ainda mais no poço já cavado pelo pai dela. Eu não sabia o que era o conceito de feminismo, de violência contra a mulher. A memória de minha infância, e memória é o resultado das histórias de todos os tempos, é de minha mãe chorar, de não poder ter estudado, de se levantar de madrugada para dar conta de casa, 4 filhos e todos os sobrinhos do marido que já entravam na casa sentindo-se mais importantes que a dona da casa. Portas batendo, gente gritando truco, abusos. Tinha raiva da minha mãe. “Como ela podia aguentar aquilo tudo?” “Que passiva, que covarde, que fraca!”

Meu primeiro feminismo veio antes de eu saber escrever, de uma jura inconsciente de não acabar como minha mãe, de poder cortar os laços com aquela família paterna que me despertava nojo e ódio. E minha mãe,

essa titã que só vim entender décadas depois, sem o saber, me redimia. Ao mesmo tempo em que sonhava com um enxoval de princesa para mim, dizia que os filhos dela estudariam, não seriam pé-rapados ignorantes. E ela entregou sua vida, sua saúde a esse projeto. Incapaz de amar a si mesma, enfrentou a família toda do marido e o marido que desejava que os filhos homens fossem caminhoneiros e as filhas mulheres domésticas trabalhadoras em casa de família até que conseguissem se casar. Nós quatro temos profissão intelectual e titulações acadêmicas hoje.

Minha mãe é minha maior feminista. E a compaixão me fez entender que onde não cabe uma mulher, não cabe nenhuma outra. Minha mãe dizia que a virgindade era o maior trunfo da mulher. E uma profissão também. Nesse poço de contradições, estavam o lodo da sociedade gritando o valor da mulher e as águas de redenção que só jorram do indivíduo. Posso dizer que minha mãe leoa queria tudo, que eu fosse respeitada pela sociedade de quem eu me vingaria pelo conhecimento. Meus irmãos, que aprenderam a cuidar da casa, chamados de “mulherzinhas” pelas hienas que consumiam a paz de nosso lar, são excelentes maridos. Minha mãe foi a maior feminista de todas as feministas que publicaram livros. Porque ela só teve a si mesma e a sua obstinação para não se deixar engolir pela existência que já temos traçada antes mesmo de nascer.

Nunca estará certa uma cultura em que os envolvidos não tenham a escolha de compactuar ou não com ela. A mãe que dilacera o clitóris da filha quer que ela sobreviva porque sabe que ela morrerá se não o fizer. A mãe que ensina à filha que se ela “ceder” e se “perder” ao ter relações sexuais antes de se casar não valerá mais nada, foi treinada para pensar assim. Um ser humano inteiro menor que um hímen. O conceito de violência é inatingível em sua completude como todo conceito. Tenho comigo que violência está onde não conseguimos ver, e se vemos, não podemos falar, e, se falamos, não somos ouvidas, e, se somos ouvidas, morremos por isso.

Uma mulher que diz odiar feministas é a faca contra si mesma. Porque um imaginário misógino pode povoar um corpo feminino, porque esse corpo feminino se rendeu à história oficial. Uma mulher que só possui status social nobre porque “fisgou” um homem, escravizada por ideais românticos que lhe impedem o autoconhecimento, não está apenas na pobreza financeira ou acadêmica. Eu, você, esclarecidas, estudadas, ativistas, estamos legitimando nesse exato momento alguma ação discriminatória contra a mu-

lher. São muitas mãos sobre nosso corpo e nem sempre identificamos quais as que nos beliscam e sangram. É dessas contradições entre o libertar-se e ferir-se na libertação, e a busca pelo descanso quando as forças, psíquicas inclusive, nos abandonam em algum comportamento amplamente aceito que avançaremos. Todos querem ser acolhidos. É por isso que precisamos exercitar a solidariedade sempre. Ser mulher não é fácil, ser mulher e negra é ainda mais difícil, ser mulher negra, nordestina é um tormento. Podemos somar todas as palavras e suas correntes, tonelada por tonelada, sobre nós. Podemos somar todas as palavras e suas chaves também - luta, altivez, irmandade, amor próprio, liberdade. Quero somar essas minhas migalhas com a de todas até que todas tenhamos nosso banquete. A tua pessoa mulher pode ter muitos defeitos. Mas o teu grupo mulher está em busca das suas qualidades. A tua história começou antes de você nascer. Exista de forma que ela continue quando você morrer.

O mundo só existe concretamente na linguagem, porque ele só existe na representação. Cada ser humano tem do mundo o que procurar. Todos nascemos em um ambiente discursivo em que circulam crenças, mentiras, ideologias, verdades provisórias, existências que se entrelaçam e que se iniciam muito antes do ato de nascer. Esse é o ponto de partida. Quem estaciona nele e não redimensiona as próprias bases, que não acrescenta, que não corta, tem do mundo o que lhe foi dado apenas e nunca terá uma vida de autoria. Uma vida de autoria, de autor, é desenhada pelo perguntar, não o perguntar vazio, cheio de pressupostos de respostas, mas perguntar para aprender, perguntar para que novas questões se coloquem, para que o trajeto de resposta nunca chegue a ser conclusivo o suficiente para que a mentira da verdade absoluta se instale.

Se o olhar para o mundo é uma teia de subjetividades, onde fica o comunal, o uso da razão? No outro. Sim, simples assim. Se estamos sempre imersos em nós mesmos e no que acreditamos e conhecemos, o fiel da balança é a subjetividade alheia. Perceber o outro, investigá-lo com todos os sentidos possíveis, apreciá-lo, faz de nós seres humanos capazes de nos expandir além dos nossos reduzidos horizontes. Hannah Arendt, em *A condição humana*, estabelece que o universal só é atingido pela soma dos particulares. Em outras palavras, sozinhos, não representamos a raça humana, mas, coletivamente, nas semelhanças e diferenças, torna-se possível dimensionar a natureza humana, o comum a todos nós. O que nos resta palpável, ainda no pensamento de Hannah Arendt é a **condição humana**. É o corpo presente em um palco histórico, social, cultural, econômico... E se corpos serão assuntos, vamos falar de pensamentos que habitam esses corpos.

De toda essa infinidade pensante e pensativa, destaco a mulher. A mulher e seu corpo no mundo, nos espaços de fala e de poder. E se, nesse exato momento, se faz necessário problematizar a condição da mulher, é porque as condições são injustas. A menina nasce em uma sociedade que estabelece que seu corpo e a casa se misturam. É propriedade familiar nos seus desejos, sonhos ambições, no seu prazer. Entrega-se a ela, junto com seu nascimento, um roteiro do qual não se deveria desviar. Subjetivas, afetivas, melodramáticas, faladeiras, pouco racionais, ruins para a matemática, frágeis, feias até que obedeçam os padrões de beleza vigentes, menores,

invisíveis, inaudíveis, só completas quando um homem lhes oferece um pasaporte para ser gente. Esse é o roteiro. E deve ser quebrado, mutilado, rasgado, agredido até que não exista mais sombras, sopro, resquícios dele. A natureza da mulher é de força, como todo ser humano, de resistência, como todo ser humano. Confundem-se as condições impostas à mulher com sua natureza. Uma pessoa que nunca modifica o seu primeiro ambiente de ideias é um parasita. Um homem que não admite uma mulher em condições de igualdade é um ponto morto não faz a sociedade evoluir. Tenta manter seu lugar de poder e de dono da fala a qualquer custo, tenta engessar as relações sociais para que nada mude, para que tudo se mumifique. Acusa os movimentos de valorização da mulher de cometer os mesmos erros que seu machismo, tenta jogar nas diferenças do corpo as justificativas de sua supremacia.

Uma mulher não precisa carregar um saco de cimento nas costas para provar que pode tanto quanto o homem. Os jegues já faziam isso antes das máquinas serem inventadas, com conhecimentos gerados por engenheiras, inclusive. O machista quer provar que a mulher não consegue ser um animal igual a ele. Ainda bem. Porque o que o movimento feminista reivindica é a mudança das relações de escravos entre patrões e empregados. A mudança é muito mais ampla que um espírito tacaño, medíocre, consegue alcançar. A mudança está na liberdade. Liberdade da mulher de decidir sobre seu corpo, sobre seu prazer, sobre sua profissão, sobre sua fé, sobre a sociedade em que está. Liberdade de pensar.

O movimento feminista não quer simplesmente o direito de usar roupa curta. O que ele quer é uma profunda mudança em que as relações humanas não estabeleçam como pressuposto que o corpo da mulher deve obedecer a certas condições para que seja aprovado. Há um terror de perder o poder. Um terror sentido por aqueles que construíram sua identidade co-dependente da humilhação de outro. Retirada essa relação de dominação, sobra uma meia pessoa, um zumbi, um peso morto. As mulheres estão pleiteando lugares de fala e de poder, sim. Não porque são melhores que os homens, mas porque não são inferiores a ninguém. A mulher quer falar e não ser interrompida, quer participar de decisões, quer se expressar, quer ser ouvida. Não porque ela fala demais, mas porque a burrice é surda. Não porque são carentes de atenção, mas porque a ignorância mata, a cada minuto, mulheres que não conseguiram quebrar aquele roteiro maldito ou porque o

quebraram. Por serem mulheres.

Ser homem é uma natureza, ser machista é uma condição. Se o ser é incapaz de mudar uma condição, é um aborto a desperdiçar oxigênio. Faz-se um estardalhaço imenso em torno da questão do aborto pela mulher, que se silencia o pior de todos os abortos: o do aprender e do pensar. É hora de modificações profundas. É hora de dinamizar, de tornar vivas as relações humanas, de tornar igualitárias, de tornar inteligentes. Nesse movimento, não consegue entrar aquele que senta em um penico dourado acreditando ser o dono das ideias universais. São necessários humanos que sejam e que tenham coragem de se relacionarem sendo suficientes em si mesmos, sem precisarem de esconder o próprio nanismo subindo nos direitos alheios.

Parecerá estranho aos desavisados bem-intencionados a palavra cultura associada à tão horrenda palavra estupro. Surpresa: Nem tudo que é cultural é bom, merece permanência. Nem tudo que é cultural é legítimo. E sim, em nossa sociedade misógina, patriarcal, temos a cultura de que a mulher não é uma pessoa, não é um indivíduo, não é um sujeito, não é gente.

Recentemente, circulou pela rede um filminho em que uma atriz fingia ter quinze anos e solicitava ajuda de homens para chegar em casa e muitos tentaram se aproveitar da jovem. Relendo **Otto Lara Rezende ou Bonitinha mas ordinária** do Nelson Rodrigues, ali está a curra, promovida contra mulheres pobres, pela perversão de poderosos. Ao terminar a leitura, há um breve momento em que duvidamos da deterioração social apresentada pela obra. Breve mesmo. Porque logo me lembro de que há estupros acontecendo exatamente agora, do grande fazendeiro com as “roceirinhas”, do patrão com as “empregadinhas”, do cidadão limpo com a “menina de rua”. Quantas crianças não estão, nesse instante mesmo, sendo abusadas para receberem uma cesta básica, uma boneca de plástico... Quantos pastores, padres, professores, chefes de escola, não abusam constantemente da autoridade que a sociedade lhes investe. Os dados apontam para a informação de que a maior parte dos abusos são perpetrados por familiares das vítimas. Todavia, silenciam o que o “poder econômico”, nas palavras rodrigueanas, pedem para silenciar. A empregada doméstica, a comerciária, a ambulante, a estudante, a religiosa, a mãe de família, a funcionária... quantas histórias foram jogadas garganta abaixo das vítimas para que elas não perdessem seu meio de subsistência...

A palavra cultura entra exatamente nesse contexto, está tão arraigada em nosso imaginário, em nossa sociedade, a concepção de que ao proprietário do dinheiro vale tudo, inclusive se apossar de mulheres, que as vítimas nem sempre conseguem reconhecer como abuso o que sofrem. É algo como “desde que o mundo foi feito... sempre será assim”. Não é passividade da mulher, da menina, é quase uma camisa de força cultural em que se ela “ficar caladinha”, será menos prejudicada.

Há que se romper com isso, há que se solidarizar com as vítimas e não criminalizá-las em nome da ordem e dos bons costumes. Ritinha, uma personagem, foi estuprada pelo chefe da sua mãe, culpabilizada de um cri-

me que não cometeu. Outro personagem, Dr. Werneck, coopta três virgens pobres para que sejam estupradas diante de uma alta sociedade sedenta por esse espetáculo. Coisas de escritor maldito? Não é mesmo.

Ainda ano passado, ouvi uma mulher oferecendo a uma amiga minha, que havia recém parido, que, “se ela quisesse, ela mandava vir do Maranhão, uma menina para cuidar da casa e do neném”. O comércio está nos nossos narizes. Em nossas famílias, quem não terá tias, avós, irmãs, que, se não foram agredidas “até o fim”, foram severamente ameaçadas. Minha mãe me conta que começou a trabalhar em “casa de família” aos oito anos e que ela não podia nem cozinhar um ovo que a patroa a xingava. Um dia, sozinha, limpando a casa, o homem da casa tentou agarrá-la. Ela conseguiu fugir, minha avó brigou por ela. E há essa mulher, mais preocupada em controlar a comida para a empregadinha, que enxergá-la como um ser humano. Há essas mulheres que se sentem no direito de serem protegidas enquanto as “outras”, merecem o que estão passando. Eu já fui assediada por um professor, que cortou minhas notas porque o confrontei. Eu tinha treze anos e minha mãe fez um escândalo na escola até que ele não desse mais aulas para a minha turma. Ainda está nas mãos das mulheres a defesa da honra das filhas. Bem diferente do pai ciumento dos filmes, é a rede de solidariedade feminina que ampara as agredidas.

Complexa a questão, porque as mesmas mulheres que oprimem podem também ser as que protegem. D. Lídia, outra mulher rodrigueana, quer que as filhas se casem, nem que seja por conveniência, “para que sejam normais como todo mundo”, porque a puritana acredita que isso é o melhor para as filhas, enquanto ela mesma se engana, dizendo que seu marido (Werneck) é bom. As relações de poder contra a mulher pesam sempre e cada vez mais. Quando busco meus meninos na escola, veja as mocinhas, negras, em sua maioria, indo buscar os filhos de outras mulheres, e elas “moram” no quartinho de empregada e sabe-se lá o que lhes acontece, foram importadas de alguma região ou família carente. E o que dizer da professora que perde o emprego porque não aceitou o assédio do diretor? Também ela é outra empregadinha. E, qual de nós, mulheres, não foi tratada assim em algum momento? Há as que acham isso uma lisonja, uma reverência a sua beleza e sensualidade. A cultura do estupro faz isso. Que a mulher se sinta feliz por ser alvo da matilha. Eu decidi aprender a atirar. Estou fazendo isso agora. Estragando seu almoço de domingo com essa conversa estranha. Porque eu escolhi ser inde-sejável.

Escrevi esta peça teatral como parte dos meus trabalhos no Pós-Doutorado em Letras e Linguística, buscando apresentar os resultados da pesquisa não só em artigo acadêmico como também pela expressão artística. Uma autora falando de autoras. Ela está aqui porque é mais um exercício de sensibilizar para aprender. Ao mesmo tempo busca apresentar autoras, artistas que são invisibilizadas por um sistema machista que envenena todas as áreas de ação humana. Tenho sempre presente a importância social e afetiva de exercitar a linguagem, seus gêneros e usos no sentido de totalidade, sem hierarquizar, sem fragmentar sua potencialidade e de quem se deixa cativar de propósito pelo seu funcionamento.

Personagens

A escritora

Três bruxas

Três homens, no mínimo

Indicações cênicas

- Vários objetos que a sociedade diz para as feministas usarem, gilete, louças sujas, vassoura, vestido, sapatos de salto altíssimos, espelho quebrado, espelho que não reflete imagem, adjetivos grosseiros em folhas e objetos em que elas esbarrarão toda hora.

- Vestidas de branco borrado de vermelho representando sangue

- Três mulheres, ao fundo, conversando como as três feiticeiras greias, compartilhando o olho do homem até que percebem que não precisam dele. Mexendo o caldeirão das palavras, brincar com a ideia da bruxaria.

- Em semicírculo, uma parede de homens, cada qual com uma identificação de um crítico literário: Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Sabato Magaldi, Anatol Rosenfeld, Mario de Andrade. Ficarão o tempo inteiro a gesticular, a fazer gestos de deboche e condescendência enquanto a escritora fala.

As bruxas recitam

Pelada sem ficar nua
Esconde tua carne de ti
E mostra a um homem que a possua
Vai ter seios, mãos, boca, vagina e pensamento
Teus seios ficam aos homens e pequenos
Tuas mãos à casa e à servidão
Tua boca para provares a comida
Tua vagina aberta à invasão
E teus pensamentos
Teus pensamentos escondidos serão
Que teus olhos não vejam
Que teus ouvidos não escutem
Silêncio nos teus sonhos
Que você nasceu mulher
E em tua testa a sentença
Servir até à morte
E, ao morrer, nunca terá existido.
Eu conheço um Wolfgang
Conhecido por Mozart
Tinha uma irmã Maria Anna
Chamada de Nannerl
Wolfgang era homem
Nannerl era mulher
Mataram o talento dela e dela não se fala
Porque a história é feita de homens
Para homens inspirarem outros homens
Desse caldo te farão tomar até que acredite
Predestinada a ser doce
Predestinada a servir
Predestinada a parir
Predestinada a ser coisa
Mas teu estômago vai revirar
Até que vomite tudo o que te fizeram engolir

Abrem um livro pesado, como invocação, derramam o caldo que fizeram e atrás da parede de homens, saí com um vestido imenso, muitas saias e rodas

A escritora

Meu nome é A ESCRITORA

E eu quero mais do que falar

Quero que me escutem

Quero mais que escrever

Quero que me leiam

E quero mais do que me lerem

Quero que reconheçam o poder da minha palavra

Não escrevo porque falo demais

Escrevo porque sei, porque penso, porque sinto

Escrevo para que o mundo preencha seus espaços vazios

Eu não sou amor, fofa, pendente ao existencialismo

Não quero ficar confinada a perguntas de quem sou, para onde vou

Quero contar minhas histórias e fazer você saber o que eu já sei

Quero que você saiba que eu sei saber

Que minhas palavras nascem da razão e que são operárias na minha construção

Eu sou mulher

Primeira coisa que notaram

Isso muda tudo, não é?

Tudo o que eu falo é uma mulher falando,

Não se respeita isso, não é mesmo?

Todo o processo de reflexão se transforma em seus ouvidos em mimimi, quer ganhar um osso

Aceita um macho, dona? Seus hormônios estão confusos e você está achando que pode pensar

MAS NÃO PODE!

Não pense, procrie.

Minha mãe começou a fazer meu enxoval quando eu tinha três anos

Minha missão já estava pronta

Encontrar um homem que me quisesse.

Mas minha mãe, que não pode ser gente, porque nasceu mulher

Escondeu seus sonhos e desejos no fundo do autômato em que se transfor-

ma o que não é visto
Mas algo ali não se perdeu
Ela queria que sua filha tivesse estudo
Foi feitiço contra feitiço
O mundo me viu chegar como mais uma criada muda
Minha mãe se ressentiu e me mandou estudar
Descobri homens incríveis, que me inspiraram, que me trouxeram as palavras
Machado de Assis, Luís Fernando Veríssimo, Guimarães Rosa, Tchekov,
Nelson Rodrigues, Shakespeare, Lima Barreto, João Cabral de Melo Neto,
Hemingway, Ferreira Gullar, Euclides da Cunha, José de Alencar, Dostoi-
vski, Umberto Eco, Eça de Queirós, Visconde de Taunay, Mário de Andra-
de, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Graci-
liano Ramos, Monteiro Lobato...
Nunca havia conhecido nenhuma mulher na coleção Ediouro
Nunca conheci nenhuma mulher no ensino fundamental
Nunca conheci nenhuma mulher no ensino médio
Nunca conheci uma escritora pelos professores de Letras da Graduação
Eu estava sendo educada pela profissão das mulheres, professoras, pelos
livros dos homens
Uma mulher escrevendo sobre autoras mulheres era uma maldição, loucura
alimentando vazios.
E o mundo e sua máquina nunca paravam
Mulher poderia escrever para criança
Mulher poderia escrever ensinando valores bonitinhos para criancinhas
Mulher quase podia chegar até o público adolescente
Tem aí Ana Clara Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga que deixam a gente
ler na escolinha e até uma Ilha perdida da Maria José Dupré ou a Montanha
Partida da Odette Barros Mott, aventuras escritas por mulheres para crianças
Maaas, o mundo e seus homens
Me proibiam de dizer palavrões
Arrancavam lágrimas e sangue de minha mãe que envergava e voltava,
E voltava com menos intensidade a cada vez,
O mundo e seus homens descobriu a menina no canto
Penico de porra de qualquer parente
A confraria dos abutres que não para de sobrevoar
Até que o primeiro pouse e todos os outros em seguida

Deus é masculino?

Jesus, o filho da mulher, é homem?

E o que a gente faz?

Apenas chora e suporta?

Apenas sofre porque mulher é toda coração?

NÃO!

Eu sou a escritora

E essa é a minha história

Também pode me chamar de Nannerl, a artista irmã de Wolfgang ... Mozart

Você não a conhece porque a borracha da história é homem

Você não a conhece porque suas mãos ao piano eram roubadas ao trabalho do lar

SACRILÉGIO!

Você ouviu falar dos autores homens

Mas conhece Cristine de Pisan, Virginia Woolf, Cecília Meireles, Carolina

Maria de Jesus, Heloísa Seixas, Fernanda Young, Sofonisba Anguissola, Camille

Claudiel, Nísia Floresta Brasileira, Ana de Barandas, Maria Firmina

dos Reis, Júlia Lopes de Almeida, Ana Muylaert, Bia Lessa, Edla Van Steen,

Jandira Martini? Você já ouviu falar da Anita Mafalti. Mas você já ouviu

muito mais dos chifres que ela levou do Oswald de Andrade

Mulher, para entrar na história, precisa ser pano de fundo, pano de chão

Queriam mulheres me inspirando

Mas elas estavam encarceradas, seus registros queimados, suas língua costu-

radas em seus grelos, Com mãos de pedra a trancarem suas bocas

Elas não podiam chegar até mim

Seus livros eram poucos, as bibliotecas não compravam, as editoras não

publicavam

E acabei só conhecendo autores homens

O livro didático, às vezes escrito por mulher,

Só trazia autores homens

O vestibular, só autores homens

Seleção para mestrado? Só autores homens

Aceitaram a Clarice Lispector e a Cecília Meireles

Porque eles pensavam que era escrita de mulherzinha

Veja só, não tem muita ação, fala de coisas que a maioria acha sem sentido,

fala de coisas existenciais, não fala de política, poder ou manipulação pelo

sexo. Elas podem vir aqui em uma seleção ou outra, elas podem aparecer

em algum manual

Algo que não é longe da culinária, regras de bons modos e moral paralisante
Fernanda Botelho, onde você estava?

Onde você estava Hilda Hilst?

Onde eu poderia te encontrar, Leilah Assumpção?

Maria Adelaide Amaral, quem iria me contar que você não escrevia apenas
novela para a TV?

Nenhuma professora me apresentou

E, na graduação, professoras falavam delas. Professores, não.

Olha aí na lista da sua prova. A maioria é de professoras, mas a bibliografia
de entrada só tem homens

Mulher só pode ser vista no gueto das mulheres.

Estão saindo, quebrando portas e janelas, ganhando sol e ar

Mas J.K. Rowling assinou assim porque nada mudou tanto, certo?

Mulher no mercado de autores?

Mulher para público geral?

Mulher que não fala só de mulher?

Melhor não contar.

Eu sou uma escritora

Educada, a maior parte do tempo, pelos homens autores

Eles me disseram como são as mulheres

Vaidosas, fúteis, manipuladoras, sensuais, destruidoras da ordem, defensoras
da ordem patriarcal

Como pesam todas essas roupas

Pesam na escritora que deve aprender muito mais para não repetir o que
aprendeu sobre si pelos homens

Porque nem queria que o texto tivesse gênero sexual, nem queria falar que
quem escreveu foi homem ou mulher

Queria era ver o nome das autoras tão estampado e representado quanto
dos autores

E queria que rompessem com os paradigmas que colocaram dentro delas
para que escrevessem sobre o que bem entendessem e quisessem.

Um texto andrógino como o queria Virginia Woolf, contando uma boa história,
jogando com a linguagem e os sentidos

Mas o texto mora no mundo

E o mundo é uma casa cheia de quartos trancados. Mal se quebra uma por-

ta, as outras todas recebem um cadeado extra.

Eu sou uma escritora

Quero ser lida

Ouvida

Falada

Pensada

Tome aqui esse vestido

Não quero mais

Tome aqui essa calça

Não quero mais

Quero meu corpo assim no meu livro

Porque, fora do livro,

O mercado é homem

Tantos homens assinaram obras de suas mulheres, filhas, mães, criadas...

Penso que essa morte por desgosto é a pior

Greias entram e dançam ao redor da escritora recitando essas palavras. As exclamações, os homens gritam e aprisionam a escritora, segurando-a pelos braços, tampando sua boca.

Mulheres nascem todos os dias

Homens nascem todos os dias

Os homens ganham um berço com janelas

As mulheres ganham uma ostra

Os homens recebem termos de posse

As mulheres recebem ordens

E a mulher que pula para o berço de janelas

A mulher que não sofre para produzir sua pérola

É puta! É puta! É puta! É puta

É sapatão! É macaca! É vagabunda!

Justifique-se! Desculpe-se!

Mulheres nascem todos os dias

Homens nascem todos os dias

As meninas desejam meninos para existirem em glória

Os meninos desejam conquistar o mundo e, as meninas dentro deles, escolhem por cor e tamanho

Mulheres ganham princesas em sapatos apertados

Homens ganham castelos e as fábricas de calçados
Mulheres nascem todos os dias
Homens nascem todos os dias
Mulheres são colocadas dentro da casa sem direito a quintal
Homens são colocados na histórias
Homens são exatos
Mulheres são de humanas
Homens são racionais
Mulheres são loucas
Homens são práticos
Mulheres são fracas
Moças querem amor
Homens querem sexo
Moças necessitam de um
Homens têm quantas quiserem
Homens têm paus
Mulheres são apedrejadas
Homens matam mulheres
Matam o corpo, a memória, o sonho

A escritora se liberta e já está descabelada, descomposta. Enquanto fala, tira espartilho, arranca alguns tecidos da saia

Eu sou a escritora
Eu digo
NÃO!
Eu sou a escritora
Sou eu quem vai gritar
CALA A BOCA!
Dos meus lábios saem fogo, equações, música, desvario e razão
Eu falo por mim
CALA A BOCA!
O que escrevo não é amor
O que escrevo não é inferior
O que escrevo não é arremedo
Eu escrevo por mim

Eu berro

NÃO!

Não explique o que acabei de dizer

Não me interrompa enquanto fala

Não finja que não estou aqui

Não ria do meu desespero

Não me ataque e me faça parecer louca

Não seja paternal

CALA A BOCA!

Não sou criança, não sou menor, não sou cristal

Eu sou forjada em aço, pedra e sangue

Você não queria

Mas eu estou aqui!

E outras mais virão

E nunca cessarão de chegar!

Entenda, sou uma autora

Uma autora como você, Barbara Heliodora

Porque você não fala de mim?

Sou uma autora e fico na estante de baixo

Você fala de liberdade e humanidade no teatro

Por que me cala?

Eu não quero ficar confinada a atriz

Quero escrever, produzir, dirigir

Criar é ato supremo do pensar

E mulher pode atuar à flor das emoções no palco

Mandar nele, não?

Entendo Maria Adelaide Amaral

Os amigos são mais importantes que as imposições da família

Suas peças de teatro falam de mulheres fortes

Valentes, que enfrentaram o mundo para se realizarem

Terem uma profissão e serem bem-sucedidas nela

Entendo a mágoa de Hilda Hilst por não ser lida por muitos

Os rótulos chegaram aos leitores antes dela

E zombou do mercado editorial, com seu escárnio pornográfico

Provou sua tese de que putaria mal escrita vende mais que o texto de qualidade

Entendo Leilah Assumpção e seu “fala baixo se não eu grito”

As mulheres que retrata, sempre deslocadas, a um fio de perderem o conforto da auto-alienação
Elas escreveram e escrevem sobre o que as sufoca
Por que ler? Por que escrever?
O mundo é um caos preso em fronteiras
O ser humano é o mundo colocado para dentro
Quando alguém fala, milhões falam por sua voz, por seus gestos
Unidos pela história e pela linha tortuosa entre o nascer e morrer
Quando choro, mil outras lágrimas escreveram o mesmo percurso das minhas
Tudo o que o ser humano constrói o denuncia.
A arte é o contrário do que o senso comum ensina
Ela não é a fuga da realidade
É a sua verdadeira construção
A saga de um personagem
A narrativa que apresenta ações e impressões
O poema que educa na linguagem e na apresentação do mundo
O teatro que coloca no seu eterno presente o que os outros,
Que somos nós, significamos
Ler é desvelar-se, é ver-se dito
Escrever é a mesma maré de ler
Está no movimento de ondas que vão para que outras cheguem
Escrever é processo mais difícil, porque, para acontecer, as palavras devem chegar em coreografia
Obedecer o que o pensamento já intuiu antes de ganhar forma
É colocar-se o espelho dos espelhos à frente
Escrever é refletir-se, é movimento ordenador.
E ninguém escreve para si.
Mesmo o diário é a mentira bem contada
Da escrita e leitura iniciarem e terminarem em uma única pessoa
O diário é o registro para a outra pessoa de mim mesmo que virá.
Ao ponto final, o autor não é o mesmo do leitor.
A autora escreve pressentindo, entranhando, o seu leitor e leitora potenciais.
Escrever é manipular a percepção do outro.
Para existir, não basta ter um corpo
É preciso que esse corpo esteja nas retinas e tímpanos de outros
Para que ele se expanda, se consolide, se complete

Eu sou uma escritora e quero existir
E quero existir no que escrevo
Se o que sou está ali, quero ser em liberdade
Sem a interferência de adjetivo, crítica ou preconceitos que chegam antes
de mim
Eu sou uma escritora
E um dia
Não precisarei berrar isso
Porque o único corpo a ser avaliado e recebido
Será meu texto
A cada cadeado, outras escritoras virão com a chave
Só assim, a arte libertará
Só assim, a história será justa
Só assim, o mercado entenderá
Mulheres nascem todos os dias
Homens nascem todos os dias
A igualdade é que morre a cada nascimento
Quando um homem ganha navios
Para que a mulher seja o mar
Quando um homem ganha a viagem
E a mulher a espera
Quando um homem ganha um nobel
E a mulher uma menção honrosa
Quando um homem é punhal
E a mulher ferida
Eu sou uma escritora
E quero ser gente
Eu sou uma escritora
Não quero ser mais que o homem
Não quero ser menos que o homem
Quero ser, existir, escrever
Eu sou a escritora e eu existo em todas as épocas
As minhas irmãs tiveram seus registros queimados
E parece que nascemos há pouco tempo
Mas estamos aqui desde sempre
E não nos queimarão mais.

‘Os homens finalmente conseguem colocar-lhe a camisa de força e máscara e começam a grudar-lhe as placas com LOUCA, HISTÉRICA, BURRA, IGNORANTE, IDIOTA, MAL AMADA, FEIA, AMARGA, SOZINHA. Colocarão à frente do palco “NÃO HÁ VAGAS”. E sairão do palco.

Enquanto isso, as bruxas dançam ao som de uma voz recitando trechos das obras de Hilda Hilst, Leilah Assumpção, Maria Adelaide Amaral.

Trecho Hilda Hilst

AMÉRICA (profundamente comovida, lenta, mas não como alguém que se sente derrotado, muito como alguém que sofre piedade e extrema lucidez):

De luto esta manhã e as outras
As mais claras que hão de vir,
Aqueles onde vereis o vosso cão deitado
E aquecido de terra. De luto esta manhã
Por vós, por vossos filhos
E não pelo meu canto nem por mim
Que apesar de vós ainda canto.
Terra, deito a minha boca sobre ti.
Não tenho mais irmãos
A fúria do meu tempo separou-nos
E há entre nós uma extensão de pedra.
Orfeu apodrece
Luminoso de asas e de vermes
E ainda assim meus ouvidos recebem
A limpidez de um som, meus ouvidos
Bigorna distendida e humana sob o sol.
Recordo a ingênua alegria de falar-vos.
E se falei
Foi para trazer de volta aos nossos olhos
A castidade do olhar que a infância vos trazia.
Mas só tem sido meu, esse olho do dia. (p. 69)

Trecho Maria Adelaide Amaral

CHIQUINHA – A mim ninguém me deu nada e Gualberto nunca passou fome!
MARIA – A senhora tinha um ofício! Eu não sei fazer nada!

CHIQUINHA – Pois aprenda! Como eu aprendi, como sua irmã aprendeu, hoje em dia é tudo mais fácil! Eu não estou ajudando você em nada te dando uma mesada, minha filha! E você deveria me conhecer melhor pra saber que não suporto parasitas, sejam eles meus filhos, sejam eles quem forem! (p. 102)

CHIQUINHA – (Magoada) Eu não preciso disso, Maria. Eu não lutei minha vida inteira para pedir perdão aos meus filhos pelo que fiz ou deixei de fazer! O que está feito, está feito. Se tiverem forças pra reagir, reajam! Se não tiverem, sucumbam! Mas não joguem sobre mim a responsabilidade dos seus atos! Respeitem a minha velhice, a minha luta e o meu sofrimento! (Apontando a porta.) Ou então vão embora e não apareçam nunca mais! (p.104)

CHIQUINHA – Ele pode me prejudicar, mas não vai nunca me calar! Ele pode mandar o irmão atrás do moleque que vende as minhas partituras, pode fechar portas, cerrar janelas, mas vai ter que continuar ouvindo minhas composições! Eles decretaram minha morte, mas não conseguiram me matar! Eles são muito fortes, mas à minha maneira, eu sou mais! (Avança para o piano.) E sabe por quê? Porque uma mulher da minha condição, que fez o que eu fiz, e chegou onde eu cheguei, não tem mais nada a perder! (Senta-se ao piano.) E graças a Deus, tenho muitos amigos! (Começa a tocar Querida por todos. Toca satisfeita). (p.35 e 36)

Trecho Leilah Assumpção

Mariazinha, o que você fez hoje? Você só fez boas ações, Mariazinha? É... você é uma boa menina, Mariazinha... Aí... hoje foi um dia bom, como sempre, bênção, bênção, tudo em ordem. Deus te abençoe querido, tudo em ordem. (p.101)

Vai embora! Fica quieto! Que é que você quer, pelo amor de Deus. Não pode fazer isso comigo, não pode! Não pode aparecer de repente e ficar falando essas coisas! Vai embora! Não pode! Eu não escuto e não entendo! Não me deixa ver a cor que eu quero! Eu não escuto! Eu não escuto e não entendo e não tenho a obrigação de entender! (p.113)

Imagine só! Minha filha dá muito mais! Quem você acha que pagou a reforma da torre? Meu genro, é claro. Ela casou muito bem, Maria Alice...valeu a pena o zelo que tivemos! Belo casamento. Não foi à toa que a criamos dentro da estufa. Obrigávamos os meninos a acompanhá-la no cinema, nas brincadeiras dançantes, nas quermesses, em tudo! O Jorginho, então, foi um verdadeiro guarda-costas...

Após a saída dos homens, desamarram a escritora, que zonza, sentada no chão, recita enquanto fecham as cortinas.

O que tem é muito vitimismo
Não é porque eu sou mulher
Falta qualidade na minha obra
Falta-me o pulso da narrativa
Falta-me a clareza das ações

Não é porque eu sou mulher
Todos têm dificuldade
São autores clássicos
Não falaram de mulheres porque não escreviam
Preciso de um mentor
Quanto vitimismo
Só preciso me esforçar mais
E nem devo ser boa o bastante.

Segurando uma pedra verde

Essa pedra, essa pedra, eu achava que era verde, verde, verde!
Mas ela é azul
Ou vermelha
Eu via verde, mas eles me mostraram o quanto eu estava errada
Não é verde, essa pedra é azul
Ou vermelha,
Mas não importa
Nada importa
Eu não me importo
Ninguém se importa
Azul, azul, azul, azul

II ATO

Escritora
Dos meus dedos escorrem pedras imensas de sal
Tento quebrar as paredes da sala para o ar
A cada passo que construo dois empurrões me fazem recuar
E os homens me protegem do que me faz mal

Há tantas luas que choro sem saber
Andando contra meus pés sem entender
Sentindo falta de tanta coisa que não sei
Afogada em tecidos e laços de anzol
Querendo ver um pouco mais sem me envergonhar do sol

Quase me despedaço na amargura da aceitação

Tantas voltas o mundo deu que me torceu a criação
Não posso dizer do meu tamanho e talento
Porque foram tantos ãos atirados em meu colo
Tantas mentiras de que não posso que já nem mais tento

Onde está o mal que fiz ao mundo
Que criatura cruel e horrível devo ser
Para tantas surras, sofrimento e agonias merecer
Trancada nos julgamentos de homens, mulheres feitas homens
Desejo todos os dias revogar o direito de nascer
Se viva não posso viver
Se viva não posso ser livre
Se viva não posso escolher
Se viva não posso ser tudo o que eu poderia ser

Sendo tão pouco
Sendo quase nada
Sendo tão pequeno
Como caber tendo essa alma que tenho?

Escritor

Fique calma que essa aflição não é sua culpa
Você é uma criatura de sentimentos fracos
Com a cabeça cheia de detalhes em que nada importante ocupa
Está perdida, eu sei, estou aqui para te conduzir
Logo saberá que seu tamanho é caber, nunca transgredir

Você está doente, seus nervos são um fracasso
Acha que consegue o que só o homem faz
Mulher, deixe de tolice, que vida feliz a sua
Sem se preocupar, apenas cuidar do que tua barriga procura
Tua barriga busca o que tua vagina permite e seduz
Filhos, casa, obediência, choro eterno sobre uma cruz

Receba da minha mão essa chave
Estás presa em delírio

Crete de que ser pouco é martírio
Você não tem tamanho, força ou lucidez
Para entrar na história fazendo tudo o que o homem fez

Senta, bebe água, a água da aceitação
Pode até escrever para os filhinhos
Algo menos profundo sobre moral e religião
Mas não se meta, ó, não se atreva
A falar de política, aventura, do mundo

Isso é homem quem faz
E mulher só se satisfaz
Quando atrair um homem capaz
De pagar as contas, afastar outros homens
Ser cabeça, ser razão, enquanto a mulher passa invisível
Sendo tola, ouvindo a “voz do coração” (ironia)

Escritora

De tudo isso eu sei e sei bem ensinado
Mas eu queria ter o tempo que me foi roubado
Os tempos são outros, outras as roupas
Outras as leis, outras as cirandas
Mas tudo é muito o mesmo
Sem nossos nomes no passado
Labirintos em nosso presente
Porque preciso passar por tantos desvios
Se o homem recebe uma linha reta para seu destino

Escritor

Tudo bem, eu deixo, pode escrever para cadernos femininos
Pode se reunir a outras mulheres para falarem de mulheres
Em uma roda gigante infinita a colecionar brincos
De mulheres falando de feminismo e feminino
Do lado importante ficamos nós homens
Feito rodas de carro veloz realmente indo para algum lugar

Olhe, aperte os olhos, a muitos quilômetros a sua frente
Estarei fazendo o progresso, a tecnologia, indo de propulsão a jato
De vez em quando, voltarei, com pena das suas saias e altos saltos
E ensinarei o conceito do feminino e a ciência dos gêneros e o que são
Carregarei suas notas, farei acurada revisão e depois, querida, depois,
(dança ao redor dela, dance of the knights , prokofiev)
Lançarei ao fogo teu nome e colocarei o meu na sua criação
Criação é coisa masculina, você bem sabe
Tome a tua roda de dança e gira, mulher, gira até cair, baterei a porta quando sair

Escritora (com um livro na mão)
Tão boa essa Josephina Álvares de Azevedo
Tão boa essa Consuelo de Castro
Tão boa essa Vange Leonel,
(Louca) mas onde estão seus nomes nesses livros todos?
Se elas existem, porque não existem?
Se elas são, porque não estão?
Se elas tão bem escrevem porque não aparecem
Ficam sentados em suas mesas de madeira e metal
Falam maravilhas das mulheres e suas criações
Trancam as portas e janelas
(mussorgsky-night on bald mountain)
E cheiram entre si nossos odores
Mas lá fora, na multidão de leitores
Onde corre dinheiro, reconhecimento e validação
Ali tudo nos impede de chegar sem purgação
Que todos os críticos nos leiam sem condescendência
Que todos os homens leiam nossas obras sem olhar debaixo de nossas saias
Que todos os leitores quebrem as vidraças e nos encontrem
Que as mulheres já se encontraram nessa ciranda
Que as mulheres já chegaram até a varanda
Que as mulheres estão com a mão no portão
Que as mulheres, loucas e frágeis,
Escreveram personagens, histórias, poemas
Rasgaram a reza, o purgatório e o inferno
Que as mulheres sempre foram suficientes

Até quando lhes arrancavam os pedaços da carne e da identidade
Deixa a gente sair da casa, deixa a gente entrar no mercado
Que as mulheres estão com os pés nas ruas
Que as mulheres estão chegando às outras portas
Que as mulheres estão na universidade
Que as mulheres vão roubar a cidade
Que as mulheres chegarão
Onde os homens estão
E então seremos iguais
E então seremos tais
E então seremos quais
E então nossa escrita não terá saia ou chapéu
Apenas a mão livre sobre o papel

Escritor

Você precisa descansar (vai levando-a para o fundo da cena, ela, ao fica de costas para a plateia, terá um livro preso no cós da saia e uma faca na mão)

Precisa dormir e acordar do seu sonho ruim
Não vá estragar esse corpo que te emprestei
Ou arruinar o castelo em que te guardei
Deita, criança, que logo os outros bebês acordarão
Deita, descansa, coitada
Não aguenta tanta pressão
Relaxa um pouco que teu príncipe
Teu anjo, teu mestre, teu senhor, teu guardião
Vai fechar a porta para nenhum mal entrar

Quando ele sair, ela se levanta e vai até a mesa e começa a escrever (computador ou caneta, compulsivamente e começa a atirar, em seguida, papéis na plateia (thchaikovsky, marche slave) nesses papéis, trechos de obras escritas de teatro por mulheres, talvez contendo os trechos que foram gravados

CONCLUSÃO

O livro busca apresentar módulos que se conectam pela beleza de se estudar nossa língua portuguesa do Brasil. Nenhuma aula é igual a outra, mesmo utilizando o mesmo material. E isso é o lindo de se ensinar. As pessoas são elemento estruturante de todo conteúdo e há sempre uma descoberta que a linguagem esconde em si, como cubo mágico em que cada movimento oferece novas combinações. Contudo, o objetivo é diferente. Não é alcançar a linearidade dos iguais, são as combinações. Lembre-se de que possuímos uma quantidade finita de fonemas construindo o infinito de se comunicar. E que nas páginas de um livro de outro, o seu já está anunciado. Abraço!

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 25 a 29.

CAVALCANTI, Heloísa. **Humor, censura e correção política.**
<https://gente.ig.com.br/cultura/2017-12-08/humor-censura-correcao-politica.html> Acessado em 20/07/2019

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre.** Rio de Janeiro: Editora Global, 2015

COLLUCI, Cláudia. **País registra 10 estupros coletivos por dia; notificações dobram em 5 anos.** Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1911346-pais-registra-10-estupros-coletivos-por-dia-notificacoes-dobram-em-5-anos.shtml>
Acessado em 20/08/2017.

CONKÁ, Carol. **Tombei.** Rio de Janeiro: Sony Music, 2014.

COUTINHO, Andrea. **Onde estamos escondendo o racismo nosso de cada dia?**
<https://www.geledes.org.br/onde-estamos-escondendo-o-racismo-nosso-de-cada-dia/> Acessado em 30/01/2020

CRESCER. **Não engula o choro: campanha quer combater violência contra crianças.**
<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Seguranca/noticia/2018/05/nao-engula-o-choro-campanha-quer-combater-violencia-contracrianças.html> Acessado em 07/05/2018

CUSTÓDIO, Túlio. **A meritocracia de quem larga tudo para fazer o que gosta é branca e masculina.** <https://www.geledes.org.br/meritocracia-de-quem-larga-tudo-para-fazer-o-que-gosta-e-branca-e-masculina/>
Acessado 30/06/2017.

FERNANDES, Millôr. **Hai-Kais**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997.

GOETHE. **Sete coisas que você precisa saber sobre as imagens da escravidão no Brasil**. MC Carol. 100% feminista, 2016 (<https://www.geludes.org.br/sete-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-as-imagens-da-escravidao-no-brasil/> Acessado em: 29/04/2018)

RARA, Preta. **Preta sim**. Rio de Janeiro: Audácia, 2015

RIBEIRO, Djamilá. **Quem tem medo do feminismo negro?**. RJ: Companhia das Letras, 2018.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: A ciência vista como uma vela no escuro**. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006)

SHMITT-PRYM. **Poemas das trilhas de Bashô**. Editora Bestiário. *E-book*

SONTAG, Susan. **Diante da Dor dos Outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TRIGUEIRO, André. **Planejamento e vontade política são as saídas para resolver os lixões**. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/andre-trigueiro/2018/03/planejamento-e-vontade-politica-sao-as-saidas-para-resolver-os-lixoes.shtml> Acessado em 12/05/2018.

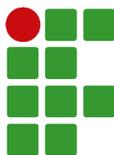
VARELLA, Dráuzio. **Triste que a internet esteja sujeita a nos expor aos desígnios de imbecis**. Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/colunas/drauzio-varella/2016/10/1822829-triste-que-a-internet-esteja-sujeita-a-nos-expor-aos-designios-de-imbecis.shtml> Acessado em 15/01/2017

Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira é doutora em Letras e Linguística e realizou o pós-doutorado pela Universidade Federal de Goiás. Trabalha com as relações entre arte e linguagem, gênero e linguagem e construção de materiais didáticos. É autora, dentre outros, dos livros **Canto e Corte** - a épica e o drama nas vozes de Cecília Meireles e João Cabral de Melo Neto (2006), **As santas quebradas** - violência contra a mulher pela voz das vítimas (2010), **A princesa sozinha no apartamento** (2011), **Ela Bela Cela** (2011), **Travesseiro de professor** (2013), **Teatros de Ensinar** (2015), **Pequenos poemas escritos a dedo** (2020). Poetisa, autora de teatro e bailarina em busca do exercício de linguagem que aproxima e desconstrói relações de poder. Professora há mais de 26 anos e está há 14 anos na rede de Institutos Federais. Atua no Instituto Federal de Brasília – Campus Samambaia. Mãe de Yan Miguel e Yanne Fernanda, poemas perfeitos.

Essa obra é modular. Pode-se utilizá-la pelo fluxo do leitor ou pela sequência em que são apresentados os conteúdos. São propostas de aulas e textos já experimentados em minha prática profissional. O primeiro momento é todo fundado em reflexões a respeito da língua portuguesa e seu ensino formal. O segundo, textos provocativos a respeito de questões sociais necessárias ao ensino de linguagem. Em seguida, proposição de ciclos de aulas a serem desenvolvidas pelos profissionais de Letras. No arremate, uma brincadeira entre gêneros textuais, uma peça de teatro que disserta.

Seu público-alvo são cursos de formação técnica, de ensino médio e, sempre, para o interessado em imergir de propósito nas engrenagens da linguagem. Os textos escritos e os selecionados para estudo referem-se a temas que gritam aos ouvidos de todo cidadão, partindo da premissa que só se modificam estruturas no redimensionamento dos sentidos.





INSTITUTO FEDERAL
Brasília

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

ISBN: 978-85-64124-80-6

CD



9 788564 124806